

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CLAUDECIR BARBOSA DA SILVA

**OLHARES JUVENIS: ESTUDO SOBRE SOCIABILIDADE E PARTICIPAÇÃO
SOCIAL DOS JOVENS DA PASTORAL CATÓLICA DE PAROBÉ**

SÃO LEOPOLDO

2007

CLAUDECIR BARBOSA DA SILVA

**OLHARES JUVENIS: ESTUDO SOBRE SOCIABILIDADE E PARTICIPAÇÃO
SOCIAL DOS JOVENS DA PASTORAL CATÓLICA DE PAROBÉ**

**Dissertação apresentada à universidade
do Vale do Rio dos Sinos como requisito
parcial para obtenção do título de mestre
em ciências sociais.**

Orientador: Dr. Carlos A. Gadea

SÃO LEOPOLDO

2007

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a sociabilidade juvenil e a participação social dos jovens da pastoral da juventude católica do município de Parobé (Rio Grande do Sul), observando-se especificamente o grupo MOJOG (Movimento Jovens do Guarujá), existente a mais de vinte anos. Analisam-se as formas que atualmente os jovens se inserem em seu contexto social, a sua forma de manifestação em quanto indivíduo comunitário e a sua sociabilidade tanto dentro como fora do grupo. Além disso, busca-se observar até que ponto pode se sustentar que o MOJOG, dos anos 80 e o atual, pode ser inserido dentro das teorias dos movimentos sociais clássicos e dos novos movimentos sociais. Para tal observação se traça um parâmetro entre as formas de manifestações expressa pelos ex-jovens do MOJOG da década de 80 e aquelas trazidas pelos atuais participantes do referido grupo. Para dar conta deste objetivo se realiza um estudo sobre os movimentos sociais clássicos e os novos movimentos sociais, um resgate histórico tanto da igreja católica como da Pastoral da Juventude dos anos 30 até hoje e uma análise sobre as teorias que tratam dos conceitos: juventude, igreja e movimentos sociais.

Palavras chave: Movimentos sociais, sociabilidade, juventude e participação social.

RESUMO

El presente trabajo es un estudio sobre la sociabilidad juvenil y la participación social de los jóvenes de la pastoral de la juventud católica del municipio de Parobé (Río Grande del Sur), observándose específicamente el grupo MOJOG (Movimiento Jóvenes de Guaruja), existente hace más de veinte años. Se analizan las formas que actualmente los jóvenes se integran en su contexto social, su forma de manifestación en cuanto individuo comunitario y su sociabilidad tanto dentro como fuera del grupo. Además de eso, se busca observar hasta qué punto se puede sostener que el MOJOG, de los años 80 y el actual, puede ser incluido dentro de las teorías de los movimientos sociales clásicos y de los nuevos movimientos sociales. Para tal observación se traza un parámetro entre las formas de manifestaciones expresadas por los ex-jóvenes del MOJOG de la década de 80 y aquellas traídas por los actuales participantes del referido grupo. Para dar cuenta de ese objetivo se realiza un estudio sobre los movimientos sociales clásicos y los nuevos movimientos sociales, un rescate histórico tanto de la iglesia católica como de la pastoral de la juventud desde los años 30 hasta hoy y un análisis sobre las teorías que tratan de los conceptos: juventud, iglesia y movimientos sociales.

Palabras clave: movimientos sociales, sociabilidad, juventud, participación social.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. MARCO DE ANÁLISE E METODOLÓGICO.....	12
3. O MOJOG FRENTE ÀS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	16
3.1 PARADIGMAS CLÁSSICOS DA TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	16
3.1.1 Uma abordagem analítica - dos clássicos aos novos movimentos sociais na América Latina.....	23
3.2 PARADIGMAS CONTEMPORÂNEOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	26
3.3 IGREJA E MOVIMENTOS SOCIAIS.....	37
3.3.1 Ação cristã e a igreja no Brasil.....	42
4. O MOJOG: ORIGEM, BASE TERRITORIAL E SOCIAL.....	46
5. O MOJOG FRENTE À CATEGORIA JUVENTUDE.....	51
5.1 A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	51
5.2 PASTORAL DA JUVENTUDE: DAS ORIGENS ATÉ A METADE DOS ANOS 90.....	59
6. O MOJOG E A ATUAL SOCIABILIDADE JUVENIL.....	68
6.1 PASTORAL DA JUVENTUDE (PJ): OLHARES CONTEMPORÂNEOS.....	68
6.2 A PASTORAL DA JUVENTUDE E SUA ATUAL ORGANIZAÇÃO.....	75
6.3 ANÁLISES DAS EXPRESSÕES DOS JOVENS ATUALMENTE NO MOJOG....	78
7. O MOJOG: VISÕES DE JUVENTUDE DE UM MOVIMENTO LATENTE.....	99
7.1 ANÁLISES DAS EXPRESSÕES E VALORAÇÕES DOS EX - JOVENS DO MOJOG - ANOS 80.....	99
7.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS JOVENS DO MOJOG “DE ANTES” E O “DE HOJE”.....	106
7.3 O QUE HÁ DE NOVO, VELHO? O MOJOG NA PERSPECTIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	114

8. CONCLUSÃO..... 122

REFERÊNCIAS.....128

ANEXO.....132

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da ação juvenil sempre me instigou. Não sei se é devido a minha atual profissão (professor), ou se já carrego isso desde minha militância na Pastoral da Juventude católica. Sei também que este assunto não é apenas uma inquietação particular, mas de muitos pensadores e sociólogos.

O tema juventude, pelo que se percebe, está em voga no momento. Várias obras são produzidas, vários seminários são organizados, em cuja intenção se acha tentar descobrir quais são as interpretações realizadas pelos jovens sobre o mundo em que vivem. Minha proposta de trabalho vai, justamente, nesta mesma direção, ou seja, procurar descobrir como o jovem de hoje, ligado aos novos movimentos sociais, em particular a Pastoral da Juventude, vê e interpreta o mundo. Quais são suas ambições, quais seus desejos ou quais são os sonhos que os movem? Cabe salientar que, embora sendo uma análise dos jovens de hoje, farei uma comparação com os jovens que iniciaram o grupo onde estes últimos servirão como uma espécie de parâmetro de observação. Além disso um outro objetivo é construir um trabalho que pudesse ser mais um instrumento de interpretação sobre a atual juventude e os movimentos sociais, uma obra que tenta ser o reflexo das interpretações dos jovens sobre o seu cotidiano e sobre suas inquietações.

Convivendo com os de jovens durante boa parte do dia, lecionando em duas escolas e tendo vários amigos ligados a coordenação da Pastoral da Juventude, percebi que nós, adultos, não estamos conseguindo interpretar muito bem as formas de comunicação ou de manifestação cultural que a juventude está expressando. Parece que os códigos de comunicação dos jovens possuem um outro sistema de interpretação que nos desafia decodificá-los.

Ao não se conseguir interpretar com fidelidade o que os jovens pensam, corre-se o risco de fazer julgamentos inconsistentes e muito superficiais; portanto, é necessário elaborar um trabalho com grande preocupação teórica e empírica, com uma ampla revisão bibliográfica e um olhar atento à complexidade do objeto estudado. O interesse radica numa análise sobre a juventude e os movimentos sociais, no geral, e os jovens da Pastoral da Juventude (PJ) e do grupo MOJOG (Movimento de Jovens do Guarujá), em particular, percorrendo um caminho mais analítico do que propriamente histórico. Trata-se de uma análise das manifestações

culturais e da vivência dos jovens que participaram da Pastoral de Juventude no momento inicial do grupo MOJOG e dos que hoje, após mais de vinte anos, participam dele. Em sentido estrito, a pesquisa se propõe questionar a respeito das motivações e sonhos que induziam aos primeiros jovens a participar de um grupo juvenil católico para, depois, tentar interpretar quais são as novas motivações dos jovens de hoje, suas preocupações, desejos e novas sociabilidades. Assim mesmo, o interesse também se encontra em analisar a estrutura dos Movimentos Sociais Clássicos e dos Novos Movimentos Sociais, utilizando como análise a igreja católica no Brasil e suas Pastorais, com mais especificidade na PJ.

Em 1992, quando comecei a participar de um grupo de jovens, percebi que havia uma pauta de ação muito ligada as questões de manifestações populares e de questionamento da situação política, sindical e da própria juventude. Os motivos que nos faziam sair para a rua eram mais de caráter coletivo do que por interesses pessoais. Os jovens discutiam temas como reforma agrária, ação sindical, participação política ou mesmo organização do próprio bairro. Parecia que nossas preocupações individuais não eram importantes, em alguns casos parecia que falar em ambição pessoal, por mais desinteressado que fosse era motivo de recriminação. Percebem-se hoje muitas dúvidas sobre se estes temas ainda são motivadores dos jovens ou não. Portanto uma pergunta se impõe, quais serão os temas das pautas e dos projetos do grupo MOJOG hoje em dia?

É reconhecido que anteriormente a pauta de toda ação coletiva não era específica do MOJOG, mas de todos os grupos diocesanos, considerando isso, ou seja, que toda Pastoral de Juventude tinha uma orientação muito direta da coordenação diocesana que, de uma forma hierárquica, conduzia os grupos por temas de interesses muito bem definidos, se questiona hoje se isso é ainda visível? Os jovens, por exemplo, anteriormente tinham cursos de formação que possuíam um princípio baseado na teologia da libertação e no método de “ver”, “julgar” e “agir” e hoje, qual será a base teológica? Tanto o princípio como o método aplicado no grupo na década de 80 e que serviam de direcionamento para suas ações, é também parte importante do presente trabalho.

O meu vínculo com o MOJOG começa quando a comunidade exige dos jovens uma maior atuação nas festividades da padroeira e na catequese das crianças. Iniciei de maneira induzida e, mais tarde, estava imerso no movimento de uma forma tão intensa que me de uma forma tão intensa que meazeris do grupo e

da pastoral. Tudo o que fazíamos era de uma entrega muito grande, tudo era tão intenso que não dimensionávamos o quanto aquilo nos tomava tempo, mas toda essa nossa participação dava muito prazer e uma sensação de dever cumprido. Pode-se dizer que o MOJOG e a pastoral da Juventude eram “nossa vida”.

O grupo MOJOG, objeto específico na presente pesquisa, iniciou em 1984, formado por alguns jovens do bairro Guarujá incentivado pelo padre paroquial que como, muitos dessa época, tinham uma orientação diocesana de fomentar tal ação. A primeira intenção deste grupo era apenas fazer um trabalho social e religioso na comunidade do bairro, mas devido ao momento e as pautas colocadas pela pastoral, os jovens expandiram horizontes e começaram a participar de movimentos de contestação social, “caminhadas juvenis”, e manifestações contra o desemprego. Posicionando-se, de forma marcada, sobre temas ligados a juventude.

Internamente, isto é, dentro do movimento da Pastoral da Juventude, os jovens do grupo foram sempre muito atuantes e eram líderes de instâncias deliberativas e de congressos temáticos. Como consequência disso, atualmente tem em nosso município muitas lideranças políticas e eclesiais que passaram pelo grupo e que atuam usando métodos aprendidos na convivência com o MOJOG.

O perfil dos jovens que iniciaram o grupo na década de 80 era bastante homogêneo, ou seja, eles participavam de atividades ligadas à comunidade e eram muito “bairristas”; diferentemente, os jovens do MOJOG de hoje não parecem demonstrar, a simples vista, ter um perfil semelhante, no entanto não demonstram qual é a identidade que os definem. Esta é outra linha que quero buscar responder e tentar achar um elo que os liga, se é que isso existe.

O presente trabalho se desenvolverá através de uma pesquisa e posterior análise dos seus relatos, texto, livros didáticos, músicas, cantos litúrgicos próprios do MOJOG nestes mais de vinte anos de existência. Pretende-se entrevistar jovens do MOJOG que atuam hoje e outros, muitos já adultos, que participaram deste grupo no início de sua formação. Acredita-se que aqui poderão ser visíveis as diferenças de valores, de gostos e de interesses entre os pesquisados.

A estrutura do trabalho terá quatro capítulos. No primeiro se tratará questões relativas às teorias clássicas e contemporâneas dos movimentos sociais e sua relação com o grupo MOJOG. Será feita uma explanação das teorias dos movimentos sociais tanto dos clássicos como dos mais novos buscando fundamentá-los nos textos de autores como Gohn (1997) e Scherer-Warren (1996),

Balardini (2005), Gadea (2004), Krischke (2003), Reichmann e Buey (1994) e Evers (1984) que, de forma ampla, nos dão base para o presente trabalho. Além disso, se buscará construir análises interpretativas mais pessoais, tentando ser o mais claro possível, onde se pretende ajudar o leitor a compreender os princípios básicos das teorias que tratam de movimentos sociais. A escolha dos autores que constarão em todo trabalho teve como princípio norteador a capacidade destes em serem profundos em suas teses, mas ao mesmo tempo claros em suas definições. As linhas explicativas que estes autores trabalham ajudam a esclarecer o “funcionamento” dos movimentos sociais, da juventude e da igreja. Neste primeiro capítulo ainda se buscará ver as questões vinculadas com a interação social e o marco analítico que oferece para observar o MOJOG, assim como explanar sobre a origem territorial e a questão social do grupo pesquisado. Será construído um item que trará uma análise histórica da igreja católica na América latina e no Brasil buscando mostrar sua mudança de ação desde os anos sessenta até hoje. O estudo da ação cristã vai trazer objetivamente análises mais sobre o trabalho de base que a igreja católica desenvolveu nos anos 60 e que pelo constatado tiveram desdobramento nas décadas seguintes.

No segundo capítulo vão se apresentar a fundamentação do conceito juventude e as bases da organização da pastoral da juventude. Com relação à juventude, vai se ter a preocupação de não deixá-la engessada conceitualmente, mas sim mostrar que há princípios norteadores que podem auxiliar na construção de um parâmetro mais completo sobre ela. Quanto a pastoral da juventude vai se procurar analisar esta em relação à própria Igreja, sua fundamentação e sua orientação pastoral no direcionamento dos grupos desde sua origem até a metade dos anos noventa.

O terceiro capítulo deste trabalho terá a preocupação de analisar a atual sociabilidade juvenil, ou seja, através das observações das pesquisas empíricas se buscará verificar como se expressam os jovens que atualmente participam do MOJOG sobre temas como fé, política, juventude; quais são seus sonhos seus desejos ou suas ambições. Para isso se observará a linha atual da pastoral da juventude e assim verificar se há uma conexão entre o que estes jovens entrevistados pensam e a orientação atual da diocese sobre juventude e o contexto atual.

Finalmente, no quarto capítulo, procurar-se-ia constatar em que medida as teorias dos movimentos sociais clássicos e as teorias dos novos movimentos sociais podem corresponder-se com MOJOG de antes e o de hoje. Quais as coisas que há em comum, que modelos nos indicam essa relação e, mais ainda, como se pode observar tal realidade utilizando uma metodologia analítica relacional? Toda a elaboração do tema terá o cuidado de poder constituir-se em um aporte substancial ao debate teórico sobre os sobre movimentos sociais. Espero que se possam trazer à luz questões pertinentes ao tema e possíveis respostas a dúvidas que nos angustiam atualmente sobre os nossos jovens, principalmente aqueles que participam de movimentos sociais.

Para a academia, as análises de um grupo atípico como o MOJOG e os Movimentos Sociais, irão ajudar num aprofundamento de estudos ligados à contemporaneidade juvenil e seus desdobramentos, bem como sobre a realidade dos novos movimentos sociais, tendo como parâmetro às análises a respeito dos movimentos sociais clássicos, tanto européias como americanas. Observar como “caminhavam” os jovens de duas décadas atrás e comparar com os dias atuais auxilia na construção de teses mais claras e substancialmente mais contundentes. Portanto a pesquisa que me proponho fazer e já anteriormente salientada, quer acima de tudo auxiliar as instituições a ter um material mais específico sobre a juventude católica e suas mudanças de paradigmas tanto de participação, métodos e práticas de ação, e ainda construir uma análise histórica da igreja católica no Brasil e dos movimentos sociais, tanto os clássicos como os mais contemporâneos, onde posteriormente poderá ser mais aprofundado, visto que estes temas não se esgotam em apenas uma dissertação, eles exigem um maior trabalho interpretativo.

2. MARCO DE ANÁLISE E METODOLÓGICO

Após constantes visitas ao grupo de jovens MOJOG e posteriormente entrevistas com os ex-jovens e também com seus atuais membros, surgiram interpretações sobre o seu cotidiano e sobre a sua vivência em um grupo de jovens da igreja católica, ligados a atual Pastoral da Juventude. Através de um questionário anteriormente preparado e de diálogos abertos, os jovens falaram de suas vidas, de seus sonhos e de suas visões sobre o mundo em que vivem este que, segundo eles, está repleto de desafios e de obstáculos que devem ser superados ou ainda que, na medida do possível, diminuídos.

Este trabalho apresenta uma pesquisa de citação qualitativa, onde se entrelaçam questões teóricas e empíricas em uma constante observação do cotidiano juvenil. A pesquisa possui este caráter qualitativo maior que o quantitativo devido a intenção do projeto que é mais de fundo analítico e observador do que de criador de conceitos sobre uma correlação numérica ou de amostragem. Como se buscou ver como o pensamento dos ex-jovens do MOJOG e dos atuais se apresenta diante dos questionamentos se percebeu que uma tabela numérica era desnecessária na medida em que ela não dava margem para grandes ponderações, logicamente com a amplitude que se buscou.

Dentro da observação bibliográfica se buscou pesquisar autores que trouxesse uma análise muito profunda sobre temas intrínsecos ao objeto de estudo, ou seja, a um grupo de jovens da igreja católica. Inicialmente se fez um estudo sobre os movimentos sociais clássicos onde define os principais pontos para se afirmar que tal movimento é ou não uma movimento social. Destacam-se os autores Maria da Glória Gohn e Ilse Scherer-Warren. Em suas obras fica muito perceptível a idéia de movimento social e de critérios para uma possível definição, cito, por exemplo, aqueles construídos pela escola de Chicago (Gohn, 1997) ou ainda a brilhante observação de Scherer-Warren sobre a passagem do período clássico para os novos movimentos sociais.

Seguindo uma linha temporal observaram-se as obras que tratam do tema novos movimentos sociais. Aqui se faz muitas referências a autores como Riechmann e Buey, Touraine, Gadea, Balardini, além das duas autoras anteriormente mencionadas. Nos trabalhos destes autores se construiu várias

ponderações que podem ser usadas para definir que os movimentos sociais contemporâneos, isto é, os de hoje, não possuem a mesma estrutura daqueles ditos clássicos, pois é nítido que por mais parecido que possam ser há nuances e performances internas e externas que os diferenciam como, por exemplo, a sua forma de manifestação ou mesmo a sua forma de articulação com outras estruturas sociais.

Ainda dentro das análises bibliográficas, outro tema que foi pesquisado é a questão da juventude como conceito ou como categoria analítica. Entre os autores que serviram de base estão Dick, Melucci e Libânio. Suas análises possuem uma amplitude que nos dá sustentação para poder discorrer bem embasado sobre o tema, este que é tão consistente que qualquer afirmação categórica pode abrir espaço para grandes contestações. Procurou-se construir uma conceitualização que não enclausurasse o tema, mas que ao mesmo tempo de certa maneira fosse definidor.

Outros temas abordados neste trabalho foram as questões da sociabilidade juvenil, da pastoral juvenil católica e do grupo de jovens comunitário. As pesquisas, tanto as teóricas como as empíricas, procuraram seguir uma estrutura predefinidas buscando colher formulações conceituais dos autores citados e expressões pessoais dos entrevistados, cuja finalidade é construir um trabalho ao mesmo tempo bem sustentado teoricamente e na medida do possível, mais próximo da realidade pesquisada.

Para se ponderar a respeito dos jovens do grupo MOJOG se procurou elaborar um capítulo sobre a região e principalmente sobre o município de Parobé onde buscou-se descrever a formação étnica, a questão econômica e a realidade social onde o objeto da pesquisa está inserido. O município de Parobé faz parte do vale do Paranhana e está dentro de um contexto de fluxo migratório que nos últimos anos atraiu milhares de pessoas para esta região, sendo esta realidade muito interessante quando se estuda as formas de relacionamento de indivíduos, neste caso os ex e atuais jovens do MOJOG.

Sobre o objeto de pesquisa em si este trabalho quer observar um grupo específico que, como já descrito, possui mais de vinte anos e está imerso dentro de um cenário social muito comunitário e que mesmo assim apresenta características mundializadas, ou seja, que está em consonância com a realidade de muitos jovens fora da esfera comunitária.

As entrevistas utilizadas neste trabalho procuraram ser mais amplas e diretas sem m ser mais amplas e diretas sem as respostas, ou seja, as questões foram livres onde os entrevistados não foram induzidos a dar respostas prontas, pois não haviam perguntas de múltiplas escolhas, típicas dos modelos quantitativos. Estas entrevistas foram feitas, primeiramente com os ex-jovens do MOJOG em visitas individuais e na residência dos entrevistados, onde uma delas foi, além de perguntada diretamente, também foi gravada para registro. As outras somente foram perguntadas e escritas no papel para posteriores análises. Foram questionados sete ex-participantes onde havia dois que eram líderes do grupo e que hoje são catequistas da comunidade e participante da diretoria da mesma. O momento da pesquisa aconteceu durante a construção da dissertação, pois a maioria dos entrevistados trabalha em turnos diferentes e não tinham muito tempo disponível, mesmo assim elas foram feitas sem atropelo com um diálogo bastante claro e franco sem aquele peso de ser uma entrevista para uma dissertação de mestrado que geralmente o entrevistado demonstra. Portanto ficou evidente que elas trazem em seu bojo expressões consistentes de como estes ex-jovens vêem o mundo e principalmente como eles se posicionam em relação a temas como juventude, religião, sociabilidade e política.

Com relação aos atuais jovens do MOJOG a primeira preocupação foi em fazer uma aproximação onde a minha presença não alterasse o ambiente e quebrasse certos ritos que são típicos dos jovens e que na presença de alguém estranho ou mesmo um adulto, que quer saber algo sobre eles, se modifica até como forma de proteção. Foram feitas várias visitas explorativas onde se procurou explicar o porquê dela e qual a sua finalidade e depois em uma espécie de “quebrar o gelo” fui me envolvendo em algumas atividades para ser na medida do possível aceito entre eles sem alterar muito o seu cotidiano. Um bom exemplo disso foi no momento em que me pediram para participar da oração inicial e depois tocar um violão na hora do canto litúrgico (logicamente que como havia alguns dos meus alunos sabiam desta minha habilidade).

Após esta minha inserção no grupo as outras visitas foram mais interativas e menos formal até o momento em que percebi ser a hora de sugerir a introdução, na pauta do grupo, perguntas que foram previamente preparadas e que me ajudasse a definir certos perfis e identificar certas formas de sociabilidades que eram muito peculiares aos jovens em questão.

Em um sábado a tarde ficou definido que aquela reunião seria especificamente para responder as questões que sugeri, pois as respostas além de serem escritas nas folhas seriam gravadas. Cabe salientar que ficou evidente uma alteração na maneira de conversar dos jovens, pois a gravação formalmente autorizada seria para eles um registro mais forte do que as respostas escritas. Penso que naquele momento do meu trabalho de pesquisa esta mínima, mas visível alteração não o prejudicaria, pois já havia recolhido várias informações que poderiam superar possíveis falhas nas análises que posteriormente se faria.

No dia do encontro havia dezessete jovens onde alguns não estavam muito ativos, mas foram convidados devido a sua vivência e pela amizade que tinham além das fronteiras do referido grupo religioso. Era perceptível também que se formaram vários casais de jovens onde o relacionamento andava mais forte que a intenção de debater questões do cotidiano juvenil. O questionário buscava dar ampla liberdade de expressão e tentava colher as interpretações destes jovens sobre temas como fé e política, sociabilidade, organização, estudo e a própria vida deles em relação ao futuro.

Dentro de uma observação etnográfica busquei visualizar o ambiente de uma forma que pudesse me trazer algumas decodificações muito consistente de certos conceitos que escolhi como fundamental para descrever a vida e o cotidiano dos meus entrevistados os quais são meu objeto de estudo, como a sociabilidade e a interação social. Sabedor de que o meio em que um grupo se insere e o ambiente em que ele se reúne, nos trás explicações muito explícitas de sua forma de sociabilidade, observei atentamente os quadros expostos nas paredes, os objetos espalhados na sala (muitos deles intencionalmente colocados), os altares e vários outros materiais ritualísticos, estes que dentro da sala do MOJOG servem para expressar um apelo coletivo a algo místico e religioso, e que para o pesquisador torna-se material fundamental para se definir o tipo de grupo que se estava estudando.

Além de observar o ambiente, no caso anterior a sala de reuniões, também procurei visualizar as formas de interação social que havia entre eles como as conversas “de canto”, as formas de ordenar as tarefas e as várias maneiras de se planejar as ações do grupo ou mesmo de indivíduos. Também tentei observar e principalmente decifrar as formas mais corriqueiras de linguagens como as gírias e os sinais (escritos, gestuais ou faciais), pois conforme bem nos lembra o antropólogo

Winkin (em sua obra *Descer os Campo*, 1999), para se entender um grupo social deve-se observar a exaustão as mais variadas formas de manifestações, tanto individuais como coletivas, portanto foi isso que procurei fazer.

Finalmente para descrever e analisar as expressões dos jovens, conforme os relatos recolhidos das entrevistas, procurei fazer recortes dentro de um todo para que, em cima destes pudesse se construir ponderações e análises pessoais onde o foco destas era a forma de sociabilidade e participação dos jovens, tanto no grupo como na comunidade em que estão inseridos. Os critérios para tal recorte foram a sustentação destas frases quanto ao tema proposto e a sua capacidade de abrir espaço para uma argumentação consistente e confiável no que se refere aos conceitos anteriormente citados. Cada recorte de frase foi feito para se sustentar às argüições que fiz e que podem ser defendidas caso aja alguma crítica ou análise contrária.

3. O MOJOG FRENTE ÀS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

3.1. PARADIGMAS CLÁSSICOS DA TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.

Ao nos referir a grupos sociais e, em especial, aos movimentos de jovens organizados, devemos antes analisar o paradigma do movimento social como ator preponderante na vida comunitária, desde suas primeiras definições acadêmicas e análises de ação, até hoje.

A abordagem clássica sobre os movimentos sociais tem a sua base nas ciências sociais norte-americanas, apesar de muitos atores não serem daquele país. Conforme Gonh (1997, p.23):

A sua importância nos dias atuais tem dois motivos: como memória histórica das primeiras teorias dos movimentos sociais e ação coletiva; e como busca das referências e matrizes teóricas de vários conceitos que estão sendo retomados nos anos 90 pelo próprio paradigma norte - americano.

Utilizando uma periodização, considera-se os anos 60 como o fim da abordagem clássica sobre os movimentos sociais, pois a partir daí as análises começam a detectar que há algo de novo nos movimentos sociais e que necessita ser estudado com uma nova abordagem.

As teorias sobre movimentos sociais nunca foram homogêneas, mas como cita Gonh (1997,p.25), “podemos encontrar cinco grandes linhas de abordagem que possuem como núcleo articulador de análise a teoria da ação social (cujas finalidades é compreender os comportamentos coletivos dos indivíduos dentro da sociedade).” Estas teorias clássicas se referiam a enfoques sociopsicológicos, a questões próprias da institucionalidade política e a relação dos movimentos sociais com a não - institucionalidade. A autora continua ainda afirmando que os autores clássicos analisavam os movimentos sociais em termos de ciclos evolutivos e que seu surgimento ocorria devido às insatisfações com a realidade social, realidade que produzia movimentos reivindicatórios que exigiam mudanças sociais. Os teóricos clássicos definiam que a adesão do indivíduo a esses movimentos sociais era um tanto “cega” e irracional, pois a situação os propulsava para isso. Era, portanto, uma abordagem analítica que considerava os comportamentos coletivos fruto de tensões sociais, pois a ideia de anomia social estava sempre presente juntamente com o desejo da quebra da ordem vigente.

Segundo Gonh (1997, p.24):

Estes elementos, aliados às ideologias homogeneizadoras, eram precondições importantes para a emergência dos movimentos sociais. O sistema político para visto como uma sociedade aberta a todos, plural, permeável. Mas os movimentos sociais não teriam a capacidade de influenciar aquele sistema devido a suas características espontâneas e explosivas.

O que se pretende sustentar é que para os analistas clássicos dos movimentos sociais, as ideologias homogeneizadoras sustentavam a sua existência e que na maioria das vezes afirmavam que o sistema político era algo que de certa forma, os amarravam e os impedia de serem espontâneos e ágeis.

Como se mencionou anteriormente, a formação das teorias clássicas dos movimentos sociais, segundo Gonh (1997), pode constatar-se a partir de cinco linhas teóricas. Inicialmente a referencia teórica recai sobre a Escola de Chicago e os internacionistas, onde os movimentos sociais existiam como uma reação psicológica às estruturas de privações socioeconômicas. Nesta escola se produziu uma idéia de ação reformista, visto que ela está dentro de uma conjuntura de dificuldades na economia norte-americana. Seus teóricos procuravam propor uma interação entre o indivíduo e a sociedade e que o elemento de criatividade deveria ser a base para a formação de líderes. Estes por sua vez seriam, após um bom “treinamento”, estimuladores das mudanças, porem este estímulo seriam mais por exemplos do que por instigação às sublevações sociais. “Na realidade seriam elites reformistas, detentoras de um conhecimento útil”. (Gonh 1997, p.28). É notório observar que a visão dos teóricos segue uma linha em que o líder deve representar o modelo de bom homem social para que os outros orientados pelas instituições de ensino, seguissem sua trajetória.

O líder, para a Escola de Chicago, deveria ter uma participação ativa na sociedade, seu engajamento era pressuposto indispensável. Isso se sustentava porque para estes teóricos, o restante do grupo veriam neste líder uma espécie de pastor que os guiaria para uma mudança pessoal e coletiva, principalmente com relação às questões econômicas. “As pessoas deveriam descobrir por si mesma o comportamento correto no contexto da experiência social” Gonh (1997, p.29).

O que é muito interessante explanar é a respeito da função primordial do líder. Se os movimentos sociais surgissem era devido à articulação do líder, mas ele não seria o instigador das sublevações, mas um apaziguador destas. Portanto minimizando os conflitos, que como resultado aparecem os movimentos sociais, o passo seguinte era transformá-los em instituições sociais por meio do equacionamento das demandas em questão. O resultado final de tudo isso, ou seja, do choque e encontro dos grupos, seriam as mudanças sociais. Caso não houve-se o apaziguamento dos movimentos, seus líderes não conseguiriam controlá-los, e a solução seria a produção de novos líderes mais responsáveis e melhores formados

Merece destaque na Escola de Chicago o teórico Blumer, cujos trabalhos sempre foram na direção de tentar compreender como surgem os movimentos sociais: eles surgem de uma inquietação social derivando suas ações dos seguintes pontos: insatisfação com a vida atual, desejo e esperanças de novos sistemas de

vida (Blumer *apud* Gohn,1997, p.30). Para este autor, os movimentos, primeiramente, são desorganizados, indefinidos e amorfos; depois ele adquire características de uma sociedade organizada com definições de papéis, regras sociais e divisão de trabalho. Ele divide os movimentos em “genéricos”, que traziam em seu bojo o desejo de uma mudança de conceitos sobre si mesmos e de valores como um todo. Esses movimentos sociais seriam os resultados de mudanças que operariam no âmbito individual, e no plano psicológico. Seriam de caráter episódico e de poucas manifestações. Exemplo disso é com relação à emancipação da mulher. A segunda categoria construída por Blumer (1939) é a dos movimentos “específicos”, aqueles que são posteriores aos genéricos porque cristalizam as motivações de descontentamento, esperanças e desejos por eles outrora despertados. A especificidade deste tipo de movimento social se justifica nas metas, objetivos, organização e estruturas bem definidas, semelhantes a uma sociedade. Nesse tipo de movimento a liderança é uma espécie de administrador, que tem a consciência do “nós”, possui uma filosofia de valores, regras e tradições. Para o autor, eles podem ser reformistas ou revolucionários. Uma terceira categoria de movimento social definida é a dos “expressivos”. “Estes são temporários, não desejam mudanças e divulgam um tipo de comportamento expressivo que com o passar do tempo torna-se cristalizado e passa a ter profundos efeitos na personalidade dos indivíduos, e no caráter da ordem social em geral”. (Blumer *apud* Gohn,1997, p.35). O exemplo mais explícito desse tipo de movimento social é o da moda.

A segunda teoria sobre os movimentos sociais no paradigma clássico, via os comportamentos coletivos como resultados de ações advindas de participantes desconectados das relações em ações normais e tradicionais. Os autores desta teoria estudaram a sociedade como uma massa humana irracional e onde predominam a espontaneidade e a violência, pois os indivíduos são capazes de atos tanto heróicos como de barbárie, dependendo da situação, já que para os teóricos desta linha a massa não é racional, mas puramente ação espontânea. O que eles queriam sustentar com a teoria da sociedade de massa é que os indivíduos desprovidos de acesso às benesses do status econômico formavam movimentos, muitas vezes sem um planejamento prévio, que os incluísse na modernização econômica, política e cultural. Portanto os movimentos eram frutos da anomia e da carência de regulamentação social.

É salutar explicar que os autores Fromm, Hoffer e Kornhauser (Gohn, 1997, p.35) estavam preocupados mais com o comportamento coletivo das massas, pois cada vez mais a sociedade estava dominada por tecnologias complexas e as massas “tinham-se tornado apáticas, incapazes de discriminação, biopáticas e escravas, como resultado da supressão de sua vitalidade (Tarrow, *apud* Gohn, 1997, p.36)”. Percebe-se que nesta citação está implícito o desejo de formular uma teoria que fosse capaz de mostrar as massas o quanto ela tornou-se apática diante das grandes transformações tecnológicas e econômicas que a sociedade estava passando. Concluo esta segunda teoria fazendo referência a Offe (Gohn, 1997, p.36), onde ele trata das mobilizações políticas não-institucionais. Para este teórico os comportamentos políticos “não-convencionais” eram considerados como “massas desviantes”, fruto das perdas infligidas pela modernização econômica, política e cultural a certas parcelas da população. Observa-se que para ele a ação dos movimentos sociais era uma reação contra o sistema vigente e que nem mesmo a política institucionalizada naquele momento os incluía, portanto restava a estes desprovidos uma forma de atuação desviante.

Seguindo ainda o modelo de análise de Gohn (1997) sobre as teorias clássicas dos movimentos sociais, quero fazer algumas observações a respeito da abordagem sociopolítica desenvolvidas por Lipset e Rudolf Herderle (Gohn, 1997). Nesta terceira linha o tema central era a política e sua relação com a sociedade. Foi elaborada uma definição para movimentos sociais como:

... um tipo especial de grupo social com uma estrutura particular. Eles conteriam grupos organizados e não-organizados. O autor se preocupa em distinguir movimentos dos grupos corporativos de interesses, assim como procura distinguir também movimentos genuínos, com caráter de profundo significado histórico, de movimentos menores, efêmeros, e simples protestos (Heberle, *apud* Gohn, 1997).

Através de uma sociologia compreensiva, o autor, relacionado acima, queria desenvolver uma teoria comparativa e sistemática dos movimentos sociais. Ele buscava, portanto, construir definições mais esclarecedoras sobre o que eram movimentos sociais e como se definiam. Primeiramente diziam que eles eram frutos do descontentamento dos indivíduos com a ordem social vigente e seus objetivos

principais seria a mudança dessa ordem. Após, ele busca definir critérios para que os grupos sejam considerados movimentos: consciência grupal, sentimento de pertença ao grupo, solidariedade e identidade.

Segundo Gonh (1997, p.39):

A originalidade de Heberle ocorre quando ele trata a dimensão política dos movimentos sociais. Através de sua observação e ampliando a noção de movimentos sociais, consegue distingui-los segundo seus objetivos particulares. Ele assinala que os movimentos sociais, quando totalitários, podem destruir o senso comunitário por meio do fanatismo de grupos entusiastas. Observamos, portanto o eixo funcional-sistêmico que norteia a análise do autor, baseado no binômio integração/desintegração social.

Uma quarta teoria sobre os movimentos sociais, no paradigma clássico, se refere ao comportamento coletivo sob a ótica do funcionalismo. Os teóricos desta linha são Parsons, Turner, Killian e Smelser (Gonh, 1997, p.39). Penso que antes se faz necessário explicar o que seria a ótica funcionalista. Ela se refere ao estudo do ordenamento social, ou seja, ver a sociedade e seus indivíduos como se estivessem exercendo uma função social estabelecida pelo contexto. São, na verdade, os papéis de *status* que os indivíduos desempenham ou passam a desempenhar na sociedade.

Quando se utiliza a teoria parsoniana dos movimentos sociais dá-se uma lógica funcionalista destes, ou seja, através dela consegue-se observar que ao longo do tempo os padrões de comportamento foram se alterando para se ajustar ao momento. Nem sempre em uma linha de confronto ou bem-estar, pois também poderia gerar conflitos e mal estar, criando uma inquietação social cuja indicação era a de uma mudança social. É nítido que a observação funcionalista continua sendo sobre a ação e o comportamento dos indivíduos em instituições sociais. A conclusão que é observada com a utilização da teoria funcionalista de Parsons sobre os movimentos sociais é que eles são vistos como mecanismos desintegradores da sociedade, que há uma oposição entre o indivíduo feliz, integrado a sociedade versus indivíduo desajustado e marginal e que os movimentos sociais para ser “controlados” deverão passar para a sua institucionalização (ciclo evolutivo).

O que é relevante na obra de Turner e Killian (Gohn, 1997) é a análise da continuidade como elemento fundante da ação e constituição dos movimentos sociais. Ele os define como a ação de uma coletividade com alguma continuidade para promover a mudança ou resistir a ela na sociedade ou no grupo do qual faz parte. Além da continuidade eles trabalham a questão da dinamicidade dos movimentos e sua instabilidade. Para eles um movimento social necessariamente deve ser dinâmico e instável, pois se isso não ocorrer ele perde sua forma e torna-se institucionalizado. Para finalizar este ponto é fundamental descrever que os autores repudiam as concepções de que os movimentos sociais são irracionais e que suas ações são mais emocionais. Segundo eles as ações podem ser tanto de uma forma como de outra, ou seja, existir concomitantemente e que dividi-las, em racionais e irracionais é negar a complexidade do comportamento humano.

O trabalho de Smelser (Gohn, 1997) tenta demonstrar a diferença entre os comportamentos coletivos rotineiros e não convencionais. Para ele, o comportamento coletivo inclui fenômenos como resposta ao pânico, ciclo da moda, resurgimento de religiões, explosões hostis e movimentos de valores orientados, como revoluções políticas e religiosas, formas de seitas, movimentos nacionalistas, etc. É observável que para este autor o universo dos comportamentos coletivos se refere a comportamentos não-institucionalizados. Ele tentou formular uma explicação global dos movimentos sociais, observando o universo dos comportamentos coletivos, para detectar como ocorre a mudança social mais geral. A maior preocupação do autor foi diagnosticar como se institucionalizam as ações sociais não-estruturadas que se encontram sob tensões. Ou seja, a busca da integração social, do controle social, é uma meta desta corrente: “segundo uma abordagem eminentemente funcionalista, Smelser vê no funcionamento do sistema vê no funcionamento do sistema de novas crenças e indaga como elas interferem nos comportamentos coletivos” (Gohn, 1997, p.47).

A quinta teoria clássica dos movimentos sociais faz alusão às teorias organizacionais-comportamentalista. São teóricos desta linha Slizinick, Gusfield. “Eles vão buscar nas pesquisas de Weber sobre burocracia e Michells sobre a lei de ferro das oligarquias, organizações com objetivos específicos” (Gohn, 1997, p.47).

Com relação à questão das organizações de objetivos específicos Gusfeld divide estes em três categorias: de classe, que busca satisfazer os interesses de seu público alvo; de status, voltados para si a fim de manter seu prestígio de grupo; dos

expressivos, que tem comportamentos menos objetivos ou procura metas de relacionamentos com o descontentamento. Gonh (1997) finaliza afirmando que esta quinta teoria, sobre os movimentos sociais, não criou algo especialmente novo, mas abriu caminho para a geração da teoria que viria a ser novo marco no paradigma norte americano: a da mobilização de recursos.

3.1.1 - Uma abordagem analítica - dos clássicos aos novos movimentos sociais na América Latina

Continuando a dissertar sobre a abordagem dos movimentos sociais, gostaria de analisar a obra de Ilse Scherer - Warren (1996) que trata sobre a rede de movimentos sociais. Suas ponderações nos ajudam a construir uma fundamentação clara sobre as análises dos movimentos sociais clássicos no contexto da América Latina e deixar solidificado observações sobre que perspectiva analítica poderia ser feita a respeito dos “novos” movimentos sociais.

A autora inicia fazendo uma sistematização das produções teóricas sobre os movimentos sociais na América Latina. Constrói uma periodização que começa em meados do século XX e se estende até os anos 90. Portanto são quatro grandes períodos. O primeiro que leva em conta o estudo da luta de classe, inicia em meados do século XX até a década de 70. As análises são sobre os processos sociais e sua perspectiva de mudança global. Ela sustenta que se criou uma polarização de tendências analíticas: uma marxista que trabalhava a questão do desenvolvimento e a dependência das nações, e outra liberal-funcionalista, que tinha como referencia a modernização. Salienta também que, como não se viam bem definidas as classes sociais (quanto às concepções ideológicas dentro do processo produtivo), vários estudiosos são levados a buscar na sociedade política propriamente dita o potencial de transformação social. Buscou-se, portanto, estudar a luta de classe pela posse do Estado e sobre a sua ação frente às questões sociais: “Com relação à cultura popular, o antagonismo bipolarizado mostra-se muito nítido,

em quanto à tendência marxista pensa que ela é alienada e de falsa consciência, a liberal a viam como irracional e ideológica (Osiel *apud* Scherer - Warren, 1996).

A segunda periodização construída por Ilse Scherer - Warren (1996) tem como um dos marcos de reflexão teórica as lutas nacional - populares. O período histórico é a década de 70 onde se busca estudar a sociedade civil e não a sociedade política. Surge a sociologia da ação que pretende ver na multiplicidade e historicidade dos fatores os pontos para analisar a sociedade. Percebe-se neste período que a centralização das análises nas classes e nas forças políticas passam para a análise de uma vontade coletiva nacional-popular. Construiu-se a análise da interpelação classista e sua relação articulada com as interpretações popular - democráticas, ou seja, se observou que houve uma articulação de movimentos classistas com os não - classistas que pode revitalizar as lutas nacional - populares. Com relação à explicação do período anterior que recaia sobre as ações de classe, agora a ênfase se dá no conceito “povo” e “nação” e seu nexos ideológico como potencial de articulação.

A década de 80 para Ilse Scherer - Warren (1996) é o período dos movimentos de base, portanto a referência central é a categoria “movimento social”. Há uma substituição de análise em termos de processo histórico globais para estudos de grupos mais específicos ou das “identidades restritas”. A ênfase é no tipo de organização e no modo de fazer política destes movimentos. O que se buscava saber eram quais os elementos inovadores que emergiam na nova cultura popular de base, esta que passou de uma visão negativa nos anos 50/60 para positiva nas duas décadas seguintes (70/80).

A autora coloca que surge uma substituição da categoria classe social para sujeito popular e ator social, pois também se substituiu a ênfase na luta de classe para os movimentos populares. Em quanto à preocupação era com as análises globais agora o foco é a partir do cotidiano local, ou seja, nos atores sociais. A mudança geral, neste período, ocorre a partir de um somatório de lutas de interesse mais focado, é o que ela busca afirmar como a ação articulada dos movimentos sociais em rede.

Na obra de Ilse Scherer - Warren (1996) aparece o trabalho de Calderón (1986) onde ele resume em torno de cinco pares as orientações coexistente no interior das práticas coletivas dos movimentos sociais e que tem dado o caráter de “novo” a estes movimentos.

a) democracia *versus* verticalismo e autoritarismo dentro dos próprios movimentos; b) valorização da diversidade *versus* a tendência ao reducionismo e a monopolização da representação; c) autonomia diante de partidos e Estado *versus* heteronomia, clientelismo e dependência; d) busca de formas de cooperação, de autogestão ou co-gestão da economia diante da crise *versus* a dependência estatal e ao sistema produtivo capitalista; e) emergência de novos valores de solidariedade, reciprocidade e comunitarismo *versus* individualismo, lógica de mercado e competição. (Scherer - Warren, 1996, p.20).

A quarta periodização se refere às perspectivas teóricas sobre os movimentos sociais para os anos 90. Segundo Ilse Scherer - Warren (1996) surgem duas visões que merecem ser destacada: A primeira já não se atribui grande relevância aos movimentos sociais, ela observa a massa constituindo-se num agregado inorgânico de individualidades e manifestações atomizadas. Pressupõem que não haverá intermediação entre líderes e a massa, surgirá uma relativa relação entre o Estado e a massa. Não terá mais movimentos sociais fortes e de grande abrangência e se dará lugar às condutas de crise (bando de jovens, grupos delinqüentes ou grupos de violência organizada). Surge a desmodernização, a exclusão, o desmovimento (seja desmobilização, imobilismo ou antimovimento). A segunda visão é aquela que a partir da avaliação crítica das interpretações sobre movimentos sociais dos períodos anteriores pretende encaminhar novas perspectivas de estudo dos movimentos sociais para os anos 90. Esta visão quer criar mecanismos de superação e de contraposição ao imobilismo das massas; ao antimovimento ou a conduta de crise. Também quer interpretar as novas formas de se movimentar ou de ações coletivas, e entender os significados políticos e culturais destas.

Logicamente que estas formas de periodização não é estanque, um período pode apresentar características de outro e vice-versa, no entanto todo relato que a autora faz fundamenta muito bem cada período e não deixa margem para grandes contestações. Também se faz necessário salientar que este trabalho abre indicativos muito consistentes para futuras interpretações sobre como os agentes sociais se movimentam dentro da sociedade civil. Conclui-se, portanto que mesmo não havendo uniformização de valores a sociedade e os movimentos sociais podem ser observados dentro de uma lógica de organização, que mesmo apresentando contradições podem ser agrupadas em períodos históricos.

3.2. PARADIGMAS CONTEMPORÂNEOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Conforme Riechmann e Buey (1994), os novos movimentos sociais não são mais que movimentos antigos em situações novas. Nos anos 90, a noção de movimento social se altera e se aprofundam os estudos, fundamentalmente, sobre as Organizações Não-Governamentais (ONGs) e os mecanismos institucionais da democracia participativa. Inicialmente, essas ONGs serviam como centro de pesquisas que incidiam diretamente nas ações com seu público alvo, atualmente de certa forma isso parece ter mudado.

Assim, se até os anos 70 o enfoque de estudo sobre os movimentos sociais era à luta de classes, já na década de 80, ainda tendo como pano de fundo a teoria marxista, as análises se apresentam mais focadas em problemas específicos e particulares (luta pela moradia, pela terra, contra a fome, etc.). Finalmente, no início dos anos 90 em diante, a luta passa a ser assumida pelas ONGs, que redefinem suas temáticas de ação, como por exemplo: ecologia, paz, direitos humanos, questões de gênero, etc.

“A história da sociedade moderna é uma história dos movimentos sociais, eles são produtos e produtores dela (Riechann e Buey 1994)”. Com essa idéia farei alguns relatos sobre os enfoques teóricos desenvolvidos por a respeito dos novos movimentos sociais.

O desenvolvimento das teorias explicativas sobre os movimentos sociais está na raiz das ciências sociais, elas surgem com Marx e Durkheim, com uma visão preponderantemente sociológica, e com Freud, Le Bon e De Tarde numa ênfase psicológica das massas. Essa “nova olhada” para os movimentos sociais gera o desenvolvimento da teoria social, que constroem várias linhas de pensamento: uma desenvolvida por Blumer, chamada de interacionismo simbólico, que se interessava pela criação das novas normas sociais, pelo processo de auto-regulamentação, pelo processo espontâneo de aprendizagem social e na inovação do comportamento coletivo. Esta linha defendia que as formas de criatividade social estendida em formas inovadoras de interacionismo simbólico podiam levar a romper com as rotinas de comportamento institucionalizado convencional e novas normas emergiriam com a própria dinâmica do comportamento coletivo. Uma segunda linha desenvolvida por Talcott Parsons busca explicar os movimentos sociais como

surgido das tensões que o desenvolvimento desigual da sociedade moderna produzia: é o chamado funcionalismo estrutural de visão macrosociológica.

Como as duas perspectivas metodológicas tinham um enfoque comum, que era o comportamento coletivo, se criou uma espécie de divisão de linhas de trabalho: a linha microsociológica cabe ao interacionismo simbólico e a macrosociológica fica ligada funcionalismo estrutural.

Os enfoques aqui apresentados e extraídos da obra de Riechmann e Buey (1994), não se sustentam por longo período porque, pelo percebido, não acompanham as mudanças que ocorrem na sociedade moderna e mais especificamente nos movimentos sociais. Entre as razões para esta crise explicativa está na dificuldade para interpretar as rebeliões universitárias do final dos anos 60, que eram de elite, de centro, liderado por jovens já decididos em suas carreiras e que usavam “táticas” de ação muito racionais. Como explicar através do interacionismo e do funcionalismo estrutural que estes movimentos não eram de “margem”, não buscavam questionar a luta de classes e eram um fenômeno racional. Penso que a resposta mais sensata seria a de que somente eles não, pois ficam evidentes as lacunas explicativas, as explicações ficam incompletas e pouco esclarecedoras, necessita, portanto maior profundidade.

Para buscar mais elementos explicativos surge o enfoque da “privação relativa”. Por este enfoque se construiu a idéia de que os novos movimentos sociais surgidos “pós 68” se constituíam da reunião de vários desejos num mesmo movimento: radicalismo estudantil contra a massificação universitária e sua marginalidade econômica, a luta das etnias pela igualdade racial, os ecologistas se rebelam contra a sociedade consumista, a busca por direitos sociais de homens e mulheres excluídos, o desejo de emancipação social pelas mulheres etc. Apesar de inicialmente se somar as outras duas linhas teóricas anteriormente citadas, a teoria explicativa da “privação relativa” não consegue se manter porque: os novos movimentos sociais surgiram antes da crise econômica dos anos setenta, a “geração protestante” de jovens estudantes não aparentavam estar limitados profissionalmente e nem economicamente (se beneficiavam do *Estado de Bem Estar Social*), por fim observa-se que os objetivos dos novos movimentos sociais são de caráter universalista, portanto não é de classe ou de grupo.

O quarto enfoque que quero descrever é chamado de “escolha racional”. Por este enfoque os atores dos novos movimentos sociais vão ao embate porque

ocorreu uma avaliação racional anterior, que procura medir os custos e benefícios da ação. Se for favorável para eles ocorrerá esta ação, caso contrário, isto é, o custo é maior que o benefício, eles não agirão. A crítica a este modelo de enfoque se dá pelo não reconhecimento do altruísmo individual e da ênfase na idéia de indivíduos egoístas que maximizam os benefícios privados (idéia de ganho social).

Há outros dois enfoques, segundo Riechmann e Buey (1994), mais completos, no entanto também com algumas lacunas explicativas. O enfoque de “mobilização de recursos”, desenvolvido nos Estados Unidos da América, parte das análises das organizações e não dos indivíduos. Não se pergunta por que os indivíduos não participam, mas busca analisar a eficácia com que os movimentos ampliam os recursos de que dispõem para alcançar seus objetivos. Outro ponto a esclarecer é de que, como os movimentos sociais sabem que há uma insatisfação individual e conflitos sociais, e que para eles existirem isso é necessário, é importante saber se os movimentos sociais são capazes de mobilizar estes “insatisfeitos”. Segundo os autores esta perspectiva “organizacional” leva a reconhecer a importante figura do “empresário movimentista”, personagem que toma a iniciativa nas tarefas de organização e mobilização para a criação e direção destas organizações.

Sob o enfoque da mobilização de recursos se compreende que os novos movimentos sociais para existirem investem em pessoas especializadas (para maximizar as tarefas); buscam ter uma boa estrutura hierarquizada (para arrecadarem fundos e ativarem filiados); não vivem apenas de ações emocionais, mas de atos racionalizados cujo objetivo é mobilizar recursos; aproximam-se de órgãos públicos e usam algumas táticas políticas. Nesta linha de análise se constroem a idéia de que os novos movimentos sociais conseguem êxitos quando se manifesta no reconhecimento político e nos benefícios materiais acrescentados, cria-se uma estrutura burocratizada.

Riechmann e Buey (1994, p.25) expõem algumas insuficiências deste enfoque: Primeiro que não se pode concentrar-se exclusivamente na racionalidade-instrumental da ação coletiva porque pode cair no conceito *olsoniano*, onde se sustenta que o indivíduo só participa de ações coletivas quando os benefícios esperados superarem o custo investido; é, portanto um conceito demasiadamente estreito para explicar os movimentos sociais. Segundo, o “enfoque de mobilização” de recursos pode tender a identificar os movimentos sociais como uma organização,

no entanto eles são maiores e englobam outras organizações; por esta razão pode ocasionar distorções teóricas consideráveis. Por último, considerar os movimentos apolíticos pode construir uma idéia de deficiência destes porque não analisa o conteúdo dessa mobilização e ilumina somente a sua forma, cria a sensação de que os movimentos são sem sentido ideológico.

Um segundo enfoque considerado pelos autores mais consistente e fecundo são as chamadas teorias européias sobre os “novos movimentos sociais”. Esta linha amplia a escola norte americana porque além das premissas contidas no enfoque de mobilização de recursos acentua mais os fatores ideários e projetos históricos. Os movimentos sociais passam a ser vistos como sujeitos históricos e não como simples atores. Afirma ainda que os novos movimentos sociais têm a ver com as transformações fundamentais das sociedades industriais avançadas, muito diferente do período da indústria clássica.

Após análises anteriores, Riechmann e Buey (1994) trabalham outros três enfoques teóricos: 1- *A escola particularista* - se concentra nas motivações individuais que levam a pessoa a participar dos movimentos sociais. Vê muito o interesse estratégico. Na sua observação acentua que os movimentos podem ser ora organização, ora mobilização de recursos em torno de interesses compartilhados. Eles agem dentro de uma estrutura de oportunidades específica. 2 - *Enfoque de redes* - pode ser considerada uma especificação de enfoque de mobilização de recursos. Nele os movimentos sociais podem ser concebidos como manifestações de redes socioespaciais latente, cujo elemento aglutinador é sobretudo as comunidades de valores, estas que possuem alta densidade de interação pessoal entre os integrantes. As redes socioespaciais assim que são formadas subsistem em um longo tempo e podem ativar-se em uma conjuntura favorável a mobilização. A sua existência dá a sustentabilidade e o apoio para uma grande variedade de movimentos sociais concretos. 3 - *Enfoque cognitivo* - combina a herança da teoria crítica (escola de Frankfurt) com a sociologia do conhecimento. Por este enfoque busca-se observar quais as pessoas que criam novos tipos de identidades sociais (pressuposto de práxis cognitiva). Nesta perspectiva há uma busca pela articulação que o indivíduo faz com o movimento social. Aparece uma troca de conhecimento, uma do indivíduo para com o movimento social e este para com ele. Os autores propõem uma observação para este enfoque que consegue construir um caminho do

específico (relações cognitivas) para o geral (ampliação para relações entre movimentos) com fim no espaço público.

É salutar dizer que todos estes enfoques não são excludentes entre si, ou seja, a utilização de um não quer dizer que outro não é importante, eles são na verdade complementares e que coexistem para fortalecer uma matriz explicativa dos novos movimentos sociais.

Quero recorrer a Riechann e Buey (1994) que propõem oito hipóteses para se definir os novos movimentos sociais. Vou descrevê-las de forma sintética cuja intenção é fundamentar que há “algo de novo” nos movimentos sociais contemporâneos:

- Possui uma orientação emancipatória, um movimento de sobrevivência. Um ideal de “nova” esquerda;
- São um intermédio entre movimentos de orientação de poder e movimento com orientação cultural. São anti-estatais e pró-sociedade civil. Seus membros não querem assumir o poder estatal, mas criar um contra poder de base cuja finalidade é transformar intensamente a vida social (incluí-la) e dissolver ou destruir o poder de tipo estatal;
- Possuem uma orientação de certo modo anti-modernista. Não compartilham de uma concepção linear da história, a crença no progresso é entendida como desenvolvimento material e moral interminável;
- Possuem uma composição social heterogênea onde predomina os profissionais de serviços sociais e culturais, membros da nova classe média;
- Têm objetivos e estratégias de ação muito diferentes: pensam globalmente e agem localmente;
- Possuem uma estrutura organizativa descentralizada e anti-hierárquica, em forma de rede. Possuem um nível baixo de institucionalização e profissionalização. Desconfiam tanto em direção a burocracia como na direção de líderes carismáticos;
- Têm uma politização da vida cotidiana e do âmbito privado, cuja intenção é desenvolver formas alternativas de convivência, produção e consumo entre homens e mulheres;
- Apresentam um método de ação coletiva convencional: desobediência civil, resistência passiva, manifestação direta com forte elemento expressivo e de esclarecimento popular, manifestações de massa com notável elemento lúdico.

No cenário da globalização e da contemporaneidade, a discussão sobre movimentos sociais busca estudá-lo dentro de um contexto menos amplo, pois se afirma haver uma necessidade de se analisar o meio onde estes estão inseridos.

Para analistas deste período, como Gohn (1997), por exemplo, os padrões das ações do Estado deste momento histórico promovem a exclusão e fazem desta a base para a organização de Organizações Não Governamentais (ONGs) cuja função muitas vezes substituem o próprio Estado. Entre tantos exemplos da realidade contemporânea o desemprego e o trabalho informal são os mais significativos.

Neste novo cenário onde se muda a prática civil, onde o Estado se retira da regulamentação econômica, onde na América Latina a Teologia da Libertação não tem mais força junto aos cristãos e aos movimentos sociais, onde os sindicatos não são mais vistos como suporte reivindicativo, as análises sobre os movimentos sociais deverão ser mais amplas e mais profundas.

Na obra de Gadea (2004), surge à expressão “estratégia emancipatória”, que faz uma alusão aos movimentos sociais atuais que, com menor ou maior desenvolvimento, se desligaram dos temas mais globais e buscam trazer ao debate assuntos mais particulares (locais) e que são de extrema importância para a sociedade em específico. Se por um lado todo o processo globalizante tenta mundializar o processo histórico, por outro os vários movimentos sociais se voltam para o seu micro-mundo, onde as necessidades são mais particulares e as ações são de extrema exigência. O autor afirma ainda que isso não é apenas um contra discurso à globalização, mas sim, uma realidade que se observa no dia a dia. Como a sociedade contemporânea tenta criar símbolos que representam a “grande aldeia global”, em nível local se produzem representações culturais com significado comunitário.

Avançando mais ainda nesta linha de raciocínio se consegue observar que a resistência local começa a criar laços com outras formas de resistências (tipos específicos de movimentos sociais) fazendo surgir uma forma de entrelaçamento de movimentos que incessantemente tentam mostrar ao mundo que existem outras formas de garantir a sobrevivência de vários povos, uma forma mais incluyente do que a excluyente globalização do mercado. Gadea (2004) sustenta que isso é resultado conseqüente de todo sistema econômico mundial. Continua, ainda, que não se pode dizer que é uma simples reação à conjuntura social atual, pois se corre

o risco de não reconhecer a existência de valores culturais locais, valores que, de uma forma ou de outra, são refúgios onde se materializam as comunidades locais.

Os movimentos sociais contemporâneos possuem uma característica muito semelhante, que é a luta pela inclusão de seus membros no sistema de modernidade global, tornando-se uma constante força de ação dos excluídos contra aqueles que os excluem. Estes novos movimentos sociais, tanto de juventude, étnicos, de gênero, de sobrevivência econômica tornam-se protagonistas de várias formas emancipatórias em relação a uma idéia do pensamento único.

Na obra de Krischke (2003), se sustenta muito mais as afirmações que relatei anteriormente. Tanto ele como Gadea, constroem uma linha explicativa sobre os novos movimentos sociais que tornam a observação mais nítida ao se identificar a forma de organização e de ação destes movimentos. Quando Krischke (2003) descreve que os novos movimentos sociais se desvencilharam das “amarras conceituais clássicas” ele quer dizer que os temas em pauta hoje são mais específicos e mais imediatos. Isso não significa que não há uma combinação entre os novos atores sociais, que são os agentes dos movimentos contemporâneos. Por mais específico que sejam suas lutas, eles se articulam de maneira equânime, produzindo uma reação contestatória mais eficaz. Um bom exemplo disso é quando membros do MST se integram ao sindicato dos professores e juntos criam uma pauta de reivindicação única e vão às ruas manifestarem-se.

Não se pode sustentar também que, como nos novos movimentos sociais os interesses são mais específicos, as pessoas tendem a se isolar em micro-comunidades. Pelo contrário, um sujeito pode pertencer a várias comunidades locais onde participa de ações específicas e variadas. Pode com isso ser ao mesmo tempo ecologista e defensor das minorias étnicas, ou ainda ser ativo militante do movimento pela reforma agrária e defensor de uma escola pública de qualidade. Percebe-se que a teoria dos movimentos sociais contemporâneos, sustenta a idéia de ação militante específica, mas ao mesmo tempo relacional a outras ações coletivas.

Ainda na discussão dos movimentos sociais contemporâneos, encontramos novamente as idéias de Scherer-Warren (1996), que seguindo outra direção, procura debater a questão da força do poder estatal e os “novos movimentos sociais”. Salienta que há uma busca em estabelecer um novo equilíbrio de forças entre o Estado (campo político institucional) e a sociedade civil (campo social fora do Estado

em quanto aparelho). Essa idéia, por sinal mais democrática, tenta construir uma concepção alternativa de se viver, contrária as sociedades industriais responsáveis pelas crises em vários níveis.

Algumas observações primárias da autora descrevam que os atuais movimentos sociais possuem um número bastante reduzido de participantes, no entanto qualitativamente muito importante porque são construtores de base; são um tanto fragmentados; lutam pelo anti-autitarismo e a favor da descentralização do poder; tem maior expressão nos centros urbanos; possuem especificidades, dependendo de sua base regional e apontam para um projeto alternativo em construção *versus* o modelo de Estado existente.

Scherer-Warren (1996), faz algumas ponderações sobre a potência dos novos movimentos sociais para a sociedade democrática. Define que para que se observe uma transformação social não se deve inferir que Estado e sociedade civil são autônomos, eles se interpenetram, mesmo tendo suas dinâmicas próprias. Se o Estado possui um campo institucional de atuação privilegiado, a sociedade civil possui uma força numérica de atuação direta que age de forma mais ou menos agressiva na transformação do social. A autora afirma que para que a transformação social ocorra os novos movimentos sociais deverão formar um bloco hegemônico que consiga influenciar a sociedade civil, os partidos e conseqüentemente toda a política.

Os novos movimentos sociais trazem uma novidade ideológica que é a busca por conscientizar a sociedade civil de seu papel frente ao Estado centralizador, criando um novo sujeito social, o qual quer uma redefinição do espaço de cidadania. Criam pressupostos para ser contra o modelo político vigente, deslegitimar as decisões tomadas autoritariamente pelo Estado (movimento contra as barragens, contra os pedágios, sociais urbanos-bloqueios de ruas, barricadas; sem terras - que acampam terras devolutas etc.) e buscar a inclusão de muitos no espaço econômico, cultural, político e cultural/ideológico.

Os novos movimentos sociais são, na maioria, movimentos que constroem a resistência ativa não violenta e que dura muito tempo, diferentemente de alguns movimentos clássicos que usavam ação violenta e eram de cunho “messiânico”; buscam criar uma democracia interna nas práticas cotidianas; ampliam a participação de mulheres e jovens, muitas vezes sem serem de gênero ou de faixa etária; observa-se uma ascensão dos movimentos ecológicos e retração dos

movimentos que se autodenominam feministas ou de bairros. O motivo para isso seria a cooptação de seus líderes pelos novos canais políticos.

Quanto ao papel dos atores sociais, Scherer-Warren (1996) identifica que atualmente eles são mais técnicos e que buscam revitalizar as relações comunitárias, possui maior preocupação em aproximar o tema de discurso à prática de ação. Mas também podem surgir outros que carregados de um sentimento vanguardista querem reviver métodos de ação ultrapassados e não raro querem ser donos do movimento, o que leva muitas vezes a extinção deste.

A autora relaciona ainda quatro grandes limites dos novos movimentos sociais que deverão ser superadas para que um novo modelo cultural possa se tornar realidade: a falta de homogeneização entre eles; dificuldade de penetração destes em toda sociedade civil; superação da defasagem entre o discurso (democrático, agregador, ouvinte) e a prática e a ação fragmentada no âmbito da sociedade, eles agem pontualmente.

Scherer-Warren (1996), construiu algumas análises para os novos movimentos sociais que se pretende aqui citar por achar muito consistente. A primeira observação faz referência a uma *sociedade atomizada* - crescente processo de individualização alienada ou dinâmica. Contribui para este processo a migração rural/urbano, a segregação espacial, os diminutos espaços de lazer, e a passividade diante dos meios de comunicação, que produz uma sociedade desmobilizada, não-interativa, individualizada, alienada e sem a intermediação das organizações sociais constituídas. Uma segunda observação se refere às *condutas de crise* - são atitudes tomadas para a sobrevivência como saques de desempregados a mercados, ocupação de áreas urbanas por sem teto ou movimentos violentos dos meninos de rua, são na verdade um antimovimento social. Algumas razões para tais condutas podem ser: incapacidade do Estado em gerenciar satisfatoriamente os serviços públicos, descrença e ineficiência no poder judicial ou ainda maior organização do crime (narcotráfico, seqüestros, formação de quadrilhas como PCC etc.). Por fim a última observação faz referência aos movimentos sociais e as condutas defensivas - durante o regime militar os movimentos tiveram como pauta a luta pela democracia. Entre os anos 70 e 80 eles se constituíam segundo as questões do cotidiano com um alcance político um pouco limitado, em quanto que na segunda metade da década de 80, muitos desses movimentos e organizações da sociedade civil, se orientaram e passaram a participar de redes mais amplas de pressão e resistência.

Quando há manifestação de um movimento social específico ocorre uma espécie de comprometimento mútuo, uma solidariedade de ação. No Brasil, as características das redes de movimentos que vêm se formando apresentam uma uniformização: busca de articulação de atores e movimentos sociais e culturais; transnacionalidade; pluralismo organizacional e ideológico; atuação nos campos cultural e político.

Finalmente a autora nos induz a alguns questionamentos como: as redes dos novos movimentos sociais podem construir novas utopias ou novos modos de vida alternativos; o pluralismo organizacional e ideológico poderá construir um novo imaginário de expressão social mais democrática; a transnacionalidade dos movimentos poderá construir uma interação mundial de paz e de não violência ou ainda, a atuação das redes de movimentos nos campos culturais e político criarão a possibilidade de penetração da sociedade civil na transformação da sociedade política.

As observações que até aqui foram feitas reforçam os argumentos de que há “algo de novo” e que, segundo Evers (1983), está fugindo a nossos modos de percepção e a nossos instrumentos de interpretação, “o liame entre os movimentos sociais e o conhecimento do social rompeu-se. Qualquer tentativa de emendá-lo deve partir do doloroso reconhecimento da ruptura (Evers, 1983)”. Mesmo assim é proposto em seu texto que algumas características podem ser observadas como: os novos movimentos não têm como ponto central a busca pelo poder político, mas querem uma renovação dos novos padrões sócio-culturais e sócio-psíquico do cotidiano, investem contra a alienação enquanto tal, sob todos os aspectos, estão num processo de busca identitária e querem a “reapropriação da sociedade”. O autor finaliza afirmando que a essência destes movimentos está em sua capacidade de gerar embriões de uma nova individualidade social, tanto em conteúdo quanto em autoconsciência e de subverter nossas formas de percepção.

Após feitas considerações sobre as teorias dos movimentos sociais clássicos e dos novos movimentos sociais pode-se construir um quadro onde constam, dentro de seus respectivos momentos, algumas características bem marcantes. Para isso propõe-se a estrutura abaixo a qual quer ser mais esclarecedora dos pontos mais salientes encontrados nos movimentos sociais aqui citados.

ANOS: 70/80

ANOS: 80/2000

Atores/ sujeitos	-busca por uma nova sociedade. -líderes de movimentos sociais. -agentes pastorais (leigos e religiosos). -diretores sindicais. -estudantes	-múltiplos sujeitos. -identidades. -cidadania
Objetivos	-democratizar a sociedade. -representação política	-solidificar a cidadania. -expressão de identidades. -mudança sócio-cultural
Ideologias	-anti-autoritarismo. -marxismo. -teologia da libertação	-novo pacto social. -anti-neoliberalismo. -fim das grandes linhas ideológicas.
Formas de organização	-movimentos de base. -sindicatos de classes. -partidos políticos.	-redes de movimentos sociais. -ONGs. -neo-comunitarismo
Estratégias	- greves e passeatas. -aliança com a estrutura política. -politização da sociedade.	-agenda social. -visibilidade. -busca por uma autonomia (gerencia e organização). -aproximação com o Estado.
Contexto político/social	-ditaduras militares. -início da abertura política.	-democracia. -fragilidade institucional. -consolidação da defesa dos direitos humanos. -multipartidarismo.
Contexto econômico	-crise econômica. -modernização conservadora. -endividamento externo.	-globalização e neoliberalismo. -crise inicial dos novos modelos.

Contexto cultural	-Autoritarismo, repressão. -controle. -clandestinidade e anistia.	-fragmentação social. -luta por reconhecimento. -individualismo. -multiculturalismo.
-------------------	---	---

3.3. IGREJA E MOVIMENTOS SOCIAIS

O tema da ação cristã e sua relação com os movimentos sociais se apresentam de forma concatenada, ou seja, a característica dos movimentos sociais, principalmente na América Latina, tem uma influência muito grande das orientações da Igreja Católica, principalmente até início dos anos 90.

A orientação da ação católica, que servia de direcionamento a muitos movimentos sociais da camada linha teórica clássica, pode ser dita que iniciou nos anos 60 principalmente após o Conselho Vaticano II que recomendou uma doutrina orientada socialmente que valorizava as experiências da vida diária e tinha como objetivo a libertação integral dos povos latino americanos, tanto social como espiritual. Esta libertação dos povos da América Latina, segundo a orientação cristã, é solidificada através da encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI. Vários outros encontros de bispos católicos foram feitos para criar uma orientação aos cristãos latinos americanos e agentes da igreja: Conselho Episcopal Latino Americana (CELAM), em 1955; Conferência Episcopal Latino Americano de Medellín, em 1968; Terceira Conferência Episcopal Latino Americano do México, em 1979. Percebe-se que no transcorrer deste período histórico os princípios básicos de uma Igreja comprometida com os oprimidos foram criando pressupostos para orientar os movimentos sociais na busca por uma pauta de luta ao poder estatal, cuja visão é que ele representa os opressores em detrimento aos mais necessitados.

A questão fundamental para analisar a ação da Igreja católica e sua vinculação de praticidade com os movimentos sociais nos remete a verificar a situação conjuntural da América Latina no período em que emergia linhas de ação como as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), a Teologia da Libertação e as

chamadas Pastorais Sociais (da terra, da juventude, da criança, etc.). Sherer-Warren (1996) faz algumas considerações que acho muito interessante pontuar. A primeira consideração, como já relatei anteriormente, consiste em destacar um posicionamento interno da igreja que indicava uma aceitação de uma “Nova orientação” pastoral no que tange a ação eclesial frente à situação social e política que ora se apresentava; uma segunda consideração deve-se à presença de jovens teólogos progressistas que criam uma utopia de libertação para a América Latina. Suas argumentações faziam eco entre os líderes religiosos e sociais que ansiavam por argumentos instigadores de ação. Um terceiro ponto levantado pela autora diz a respeito à consciência que tinham os padres e religiosos da contradição entre sistemas do governo em voga na América Latina e o aumento da miséria do povo. Cabe aqui ressaltar a onda das ditaduras militares que se pautavam no descaso aos direitos humanos e na violência institucionalizada. O último aspecto que ela salienta é a questão da infra-estrutura pastoral dos países latino americanos. Como havia uma escassez de padres para se inserirem no meio das comunidades se desenvolveu um processo de treinamento de lideranças leigas cuja finalidade era fazer um trabalho de evangelização, organização e conscientização das camadas populares sobre a situação social que estavam vivendo e que a partir daí propor ações de luta para mudar o contexto social.

A nova orientação pastoral da igreja se materializa fortemente na organização das comunidades eclesiais de base (CEBs) que, em, muitas comunidades, criam laços com outros movimentos sociais, e praticamente os induzem para uma ação imbricada aos que elas trazem como princípio, ou seja, a libertação do oprimido através da organização consciente da base.

As comunidades eclesiais de base (CEBs) são “agrupamentos restritos, onde vigem relações primárias, isto é, nominais e interpessoais, que tem um caráter religioso sentido sociológico (...) mas também em sentido teológico (...)alude a uma construção (um movimento) a partir das bases em oposição a uma imposição a partir da cúpula (FOLMANN, 1985: 86,87)”.

Elas surgem e logo se estendem em meados dos anos 70 na época em que outras formas de organização comunitária emergiam em bairros populares, sindicatos urbanos e movimentos rurais em várias partes do país. Para muitos agentes das CEBs o espaço de luta não era apenas no seio de sua comunidade, eles deviam estar “infiltrados” em todos os movimentos sociais de tivesse como objetivo a luta

pela transformação social como sindicatos, partidos políticos, movimentos de luta pela terra entre outros. Percebe-se que a ação libertária cristã ultrapassara um âmbito comunitário religioso e atinge espaços laicos.

Do ponto de vista sociológico, a sua influência na transformação da realidade política, econômica e social nos países da América Latina não pode ser desconsiderada apesar de ser uma ação articulada internamente na igreja, não necessariamente pela cúpula religiosa, senão que ultrapassa seu espaço e torna-se um agente político. Se para muitos elas são mais um movimento social para outros as CEBs são formadores de agentes políticos, que especialmente treinados, constroem movimentos sociais. Portanto, mesmo tendo esta discussão conceitual, é inegável o papel que a ação cristã (desenvolvida pós-concílio Vaticano II e Pós-Conferência Episcopal Latino-Americano do México em 1979), produzia no meio da comunidade dos povos da América Latina.

Há que se pautar também que as influências ideológicas que pautavam os debates nesta época (60-80) foi fator importante na formulação da linha de ação da Igreja Católica, principalmente para a América Latina. A questão da ideologia e religião, Follman (1985) argumenta que há uma grande vinculação de ambas quando se analisa os posicionamentos de líderes religiosos, “podem ser considerados “reacionários”, “modernizantes”, “reformistas”, ou até “revolucionários”. É nítido que durante o período em que a ação da igreja latino-americana estava voltada para “a libertação do povo oprimido” há uma forte influência de teorias marxistas, principalmente com os marxistas, principalmente com uma de classe. A trajetória teórica na qual se fundamentou a teologia da libertação (cujo maior detalhe está no capítulo dois desse trabalho), a organização dos movimentos de ação católica, as comunidades eclesiais de base e o movimento de educação de base, possui uma conotação muito próxima as teses que foram desenvolvidas por Marx.

A leitura de textos da “teologia da libertação” e de grupos católicos de “esquerda” nos mostra que existe, nesse meio, uma ampla margem de assimilação das categorias explicativas do processo social, elaboradas pelos pensadores marxistas (Follmann, 1985).

Apesar de serem notáveis os indícios da aproximação das teorias da chamada doutrina social da igreja com teses marxistas, ela sempre teve preocupação em evitar usar termos que desvelasse tal fato. O discurso dela tinha a tendência de combater a visão marxista, muitas vezes acusando-a de

empobrecedora e reducionista. Gostaria de deixar claro que as defesas citadas dizem respeito à cúpula da igreja e não de muitos líderes de base, que pelo detectado não se constroem de definições como: “vermelhos”, “de esquerda” ou “comunistas”.

Uma questão que é pertinente levantar é, qual o fato motivador para que a ação da igreja tomasse este novo posicionamento, ou seja, optar por uma visão libertária e progressista, em muitos casos até revolucionária? Além dos posicionamentos analisados e aqui citados por Scherer-Waren (1996), é necessário trazer outros dois teóricos que conduzem as suas análises sobre a igreja católica de forma muito crítica, são os marxistas Antonio Gramsci e Rosa Luxemburgo. Na obra de Folmann (1985) encontramos observações destes autores que, fazendo uma análise histórica do posicionamento da igreja frente a sua realidade social, produzem textos que nos ajuda a perceber que as mudanças internas que ocorrem na igreja não surgem sem uma grande pressão social externa. Relatam que o cristianismo aparece inicialmente como um movimento político ideológico dos povos oprimidos e que mais tarde, ao se aproximar do Império Romano, passa a mudar radicalmente convertendo-os a defensores de um estado opressor e feudal. Da situação de controlador da sociedade civil no período feudal ele é destituído pelas revoluções reformistas do período moderno e passa a ser subalterno do estado. Finda esta linha de pensamento com a visão e independência administrativa e agente social de transformação no período pós-guerra mundial. Rosa Luxemburgo vai mais além e fundamenta que a igreja passa de um comunismo cristão, no decadente império romano, para uma defensora do modelo capitalista, pós-feudalismo, modelo este que ela combateu. Finalizava afirmando que a nova visão para América Latina deu-se a questão da incompatibilidade entre o evangelho propagado e a realidade visível.

Um outro viés importante de ser analisado, no período de inserção da igreja católica no meio popular, é o protagonismo dos leigos frente à ação pastoral. A maioria dos estudos relacionados à igreja dedicou-se a analisar aqueles agentes da igreja que possuíam o magistério religioso como padres, freiras, bispos, etc. Os leigos são aqueles agentes que mesmo não possuindo o ministério são os que levam os princípios religiosos aos mais longínquos lugares. É perceptível que estes leigos não eram simples “tarefeiros”, mas líderes especialmente treinados cuja função primordial era conscientizar as comunidades sobre o seu papel diante da

situação de exclusão em que viviam. Esta exclusão não era apenas econômica, mas principalmente política, pois se vivia uma época de várias ditaduras militares na América Latina. Os movimentos leigos são antecessores da própria teologia da libertação. Eles são base fundante das CEBs, pois a característica principal é a sua desvinculação direta com a hierarquia da igreja. Alguns teólogos da teologia da libertação como Boff e Gutiérrez reconhecem que suas reflexões receberam influência destes movimentos.

Conforme Mainwaring (1989. p,28):

Bem antes de surgir a teologia da libertação, movimentos leigos brasileiros e agentes pastorais progressistas já haviam feito uma reflexão sobre os principais temas que seriam sistematizados pela nova teologia e apresentado uma concepção de fé vinculada a posições políticas progressistas.

A partir da segunda metade da década de 80 aparece um avançar da tendência neoconservadora cuja preocupação é frear a linha progressista que até então “dita as regras” de ação da igreja católica na América Latina. O papel de Roma, através de várias determinações, também ajuda a ampliar o avanço desta linha conservadora procurando delimitar os progressistas. Apesar de tantos exemplos de ação progressista, o resultado disso é uma série de lutas complicadas dentro de uma das mais complexas instituições do mundo: estas lutas entre conservadores, moderados e radicais não foram somente na América Latina, mas também na Europa.

O avanço do neoconservadorismo na igreja não só induz a um drástico retrocesso progressista como cria mecanismos que circulam sua possível progressão como, por exemplo, a condenação do teólogo Leonardo Boff e a substituição de Dom Helder Câmara da diocese de Recife (conhecido progressista) por um moderado desconhecido chamado Dom José Cardoso Sobrinho. A partir de 1995 as outras nomeações adotaram um padrão semelhante, tanto no Brasil como em vários países da América Latina. Segundo a obra de Mainwaring (1989), a maior polêmica e confronto entre progressistas e conservadores ocorreram na Nicarágua onde de certa forma a Igreja popular se distancia da institucional, portanto uma igreja que se aproxima muito do estado socialista. Como o Papa João Paulo II era

um polonês que possuía experiência conflitiva com o estado opressor e autoritário de caráter socialista constituído na Polônia, cada vez mais o Vaticano produzia documentos que possuíam uma clara intenção de neutralizar a aproximação das idéias marxistas com a base social da igreja.

Atualmente é notável que toda orientação pastoral do Vaticano para a América Latina possui um viés mais conservador e que opta por dar ênfase no caráter espiritual contemplativo do que no aprofundamento de temas mais progressistas como a questão da terra, corrupção na política ou ainda ideológicas políticas.

3.3.1 - Ação Cristã e a Igreja no Brasil

É necessário trazer ao debate a caminhada da igreja brasileira em particular, principalmente aquela que se desenvolveu entre o período de 70 a primeira metade da década de 80. Neste texto vou procurar fazer ponderações a partir da obra de Mainwaring (1989) e Folmann (1985), além de observações obtidas de análises de artigos ligados à própria igreja como os textos de campanhas da fraternidade e de orientação pastoral.

Segundo os autores acima citados, à igreja brasileira, durante o período de 74 a 1982 adquiriu a maior importância no catolicismo internacional, tornando-se a igreja mais progressista do mundo. Muito mais do que em outros países latinos americanos, membros da chamada ala progressista da igreja católica brasileira, passam assumir postos mais estratégicos na cúpula administrativa e vinculam a fé ao posicionamento religioso comprometido com a justiça social e com os pobres. Em 1976 a teologia brasileira amadurece e se consolida na forma de novas estruturas eclesiais, práticas pastorais e envolvimento político. Diferente dos reformistas, os progressistas exigem reforma políticas mais radicais e usam um grande contingente de agentes leigos, tanto nas missões evangelizadoras como também nas cerimônias religiosas e nas tomadas de decisões da diocese. Na linha apostólica a igreja popular acentua o conceito de salvadora do mundo incentivando a organização de movimentos de base, agentes de mudança social.

Além do citado, outro destaque é a questão das produções teóricas e teológicas que rompem fronteiras e se espraiam por toda América Latina e ecoam

muito bem em outras partes do mundo. Vários artigos e encíclicas eram produzidas por membros religiosos e leigos da igreja que defendiam uma igreja brasileira como agente comprometida com a liberdade política e contra a exclusão social produzida pelo sistema capitalista. Esta percepção de papel mostra uma radical mudança de posicionamento que, segundo Folmann (1985), começa internamente, pois ao longo da história brasileira ela foi sempre nitidamente uma grande parceira das classes dominantes, pois era formada exclusivamente por católicos tradicionais e caracteristicamente portadores de ideologia conservadora.

Conforme Folmann (1985. p. 68):

Essa imagem da igreja está radicalmente mudada, uma vez que depois de um amplo processo de internalização do compromisso cristão, setores da mesma vem assumindo posicionamentos ideológico que estão em clara contradição com as funções sociais tradicionais da igreja, a ponto de autores sugerirem a hipótese de que a mesma igreja que, até tempos recentes, fora “tutora dos pobres”, agora possa ser denominada de “ideóloga dos pobres”.

Esse “avanço progressista” ocorreu tão fortemente no Brasil por que nos dez anos que antecederam o golpe militar de 64, foi criada uma base democrática na sociedade que favoreceu a proliferação de movimentos sociais de cunho reformista nos mais variados seguimentos da sociedade civil. Os sindicatos, os partidos e a igreja no Brasil gozavam de alguma liberdade que em muitos lugares da América Latina isso não ocorria. Durante os anos 60 a 63 houve um crescimento de movimentos religiosos progressista sem precedente no Brasil, sua força era tanta que chamou a atenção tanto de favoráveis como os contra, criando um conflito interno que permaneceu até o confronto direto entre a igreja e o regime militar pós AI-5 em 1968.

A igreja brasileira, durante os primeiros anos do golpe militar se manteve um tanto apática e não se mostrava interessada em entrar em atrito com os governantes. Vários documentos foram redigidos tentando sensibilizar o governo militar para a questão da liberdade política e aos direitos humanos, no entanto não possuía muita ênfase nas questões ideológicas que estavam em debate no momento. No entanto na base da igreja crescia os movimentos de jovens (JOC, JUC, PJ), as comunidades eclesiais de base e os movimentos de agricultores em

busca pela terra. “Os primeiros anos sob o regime autoritário pós-1964 foram, para diversos setores da igreja, um tempo de silêncio, expectativa, perseguição e, sobretudo, construção na base”. (Folmann, 1985).

Folmann (1985) salienta que sob o regime autoritário militar os movimentos da sociedade civil que antes gozavam de plena liberdade e agora eram perseguidos encontraram no “seio” da igreja espaço para suas reivindicações: tornou-se a “voz dos que não tem voz”. Isso não ficou apenas no discurso, pois ela organiza vários conselhos de apoio como: CIMI (Conselho Indigenista Missionário), CPT (Comissão Pastoral da Terra) CDDHs (Centro de Defesa dos Direitos Humanos), CPD (Comissão Pastoral Operária) e os Centros Ecumênicos de Documentação e Informação (CEDI).

Os atritos mais fortes (CEDI).

Os atritos mais fortes sor iniciam a partir de 1967 quando a estação de rádio da Arquidiocese de São Luís veiculou textos que questionava a independência do Brasil, poucos dias antes das festas nacionais em homenagem ao “7 de setembro”. Os militares fecham a emissora por denúncia de subversão, isso leva muitos líderes da cúpula diocesana a se manifestarem em uma reação de até então jamais vista. A região brasileira onde era considerada mais explosiva era o Nordeste, pois sob a liderança carismática de Dom Hélder Câmara cresciam as denúncias contra os militares e se materializava os trabalhos pedagógicos da Igreja junto ao povo para uma tomada de posição contra o regime. “Na medida em que a Igreja se tornava a única instituição capaz de contestar o governo, também se transformava numa vítima de repressão”. (Mainwaring, 1989). Em sentido contrário a repressão aumentava a convergência das forças internas da Igreja (conservadores, moderados e progressistas) que impulsionava a cúpula da Igreja a denunciar o regime. O que impulsionava e que rompeu a Igreja da aproximação com o governo foi o assassinato do Padre Antônio Pereira Neto ligado a Juventude Operária Católica em 25 de março de 1969.

É interessante relatar que o devido ao Ato Institucional nº. 5 (AI-5), que encrudece o regime, tornou-se mais difícil para os leigos líderes da base, atuar de maneira mais exposta, assim padres e freiras assumiram mais responsabilidades na defesa dos direitos humanos, devido a isso, transformaram-se cada vez mais em alvos de repressão. Outro fato que merece relevância é a questão de que apesar da perseguição a Dom Helder e outros bispos a maioria dos atritos ocorria entre os

líderes locais de pouca expressão os atritos da Igreja com o estado durante anos 1964-1973 provocou uma mudança dentro da institucionalidade que passou a fazer fortes defesas de sua própria autonomia e integridade institucional e considerar ilegítima a intrusão do governo no seguimento. Em 1973, a CNBB se posicionou publicamente contra a forma em que se sustentava o governo e o capitalismo de dependência, seguiu-se a partir daí uma posição unívoca da igreja brasileira.

Com uma visão de maioria progressista a Igreja consolida e amplia a linha de fé com compromisso social e dá as raízes para a chamada Igreja Popular que se estende de 74 a 82 já anteriormente detalhado. Conforme relata Mainwaring (1989), de 1982 a 1985 ocorre um declínio da tendência progressista e um cauteloso caminhar em direção ao neoconservadorismo. Ele argumenta que dois fatores foram fundamentais: “O processo de democratização é um desafio significativo da parte dos setores eclesiásticos neoconservadores”.

A partir das eleições de 1982 a democracia foi gradualmente aparecendo e dando abertura ao renascimento da sociedade civil organizada desagregada da igreja que outrora foi sua tutora. Esta igreja que antes assumia o papel de ser “a voz dos que não tem voz”, agora não se sentia mais compelida a isso. A volta da democracia diminuía o incentivo que muitos bispos tinham para se envolver publicamente na política, pois o parlamento, a imprensa e os partidos estavam em total funcionamento. Afirma-se que como nos últimos 20 anos a hierarquia da igreja frequentemente teve que falar sobre problemas sociais, econômicos e políticos agora era chegada a vez dos leigos se manifestarem mais.

Internamente a situação da linha progressista começa a sofrer um revés na medida em que o Vaticano inicia um maior controle sobre as atividades do clero na América Latina. Muitas propostas de caráter progressistas foram vetadas (em 1982 a idéia da “missa da terra sem pecado” e “missa dos Quilombos”, foi rejeitado pelo Vaticano) e vários relatórios do Vaticano davam orientação de como o clero proceder diante de assuntos ligados a questões sociais. No Brasil o verdadeiro ataque contra a teologia da libertação começa a partir das contundentes críticas ao teólogo Leonardo Boff e sua posterior condenação ao silêncio em 1985. Em 1984 a congregação do Vaticano para doutrina de fé encabeçada pelo cardeal Joseph Ratzinger emitiu um importante documento que criticava a teologia da libertação. Nos últimos anos as nomeações de bispos e arcebispos para a igreja brasileira

tiveram um caráter conservador e que buscavam novamente esta linha da cúria romana.

Atualmente a pauta das atribuições eclesiais brasileira é nitidamente neoconservadora, onde se dá mais ênfase a renovação da fé, ligada as determinações do novo Papa Bento XVI que substituiu a João Paulo II em 2005.

4. O MOJOG: ORIGEM, BASE TERRITORIAL E SOCIAL.

Há alguns anos, atuando junto à pastoral da juventude da Igreja Católica, acompanhei um processo muito interessante de ação efetiva dos jovens junto a entidades sociais e políticas, primeiro do meu município de origem, Palmeira das Missões, e segundo, com mais nitidez, no município em que hoje resido, Parobé. Atualmente como professor e um interessado no tema juventude e suas formas contemporâneas de sociabilidade, fiquei curioso em saber como é efetivamente esta nova maneira de se integrarem socialmente, se é que isso é verdadeiro.

Situada na região dos vales dos rios dos Sinos e Paranhana, este município limita-se com os municípios de Taquara, Igrejinha, Nova Hartz, Sapiranga e faz parte da Grande Porto Alegre. Segundo Peixoto (1990), Parobé emancipou-se do município de Taquara em 1º de maio de 1982, mas sua formação populacional vem de muito tempo. Como se sabe as origens dos municípios é diferente, ou seja, as maneiras de se constituir variam conforme muitos fatores, um deles é o aspecto étnico. Pois bem, a nossa região passou por um processo de povoamento que seguiu a mesma lógica da região do Vale dos Sinos, isto é, primeiro era habitada por povos indígenas e mais tarde, no século XVIII por luso-brasileiros, vindos de Santo Antonio, Viamão, Gravataí e outros lugares. Juntamente com alguns imigrantes portugueses estes luso-brasileiros se estabeleceram na margem esquerda do rio dos Sinos em uma região que hoje se localiza o 2º distrito, Santa Cristina do Pinhal. A partir de 1840 começaram a chegar as primeiras famílias de alemães, alguns migrantes, outros descendentes de alemães que já residiam no Brasil há mais tempo. Eles desembarcaram no porto de Santa Cristina, onde muitos se dirigiram para uma região chamada de Mundo Novo, hoje Taquara, e outros permaneceram no lugar contribuindo para a formação do município.

O território que hoje faz parte Parobé era formado por duas fazendas: Fazenda Pires e Fazenda Mosmann. Nesta última ficou situado à sede do município. Devido a isso, até 1904 a região era conhecida pelo nome das duas fazendas, mas, com a instalação da estação ferroviária Parobé (em homenagem ao engenheiro José Perreira Parobé), a localidade não apenas mudou de nome como também passou a ser uma região de notório desenvolvimento.

Nos anos seguintes, com o loteamento das terras próximas da estação, começaram a serem construídas novas casas e a florescer um intenso comércio, com a instalação de farmácias, armazéns, casas de tecidos, cinema, etc. Mesmo com o ativo comércio Parobé continuava sendo uma região de produção agrícola e é somente na década de quarenta que começam a se instalar na região as primeiras indústrias.

As empresas instaladas no local se direcionaram principalmente à produção de calçados. Assim, vemos a instalação da indústria de calçados Isabela (depois se chamou Starsax), Bibi e mais tarde Azaléia. Inicialmente a produção estava voltada toda ao mercado interno, mas hoje com a grande produtividade se exporta para os mais diversos países. É necessário salientar que durante a segunda metade dos anos 90 a situação do setor calçadista, não só de Parobé, mas de todo o vale do Paranhana, passou por uma grande crise, cujo resultado foi o fechamento de várias grandes fábricas deixando um grande número de trabalhadores desempregados e dificultando a situação financeira do próprio município. O motivo principal foi a política econômica nacional que durante o governo Collor reteve as economias particulares retraindo as compras no mercado interno e, como a produção em sua maioria não era para a exportação a “quebradeira” foi muito grande, principalmente as que tinham o mercado interno como principal foco, um exemplo disso ocorreu com a Calçados Starsax.

Ao mesmo tempo em que a produção de calçados crescia a população também. O crescimento que aqui me refiro não é simplesmente pelo aumento no número de nascimentos, mas fundamentalmente pela imigração. Esta característica de Parobé é muito interessante relatar, ou seja, a sua grande atração migratória. Em 1983, primeiro ano após a emancipação, os líderes políticos e empresariais resolveram investir no incentivo à imigração. Foram criados mecanismos de atração como; a doação de áreas para loteamentos (a maioria sem documentação pertinente e com pouca infra-estrutura), propaganda de emprego fácil e bem remunerado, e até

a busca de mudanças destes imigrantes em outros municípios. Este processo trouxe para Parobé duas situações: a primeira é que houve um crescimento desordenado do município criando dificuldades de organizar a urbanização (por exemplo, até hoje há bairros onde várias ruas ficaram sem saídas). A segunda situação diz respeito ao aumento da oferta de mão-de-obra que forçou a queda no valor pago aos trabalhadores. Como antes havia carência de trabalhadores Parobé era o município com melhor nível salarial da região, no entanto, com a grande leva de imigrantes que se dirigiam ao município e não houve um crescimento industrial no mesmo ritmo, começou a “sobrar” mão-de-obra, a consequência disso foi à busca pelos melhores qualificados, pagando logicamente, menos. Portanto aos empresários essa situação foi favorável, mas aos trabalhadores e ao próprio município não, pois com a crescente urbanização a administração municipal não conseguia manter os serviços básicos com qualidade, faltavam recursos para abrir ruas, investir em saneamento básico, ampliar a rede pública de saúde e criar novas escolas. Com a queda do poder aquisitivo o comércio, que apontava para a prosperidade, começou a sentir dificuldades. A saída então foi criar mecanismos de redução da imigração ou até mesmo incentivar a emigração, ou seja, a volta de muito para seus municípios de origem. Percebe-se que este processo trouxe como consequência o aumento populacional de Parobé, que passou de pouco mais de cinco mil habitantes no ano de sua emancipação, para mais de quarenta mil vinte e três anos depois.

Estes imigrantes eram oriundos das mais diversas regiões do estado e até fora dele. O que tinham em comum era a busca por um emprego e o sonho de melhorar a vida. Traziam também experiências de vida muito particular e que de uma forma ou de outra formaram a identidade comunitária deste município. Atualmente a população de Parobé é formada por uma grande maioria de imigrantes e seus descendentes somando-se a uma minoria “natural” do município. A sociedade parobeense se constitui culturalmente de uma miscigenação que encontrou ressonância na facilidade de convivência entre os que chegavam e os que já se encontravam no lugar.

Junto com esses imigrantes, em sua maioria do meio rural, vieram também as características religiosas do interior, como as festas aos santos, as romarias, as novenas de famílias e as organizações juvenis. Como é característico de certos migrantes, inicialmente não conseguiram se “desligar” das suas origens, transferindo assim, para o lugar que passam a habitar, as suas manifestações culturais, tanto

peçoais como coletivas. Faço referência, neste particular, a sua prática religiosa que apresenta uma perspectiva mais comunitária e sociável. Com relação à questão intra-familiar, os filhos destes migrantes passaram a ser mais direcionados aos “costumes interioranos” (ir à missa aos domingos, ter maior respeito aos idosos, cumprimentar formalmente os estranhos, etc.) e, portanto, as exigências acabavam sendo maiores.

Quanto aos festejos aos santos e as romarias, eles tornaram-se fatores fundamentais para uma maior sociabilidade entre os moradores e freqüentadores da comunidade com as pessoas que vieram “de fora”. Nos fins de semana de Parobé se tornou cultural as comunidades católicas e luteranas comemoram seus festejos religiosos, para tal, criam grupos promotores do evento que têm a incumbência de aproximar a comunidade da festa, criando assim uma pauta comunitária onde o ponto alto é o dia escolhido para a comemoração. A sociabilidade a que referi anteriormente, diz respeito a este relacionamento comunitário que se produz durante o preparativo da festa e no próprio dia. Em algumas comunidades ainda se fazem romarias ao santo padroeiro para que seja dada maior visibilidade do mesmo e da festa. Neste dia se ampliam as relações sociais criando uma sincronia entre os moradores e freqüentadores da comunidade, que não se percebe entre estes quem é o imigrante e quem não é. Por esta razão é notável que há uma interação das famílias nos mesmos moldes das que se expressam no meio rural, penso que essa é uma das características que acompanharam a grande leva de migrantes que chegaram no município e que até hoje se perpetua.

Dentro deste contexto é que surge em Parobé o Movimento de Jovens do Guarujá, o MOJOG. Este grupo se organiza sob a orientação do padre Vítor Hugo, pároco da paróquia São João Batista, o qual tinha a orientação da pastoral de jovens da diocese de Novo Hamburgo, principalmente na pessoa do bispo, na época D. Sinésio Bohn.

O MOJOG iniciou em 1984, formado por alguns jovens do bairro Guarujá e incentivado pelo pároco Vítor Hugo que, como muitos dessa época, tinham uma orientação diocesana de fomentar tal ação. Inicialmente os jovens se reuniam em uma parte da casa do zelador do cemitério municipal Sr Miro, pois a comunidade católica do Guarujá ainda não tinha um centro comunitário específico para tal atividade. A motivação do grupo era apenas fazer um trabalho de ação religiosa na comunidade do bairro, mas como já citado as ações foram muito mais longe, como a

atuação na direção da própria comunidade e atividade de cunho mais social, por exemplo, em manifestações sindicais e estudantis que ocorreram no município. Internamente, isto é, dentro do movimento da pastoral da juventude, os jovens do grupo foram sempre muito atuantes pois eram líderes de instâncias deliberativas e de congressos temáticos. Como consequência, atualmente há em Parobé muitas lideranças políticas e eclesiais que passaram pelo grupo e que atuam usando métodos aprendidos na convivência com o MOJOG.

O perfil dos jovens que iniciaram o grupo era muito homogêneo, pois as ações e manifestações convergiam para a mesma linha, ou seja, buscavam discutir temas como, a relação do jovem com o mundo do trabalho, o protagonismo juvenil, o papel da igreja frente aos problemas sociais e políticos, participavam de passeatas e caminhadas jovens, sempre questionando a realidade que viviam e planejando um outro tipo de sociedade, que fosse no futuro mais justa e mais fraterna, mesmo havendo sérios debates e questionamentos, (faço esta citação porque vivenciei boa parte deste período). Viviam também num contexto em que a comunidade ainda estava se estruturando, juntamente com o município, pois a emancipação política, como já foi relatada, ocorreu em 1982. Penso ser este um dos motivos deste perfil parecido e de gostos muitos semelhantes.

Atualmente a juventude parobeense possui uma grande importância na economia do município, pois as indústrias de calçados são grandes assimiladoras desta mão-de-obra, no entanto percebe-se também que há uma baixa qualificação profissional. Muitos desses jovens abandonam os estudos para poderem trabalhar nos “turnos” das indústrias fazendo deste emprego sua prioridade e rebaixando a importância da educação formal, deixando-o para um segundo plano. Nota-se também um distanciamento destes jovens com as questões sociais e políticas, a prioridade deles depois do emprego, é “festa” e os momentos de diversão ao redor da praça municipal, onde nos fins de semana reúne uma enorme quantidade de pessoas onde buscam “curtir” o momento.

Outro ponto que penso ser interessante relatar neste item é a questão do esporte como fator de integração social e comunitária. Além dos festejos comunitários, os jogos de futebol, tanto de campo como de areia, são constantes e formam redes sociais onde uma comunidade desafia a outra para a disputa. Tanto o desafio como a disputa ocorre sempre dentro de uma cordialidade, com exceção de alguns momentos que fogem da rotina. Há no município várias comunidades que

incentivam a organização de torneios de futebol para integrar seus jovens e também inseri-los em seu meio, buscando distanciá-los dos problemas de disciplina e de atrações que coloquem em perigo sua integridade física. A sociabilidade que gera este tipo de evento auxilia a formar o perfil dos jovens das comunidades religiosas de Parobé e que de uma forma ou de outra influencia também o restante dos jovens do município.

Os jovens que hoje participam do MOJOG possuem uma identificação semelhante com a citação anterior, pois muitos ainda não concluíram o ensino médio e outros pararam de estudar. No tocante a questão social, entre eles e a comunidade, percebe-se uma aproximação mais religiosa e menos política administrativa, logicamente que não são excluídos, mas não há uma inserção destes com a diretoria, pelo percebido não são nem escutados, servem mais como tarefeiros do que como agentes.

5. O MOJOG FRENTE À CATEGORIA JUVENTUDE

5.1. A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Ao estudarmos o tema juventude devemos ter clara a etimologia do termo. Segundo Libânio (2004, p.18), ele vem do adjetivo *aiutans* verbo *aiutare* que significa ajudar. Portanto é uma categorização de uma faixa etária que serve para ajudar os adultos na manutenção da própria família. Observa-se que mesmo nos dias atuais esta incumbência é observada, principalmente em famílias de renda média.

Para a UNESCO a categoria juventude fica assim definida:

O termo juventude designa um estado transitório. Uma fase de vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade: o final da juventude será segundo os critérios e os pontos de vista que se adote para determinar se as pessoas são jovens. (CASTRO, 1998, p. 582).

Mesmo os órgãos internacionais tentando regulamentá-lo e padronizá-lo, esta categorização não goza de consenso. Mas qual seria a definição? Conforme o livro “Juventude anos 90” de Rosilene Alvim (2000), a civilização se preocupou com a classificação da faixa etária do ser humano, somente com a organização do estado moderno (século XVIII), onde o cálculo e os números ganham importância para a precisão cronológica. A necessidade de um tratamento diferenciado para as idades, levou os estudiosos a classificar os indivíduos segundo as diferentes fases de seu crescimento, não contando a função social, mas o comportamento, que passa a ser o “cerne da questão”.

Segundo Alvim (2000), “o enquadramento desta categoria não é justo, pois os critérios não são consistentes”. Pierre Bourdieu (1983) também faz referência a isto ao condenar as associações cronológicas simplistas, nos alertando que, ao escrevermos sobre juventude devemos ter o cuidado para não enclausurarmos o conceito, pois pelo que se constata a fase é um processo, por isso pouco mensurável não é um organismo estrutural fixo.

Conforme Alvim (2000; p. 286):

É um tema necessariamente mais livre, limitá-lo é impedir que se construam e reconstruam sujeitos sociais historicamente diversos, com trajetórias diferenciadas, como grupo e indivíduos que participam da delimitação de um campo como protagonistas em movimento.

Para a sociologia, juventude é considerada não um estado, mas sim um processo e é nessa perspectiva que procurarei trabalhar, ou seja, ver no processo de formação do jovem as mudanças de comportamento no que tange sua participação na esfera sócio-cultural, tendo logicamente um grupo específico. Este recorte não necessariamente é delimitador do conceito, mas um definidor do objeto, em outro termo o “foco de análise”. Quero, portanto, levar esta discussão para a questão de comportamento social e torná-lo um pouco mais abrangente.

A questão juventude ou “juventudes” é trabalhada na obra de Dick (2003) onde o autor faz referência a quatro visões de juventude: (1) Visão biocronológica

(leva como definidor a idade), (2) Visão psicológica (vê a juventude pelo lado conflitante do ser), (3) Visão sociológica (que vê a juventude como grupo social); (4) Visão cultural-simbólica (busca ver a juventude no seu universo cultural). O tema é aprofundado ainda mais quando trabalha conceitos de categoria-social para a juventude, demonstrando também dificuldade em definir os conceitos desta categoria e adolescência. Não tenho intenção de fechar debate, mas penso ser mais pertinente para o estudo do meu objeto de pesquisa, não direcionar o conflito conceitual com relação à definição da faixa etária da juventude. Partirei de uma definição mais geral de juventude, buscando ver até onde esta é suficiente para esclarecer as dúvidas e questionamentos que surgem sobre o tema e que tentarei responder.

Quero ainda trazer a ponto de debate um trabalho de Melucci (1997), onde ele elabora definições da juventude contemporânea no que tange a sua ação social. Ele afirma que atualmente o grande conflito juvenil diz respeito a sua própria atitude de como protagonista frente ao universo social que se apresenta. São tantas opções de ação que ele não se sente preparado para escolher e fica “pasma” por saber que há o que fazer, mas na dúvida não age. Segundo o autor (1997); “...Como a cadeia de possibilidade torna-se muito ampla, comparada com oportunidades atuais de ação, o questionamento sobre limites torna-se um problema.”

Mesmo que o recorte exposto sirva como embasamento teórico, quero esclarecer que minha pesquisa vai justamente tentar buscar saber que tipo de ação o jovem pesquisado toma após se refazer do susto inicial, acima citado. O que me interessa é saber se ele rompe a inércia inicial e qual o tipo de atitude mais freqüente. Farei uma observação que diz respeito ao como ele age frente as questões sociais, ou seja, participa por que está ali, torna-se protagonista da ação, ou fica alheio a tudo? E ainda, por que será que ele age desta maneira? Estes são alguns dos questionamentos que durante todo o trabalho vou tentar achar respostas.

Atualmente não é fácil estudar o jovem de maneira substancial, pois se nota a criação de muitos códigos até então indecifráveis. Penso que isso é fruto principalmente do grande desenvolvimento da mídia, onde as informações se mundializaram e a construção de novas redes de interlocuções se proliferam. Se por um lado surge a dificuldade de decifrar os novos códigos, por outro, cria-se uma

facilidade em saber muita coisa de outras juventudes e fazer comparações entre as distantes e as mais próximas.

Sendo um elemento da estrutura social é salutar buscar esclarecer como ocorre sua “construção” conceitual. É a partir dessa necessidade explicativa que recorro a um autor chamado J. B. Libânio (2004). O autor trabalha a questão da juventude buscando organizar uma observação clara sobre quem é este indivíduo. Para Libânio (2004) o início da juventude é mais nítido, pois se refere às questões de mudanças físicas que envolvem componentes biopsíquicos e psicossociais. Já o fim desta fase é mais obscura por que está relacionada à questão social. Quanto a questão estrutural o jovem vive um conflito básico, por um lado busca sua autonomia e por outra só pode viver frente de certos parâmetros impostos pelo corpo social.

A idéia do conceito, construída pela sociedade, mostra que a juventude é uma construção histórica que em vários tempos teve sua interpretação. Libânio (2004) afirma que apesar de discordâncias o tema da juventude é uma questão social vista como uma proposição afirmativa em construção. Em sua obra ele faz uma linha temporal onde propõem que na antiguidade, principalmente a romana, não havia juventude, dava-se um salto da infância para a adultidade. Já com a industrialização isso muda, pois era necessário haver mais mão-de-obra. Na modernidade os jovens vão para a escola para que, através do esporte em equipe sejam “domados” (Libânio, 2004, p.36) e afastados da questão social, segundo interesses da própria sociedade moderna. Mais recentemente os jovens buscam questionar sua situação e exigir reconhecimento como categoria. Ainda com Libânio (2004) é analisada a atual dupla marginalização do jovem. Uma que quer mantê-lo fora do mercado e outra que quer obrigá-lo a encontrar trabalho. Na fase contemporânea a juventude é ainda mais “marcada” pela mídia, a qual lhe impõe um estilo de vida e de consumo como padrão para outras idades.

Nitidamente inquietado com a situação os jovens modernos nutriam - se de movimentos contestatórios e de rebeldia. Com a racionalidade científica e tecnológica surge o império da “razão instrumental” que questiona os hábitos juvenis e seus posicionamentos frente a uma sociedade marginalizada e excludente. Portanto o desafio era como ser incluído em parâmetros típicos da modernidade como o trabalho, o estudo e o poder econômico. Dessa dificuldade surge a inconformidade que tem como resultado as ações políticas juvenis da década de 60. Deixa de existir uma sociedade juvenil das farras, das orgias e do desencanto, para

aflorar uma geração politizada. Tal movimento começa nos EUA pela questão da guerra do Vietnã até se entender pela Europa e América Latina.

O jovem atual alimenta sua rebeldia com a realidade excludente e desumanizadora que o final da modernidade construiu. Uma sociedade tipicamente centrada no modelo burguês de ser e que para muitos é apenas um inatingível estágio. O fim desse período não parece ser delimitado porque ao se passarem os anos as manifestações coletivas, que desejavam uma mudança social, cedem lugar a grupos isolados que promovem manifestações pontuais e não raramente usa a violência como forma de manifestação.

Estamos no clima da “pós-modernidade”. Que tipo de clima é esse? Pode - se iniciar dizendo que é um momento histórico rico e onde, segundo Libânio (2004), traz uma geração que não quer mudar o mundo, que busca viver bem no capitalismo, respeitando a família e a propriedade. Busca o prazer a curto prazo, imediato e presente. A sua ação vai contra qualquer tipo de enquadramento social, o ponto principal é viver a liberdade sem preconceito ou tabus. A tradição é vista como algo a ser rompido.

Conforme Libânio (2004, p.105) diz que:

Os modernos sacrificaram e sacrificam o presente em vista de construir um mundo melhor futuro. Os pós-modernos querem vivê-lo agora. Se não podemos mudar a sociedade, dizem, desfrutemo-la então agora. J. Sadaba resume bem o pensamento pós-moderno da juventude: Entendo por moral a idéia de que há que ser feliz e que não está dito como... Vive feliz! É o único imperativo categórico .

Diante desta realidade contemporânea ou como relatada em algumas obras “pós-muro de Berlim”, onde a busca pela satisfação pessoal é uma constante, surge uma desenfreada individualidade. Por exemplo, mesmo no atual modelo de comunicação se encontra uma forma de se distanciar, de se isolar fisicamente. Não há mais o apelo de aproximação afetiva; pode-se viver isoladamente se comunicando via internet com grande número de pessoas, ou seja, ela hoje é mediada pelas novas formas de comunicação. É a nova geração do *Orkut*. Consegue-se viajar pelo mundo todo apenas utilizando o *mouse* do computador. A rapidez da informação *on line*, e a facilidade de

pressuposto característico da atual geração. Diferente da referência humanista revolucionária francesa, essa característica é mais narcisista. O culto ao belo, ao visual, ao marketing, amplia a proclamação do Eu e do intimismo. Parafraseando Libânio (2004, p.106), os jovens da modernidade liam o diário de Ché Guevara e a geração contemporânea lê Paulo Coelho.

Algumas obras atuais sobre juventude nos dão algumas pistas para a construção de analogias interpretativas a respeito deste jovem contemporâneo. Entre elas esta a idéia de que os jovens possuem um gosto diluído, cada grupo está vivenciando o seu próprio “estilo” e através dele constroem a sua sociabilidade, vêem o diferente como um tipo de oposição, construindo uma espécie de “tribalismo” onde eles se associam com quem possui uma aparência semelhante (Maffesoli, 1989). São mais predeterminados e menos românticos, suas ações mostram um distanciamento das características românticas e sua aproximação com uma linha determinista, apesar de encontrarem uma sociedade envolta em um “labirinto” onde os caminhos são obscuros e as saídas nem sempre é para eles algo de bom.

Os jovens de hoje dimensionam-se individualmente em uma incessante busca identitária, uma busca de si mesmo. Esta visão individualista não é pejorativa ou preconceituosa ele é uma estratégia de sobrevivência. São constantemente provocados a se definirem, mas vivem em um cenário onde tal definição é dificultada por um lado pelo projeto de vida que os adultos querem que eles tenham e de outro pela vasta cadeia de caminhos de vida que a eles se apresentam. Ele é aquele jovem que encontra uma sociedade onde as instituições apresentam uma defasagem entre o mundo do cotidiano juvenil e as práticas pedagógicas por elas aplicadas. Além delas a esfera pública cria ações para apenas um “tipo de juventude” que a seu modo de ver está sempre em vulnerabilidade social ou já são infratores. Assim se o espaço público não se estrutura para o jovem, ele procura mostrar sua característica própria de sociabilidade dentro das instituições mais próximas, como por exemplo, a escola ou a família. Estas por sua vez sentem-se perplexas e despreparadas para compreendê-los, orientá-los ou ainda dar respostas as suas inquietações.

De acordo com Sallas & Bega (2006, p.33):

Se as famílias se sentem perdidas, a escola não assume seu lugar, direcionando-se, quando muito, à formação profissional. Os programas sociais obedecem à mesma lógica instrumental, apresentando propostas seletivas e compensatórias, direcionadas a 'jovens em situação de risco' ou 'infratores'. Em todos esses subconjuntos de adultos é ser anômico, que coloca em xeque os modelos de integração social.

Através deste recorte percebe-se que a própria sociedade cria mecanismos de exclusão e repulsa de alguns tipos de jovens em detrimento de outros. O melhor exemplo disso é a quase inexistência de obras públicas socializadoras onde os jovens possam se expressar ou desenvolver maior sociabilidade com outros de sua faixa etária. Tal fator muitas vezes desmaterializa a cultura própria, favorecendo uma forçada homogeneização de gostos. Ocorre também que para um tipo de "gosto" cultural sobressair em um determinado espaço, deve "vencer" o confronto com grupos de tendência diferente. Os locais de "estar" tornam-se um território a ser disputado, o que gera uma guerra entre grupos, bairros ou cultura tipificada.

A escola, local onde se especializou em formar o jovem para o mercado de trabalho, serve rotineiramente como "*point*" para expressar sua maneira de ser e estar. A "*galera*" faz da cantina (ou barzinho) da escola uma extensão da praça ou do clube, isso não ocorre somente no intervalo, mas praticamente durante todas as horas de aula. Os professores e a direção perplexos e desorientados incluem estes alunos em certos "tipos" de estudantes que pouco tem a ver com o que realmente eles são como: os que não sabem o que querem, são os do contra ou ainda os "passantes", ou seja, aqueles que passarão uma temporada na escola e depois desistem, são os "descartáveis". As expulsões, abandonos, reprovações e trocas constantes de escola é uma realidade sistemática em suas vidas, porém suas angustias e desejos não são somados porque gera uma "passada de mão" naqueles que não merecem. Muitos desses jovens recorrem aos supletivos que não os educam, apenas lhes dão uma garantia de que receberá um diploma, o "canudo". Perde-se, portanto um vínculo institucional com a escola e ajuda a vigorar a lógica do estudo como mercadoria, estimulando estes jovens e a sociedade que há um caminho mais fácil e que escolhê-lo é sinal de esperteza.

Outro ponto pertinente a ser trabalhado da atual juventude é a questão do seu vestuário. A cada dia percebe-se entre os mais jovens um cotidiano recheado de metamorfoses onde o tipo de vestimenta é uma particularidade que cada vez mais influente na personalidade destes.

Conforme Silva (2006. p.147-148):

[...] exilado da sua função de proteger o corpo, ele se apresenta como recurso para a decodificação do sujeito pelo meio. Estar *in* ou *out*; ser radical, descolado, desleixado, militante, desafiador - ou no código melhor inteligível aos jovens - ser *cool, paty, playboy, punk, rapper, rocker, skatista, surfista, cdf...* é uma questão a ser resolvida a partir do que se veste, se calça, se usa. As tribos, os estilos são construídos numa casca que pode ser trocada exaustivamente, atendendo apenas ao desejo do sujeito e à oferta do mercado.

A clareza desta citação vem fortalecer a idéia de que o vestuário significou, e significa ainda mais hoje, uma questão de pertencimento, mesmo que imediatista e poucto, mesmo que imediatista e poucново, pelo não tão belo, mas que dá visibilidade, torna-se uma constante. Quando o jovem adere a certos elementos de seu cotidiano não está fazendo isso por simples assimilação, mas sim quer buscar seu reconhecimento como um participante de determinada esfera ou grupo social. Nada mais humilhante para ele que não ser reconhecido como um entre os seus, ser excluído é uma forma de negar a sua existência e, para um indivíduo em transição física e psicológica, é mais degradante ainda.

Por fim este jovem que faço referência e cuja imagem procurou-se construir, nada mais é que um indivíduo que vive um período de descobertas, de confrontos e de (des) ilusões. São pessoas que estão passando por uma fase de construção de novas formas de sociabilidades e de novas formas identitárias. Não são “inferiores” aos de décadas passadas e não estão desconectados da vida social e política, o que acontece é que expressam suas angústias, suas inquietações e seus descontentamentos de forma diferente. Sendo assim essa forma de manifestação, que aparentemente é amorfa, despolitizada ou alienada, requer uma análise mais profunda. Já não se consegue mais interpretá-los com as mesmas técnicas que outrora se utilizava. Não se consegue compreendê-los sem uma maior aproximação e sem um “desarmar-se” de preconceitos, aonde na maioria das vezes vêm carregados de tabus e de saudosismo. Estes jovens contemporâneos evitam constantemente a ressaca da mesmice e buscam construir o novo a cada dia, hora ou instante.

5.2. A PASTORAL DA JUVENTUDE: DAS ORIGENS ATÉ A METADE DOS ANOS

90

A pastoral da juventude possui uma proposta de trabalho que nasce dentro de um contexto de grande reflexão da igreja sobre qual o melhor caminho a seguir na orientação de sua juventude, ou seja, buscar um método de ação mais consistente e que traga retorno no que tange a inserção dela no meio dos jovens. Observa-se que duas linhas inicialmente sobressaem; uma tendo uma visão mais conservadora no tocante a linha e o método de ação empregada, mas que devido à conjuntura regional, tanto no Brasil como na América Latina, não encantou a juventude, pois seu trabalho estava mais voltado ao contemplativo e ao espiritual. Diga-se de passagem, é a que está mais em voga; Uma segunda linha mais progressista que, sobre a influência da teologia da libertação, teve ressonância na comunidade católica. Cabe salientar que não foi apenas entre a juventude que ela teve simpatizantes, mas de todos os envolvidos na prática religiosa daquele período histórico.

Inicialmente vou procurar desenvolver um trabalho sobre esta segunda linha de ação da igreja católica a qual, pelo analisado nas bibliografias sobre o tema, foi fundamental para a constituição da pastoral de juventude. Esta linha teceu os princípios metodológicos e de organização para os diversos grupos de jovens das dioceses do Brasil, em especial a de Novo Hamburgo. Faço referência a esta diocese porque é a responsável pela paróquia São João Batista de Parobé onde está organizado o grupo de jovens MOJOG, meu objeto de estudo.

Como já visto anteriormente, no primeiro capítulo, a igreja católica brasileira estava envolta em um cenário conjuntural onde sua existência e sua prática eram constantemente confrontados; primeiro pelos governos ditatoriais, tanto o de Vargas com seu Estado Novo, como o regime militar e sua metodologia calcada principalmente no autoritarismo e na eliminação das forças contrárias, e segundo, pela própria sociedade que exigia dela uma tomada de posição mais contundente frente a situação em que se encontrava.

A história da pastoral da juventude vem alicerçada sobre teses teológicas e influenciada por algumas organizações já em prática na base de igreja católica. São, exemplos dessa influência, o método “ver-julgar-agir”, a teologia da libertação, as comunidades eclesiais de base (CEBs) e a juventude operária católica (JOC), que durante o trabalho vou fazer algumas conceituações.

O método “ver-julgar-agir” tem sua origem na década de 1920 na Europa, em especial na Bélgica. Neste país havia uma grande preocupação da Igreja Católica com a inserção de jovens católicos em partidos socialistas que cresciam impulsionados pelas críticas ao sistema capitalista. No Brasil, este método foi introduzido na década de 1940, através das organizações de jovens católicos, ligados à universidade (JUC) e ao movimento operário (JOC), mas se solidifica na década de 50, principalmente com a sugestão de Dom Helder Câmara, quando se estrutura a CNBB (1952). A partir daí, a ação social da igreja toma mais ênfase e começa a levantar questionamentos sobre o país, sua estrutura, e sobre os métodos administrativos do Estado, principalmente a respeito da nossa realidade agrária, assim se confronta com a estrutura vigente do país, pois nessa época vivia-se o pós Estado Novo, e o pós Segunda Guerra Mundial, a qual trouxe a guerra fria como consequência.

Este método possui três momentos especiais que nutrem a sua ação. O primeiro é o momento de *ver* (mediação sócio-analítica). Busca-se aqui apreender criticamente a realidade, observar como ela está, qual são os pontos relevantes que podem ser usados como base para construção de conceitos analíticos da realidade. Este ver na dimensão do método consiste não só em simplesmente olhar, mas “enxergar” como está o mundo a sua volta, ou seja, o seu micro-mundo. Arrancar deste tipo de leitura crítica os mecanismos pertinentes que sustentam o cotidiano. Na proposta do método da época, no Brasil, era identificar as raízes que solidificavam a opressão do povo e a desigualdade social.

O segundo momento é o *julgar* (mediação hermenêutica). Aqui é o momento de se articular a análise da realidade, feita no momento de ver, com os princípios cristãos. Nele se usa o princípio da hermenêutica: “ciência e técnica da interpretação mediante a qual nos habilitamos a compreender o sentido original de textos (ou realidades) não mais compreensíveis imediatamente pelos homens de hoje (Boff e Boff, 1982 apud Castro, 2000, p.30)”. A partir das interpretações feitas da realidade se confronta estas com a proposta da Igreja, contidas nos documentos oficiais e com

os ensinamentos cristãos que se encontram na formação doutrinária do cristianismo e registrada na Bíblia. Neste momento se pode afirmar que o interesse do método é produzir nos cristãos uma análise crítica do capitalismo e da situação social, produtor do oprimido e do injustiçado.

Finalmente no terceiro momento do método é o *agir* (mediação prático-pastoral). É neste período que os outros dois momentos se materializam traduzindo-se numa ação concreta sobre o que foi visto e julgado anteriormente. No período histórico em que este método estava em prática a igreja, através de suas pastorais sociais, se articulou muito bem com as forças progressistas da sociedade como, os sindicatos, associações de moradores, partidos políticos, movimentos de luta pela terra, movimentos urbanos pela moradia entre outros. Além de uma ação prática da igreja como já citado, foi através desse método que surgiu um trabalho pedagógico e catequético de religiosos e leigos nos mais diversos espaços sociais, tornou-se, portanto a mola propulsora de muitos movimentos de contestação e de transformação social.

É necessário esclarecer que mesmo dando a impressão de ser dividido em três momentos estanques, o método “ver-julgar-agir” é desenvolvido relacionando os períodos entre si e ocorrendo simultaneamente, onde um ocorre em função do outro. A ação efetiva somente se materializa no momento em que as atribuições do ver, do julgar e do agir se complementam em um comprometimento íntimo.

Com relação à Teologia da Libertação, ela surge no Brasil a partir de 1970 com um movimento motivado a confrontar os governos ditatoriais, defendendo a democracia e os direitos humanos. As primeiras publicações da década de 70 surgem com Assmann (1971), Gutiérrez (1971) e Boff (1972). A proposta desta nova teologia consistia em fomentar a atuação consciente do cristão nas organizações de luta pela libertação dos oprimidos como forma de construção de uma nova sociedade. As ações dos seguidores desta proposta teológica eram fornecer aos agentes sociais subsídios e fundamentos práticos para uma atitude consciente acerca dos problemas que iriam enfrentar. Pode ser caracterizada como uma teologia política, que busca a transformação da realidade socioeconômica e se constitui a partir dessa proposta. No sentido teológico ela vai mais além porque visa uma dimensão mais ampla que é a “construção do reino de Deus”. Assim ela induz o cristão a participar das lutas que, dentro de um processo histórico, tornarão possível a transformação social e a solução dos problemas enfrentados pelo povo.

De acordo com Castro (2000, p.34).

Neste sentido, a teologia da libertação é fundamentalmente teológica, e um de seus grandes méritos está em articular coerentemente conceitos sócio-econômico-político-culturais com conceitos teológicos. [...] O que permite essa articulação é justamente o seu método, que parte da realidade concreta, interage com o teológico, e retorna à realidade na forma de ação transformadora.

Verifica-se nas obras de Leonardo Boff, como a que publicou em 1986, com o título “Como fazer teologia da libertação”, a fundamentação e os princípios da prática filosófica cristã (intrínseca na linha de ação) que a Igreja assumiu ao absorver os conceitos da Teologia da Libertação. Mas, é importante destacar que a aplicação deste modelo teológico foi mais na base da igreja católica (em especial nas pastorais sociais) do que na cúpula, obviamente com a exceção de alguns bispos. Na obra de Follmann (1985, páginas 116 e 146), encontramos textos que fundamentam esta afirmação, ou seja, um que acha temeroso a prática teológica libertária, presente nas comunidades católicas de base, e outro que apresenta um discurso nitidamente influenciado por ela.

(...) Dom Geraldo Proença Sigaud apontou também os trabalhos das chamadas comunidades de base como “muito perigoso”, pois “possuem um cunho esquisito”. Advertiu que “caso esses Bispos não mudem radicalmente sua posição as conseqüências com o governo serão as piores possíveis”. E acrescentou: “se isso acontecer, eu não estarei ao lado deles”. (Entrevista ao Jornal do Brasil, 1977).

“Aqui vive o povo marginalizado, o povo que constrói prédios e não tem casa digna para morar, o povo que produz alimento e não tem para comer, o povo que fabrica ônibus e não tem para andar, o povo que paga seu lote e não tem escrituras que possam garantir. (Relatório da Comunidade N. S. das Graças, SP)”.

São nítidas nestes dois textos citados as posições de quem está sob a orientação teológica da linha da libertação e, portanto, a defende utilizando uma definição clara de exclusão e exploração, e outra que acha a organização da base do chamado “povo de Deus” perigoso e subversivo. Portanto, é bom lembrar que este embotamento ideológico não aconteceu em toda a Igreja católica, mas sim em alguns espaços. Já nas comunidades o engajamento do leigo foi muito significativo.

Com a redemocratização política na América Latina, e em especial no Brasil em 1985, uma forte ofensiva da cúpula da igreja sobre os teólogos da libertação (que via com preocupação a aproximação de seus religiosos e leigos com o socialismo), houve um enfraquecimento desta teoria na prática pedagógica e de ação da igreja. Nos últimos anos os referenciais da teologia da libertação tentam sobreviver se confrontando com as teorias carismáticas que propõem uma forte espiritualidade apegada aos “valores extraterrenos”, distanciando-se dos problemas social terrenos, e defendem que o papel da igreja é a de salvar a alma e não promover a libertação sócio-econômica. Esta diretriz carismática põe-se acima dos antagonismos de classe e exorta a todos para a conversão, independente de sua posição social e situação de classe.

Sobre as chamadas comunidade eclesiais de base (CEBs) é necessário primeiramente definir seu nascimento e a sua constituição. Elas surgiram com a fundação da igreja popular durante os anos 60 e 70. Elas são pequenos grupos de pessoas (com média de 15 a 25 participantes) que geralmente se reúnem uma vez por semana para discutir a bíblia e sua relevância face às questões do cotidiano. A denominação deste movimento, trabalhada por Folmann (1985), salientando que é comunidade porque representa um grupo restrito onde vigem relações primárias; eclesiais porque possuem um vínculo institucional com a igreja e de base, não só no sentido sociológico (classes mais baixas da sociedade), mas também no sentido teológico onde são o “tecido elementar cristão”. Essas CEBs foram criações de religiosos que mais tarde passaram a serem geridas por leigos. Segundo dados da própria igreja elas chegaram a uma estimativa de 80 mil, envolvendo mais ou menos dois milhões de participantes no seu auge que foram as décadas de 70 e 80. Inicialmente tinham um interesse muito particular, que era aproximar os católicos em pequenos grupos onde se amplia as relações sociais e aumenta-se o apego aos conceitos cristãos. Elas não nasceram de um planejamento bem constituído, mas com o passar do tempo sua importância, tanto dentro da igreja como fora, foi se dimensionando até ser considerado um dos maiores movimentos comunitários do nosso país. Seu papel foi significativo no processo de fundamentação da teologia da libertação, na busca pela redemocratização do Brasil, no surgimento de várias pastorais sociais e maior participação dos leigos nos ritos eclesiais da missa, mais especificamente na igreja brasileira.

Uma outra organização que foi fundamental para o surgimento da pastoral da juventude (PJ), foi a Juventude Operária Católica (JOC). Fundada em 1923, pelo padre Joseph Cardijn, proveniente da classe operária europeia. Ele organizou um movimento que se voltava a esse grupo social, cuja intenção primária era aproximá-los da igreja, pois havia um consenso que não deveria se produzir aqui no Brasil o mesmo distanciamento dos operários com a igreja como aconteceu na Europa. Na trajetória histórica da JOC houve um momento em que ela amplia sua visão existencial e passa a incorporar um viés mais político. Muitos afirmam que essa sua transformação, em mais um agente político, ajudou a produzir internamente na igreja brasileira uma visão mais progressista, onde posteriormente ela radicaliza a sua ação até surgir a esquerda católica. No Brasil por volta dos anos 62 e 64, com uma efervescência política e o dinamismo dos movimentos populares a JOC passou a se distanciar da orientação religiosa e se aproximar de organizações mais políticas e de classe. Isso não determinou sua exclusão na base da igreja, mas construiu um caráter reformista onde defendia as reformas de base para que houvesse a transformação social. Após o golpe militar de 64 a JOC passou a adotar um discurso mais radical e se opondo explicitamente ao governo golpista, afirmando que a intenção do mesmo não era melhorar a vida do operário, mas da classe burguesa. Sua ação foi forte durante bom tempo, até ser silenciada por volta de 1970. Apesar de seu forçado silenciar ela criou bases para o surgimento de vários movimentos operários e de juventude que até hoje sobrevivem, mas acima de tudo ela induziu a igreja a enfrentar a ditadura de forma até então nunca vista.

A organização da Pastoral da Juventude como elemento orgânico (de estar articulada a outros setores) dentro da estrutura da igreja, começou por volta da metade da década de 70 (entre 74 e 75) onde se constituía as diretrizes e princípios para um órgão específico de juventude. A perseguição do regime militar aos movimentos religiosos da ação católica favoreceu o surgimento de um “movimento juvenil” com maior discussão de problemas pessoais, da vivência espiritual e a ênfase nos sacramentos e na oração. No entanto esses movimentos (CLJ, EMAÚS, TCL), não davam um processo de formação contínua, pois ocorriam sem objetivos claros e não formavam para o compromisso social, tirando dos jovens o protagonismo de sua própria história, pois eram na maioria das vezes dirigidos por adultos. Crescia assim a vontade de construir algo diferente, que formasse sem uniformizar e que organizasse sem enclausurar seu “jeito” de fazer história. Foi

nesse propósito que a PJ se constituiu, ou seja, estruturar os jovens em pequenos grupos de base, orientá-los para o seu protagonismo e incentivar seu engajamento contínuo em suas comunidades e outros órgãos sociais. Para atingir tal êxito formou-se uma estrutura organizacional com coordenadores regionais, diocesanos e paroquiais (muitos destes liberados e remunerados), a fim de dar continuidade a própria pastoral e aos grupos, evitando assim a rotatividade que os movimentos espiritualistas tinham. Cabe salientar que toda esta articulação inicial contou com a colaboração da CNBB e o incentivo de vários bispos e padres.

No Rio Grande do Sul os primeiros passos da Pastoral da Juventude se efetivaram de maneira sólida a partir da criação do Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ) em 1980 onde, através do curso de assessores de jovens e do encontro de jovens, representando de várias dioceses (31 de maio a 01 de junho de 80) se estrutura o embrião da PJ gaúcha. A efetivação da organização da Pastoral da Juventude se materializou um ano mais tarde quando, em um encontro de jovens em Santa Maria, criou a Comissão Regional de Jovens (CRJ), que de forma contínua, estruturada e fundamentada em diretrizes pastorais, desencadeou um processo de formação de vários grupos em todas as dioceses do Rio Grande do Sul.

Os passos seguintes foram o fortalecimento da articulação regional e o apoio ao surgimento e a manutenção de pastorais de jovens específicos, com a Pastoral da Juventude Estudantil em 1982 (PJE); Pastoral da Juventude Rural em 1983(PJR); Pastoral da Juventude do Meio Popular em 1984 (PJMP) e a Pastoral Universitária (PU) que já estava articulada desde 1976. Em 1984 a igreja do Rio Grande do Sul assumiu uma opção pelos jovens através de um projeto aprovado pela Coordenação Regional da Pastoral. Em 1985 a Comissão Regional de Jovens passou a ter um caráter deliberativo e se tornou uma coordenação. Neste mesmo ano a juventude liderada pela CRJ organizou um encontro em Passo Fundo que reuniu cerca de 45 mil jovens. Durante os três anos seguintes foi um período de grande militância política no Brasil e a Pastoral da Juventude se envolveu nas discussões, principalmente sobre a constituinte de 88, que foi pauta no cenário nacional.

Em Novo Hamburgo a constituição da Pastoral da Juventude ocorreu por volta de 1981 e se insere no contexto da PJ nacional e da PJ gaúcha. Como já citado, as experiências da ação católica que ocorreram no Brasil antes da PJ, tiveram na diocese de Novo Hamburgo algumas representações. A evangelização

mais progressista encontrou terreno fértil nesta diocese quando ela era dirigida pelo bispo D. Sinésio Bohn, no entanto quando este é substituído por D. Boaventura Kloppenburg em 1986, que possui explicitamente uma visão conservadora, a dificuldade de achar guarida foi extrema. É salutar dizer que também nesta diocese os movimentos juvenis de tendência espiritualista, entre os quais CLJ e EMAÚS, tiveram grande crescimento, principalmente com a troca de bispos.

O primeiro encontro diocesano da Pastoral da Juventude de Novo Hamburgo ocorreu em 13 de dezembro de 1981 e foi convocada pelo bispo D. Sinésio que queria ver em sua diocese um trabalho evangelizador em consonância com a realidade do povo operário da região. Só para ilustrar esta diocese compreende os municípios dos vales Sinos e Paranhana, além das cidades serranas de Canela e Gramado. Em todos esses municípios a PJ conseguiu entre os anos 80 e metade dos 90 uma grande pujança, engajando milhares de jovens em centenas de grupos, estes jovens se identificavam como “pejoteiros” e tinham certa dificuldade em se relacionar com os jovens que participavam dos movimentos espiritualistas. Com o passar do tempo e devido sua forma pedagógica de produzir lideranças muitos “pejoteiros” passaram a se inserir em movimentos sociais como sindicatos e CEBs e em partidos políticos de esquerda, principalmente no PT.

Conforme Castro (2000, p.83):

Esse processo de formação estava embasado no princípio de libertação integral do homem, e para tanto deveria fornecer ao jovem uma formação também integral que compreendesse os aspectos afetivos, sexuais, psicológicos, políticos, econômicos e espirituais. Era parte essencial desse processo a idéia de construção de uma nova sociedade, que acabou por constituir-se em elemento essencial de motivação de engajamento dos militantes da PJ nos espaços de luta política.

Há muito material que justificam essa indução da PJ para uma inserção nos movimentos populares, estes que notadamente possuem uma conotação anti-capitalista e uma aproximação com tendências marxistas. Na diocese de Novo Hamburgo, pelo menos até a primeira metade dos anos 90, todo trabalho pastoral seguia orientações da regional de juventude que tinha nitidamente uma visão progressista e popular. O recorte a seguir sustenta minha observação:

“Vejam, agora, porque o capitalismo tem muita coisa contrária ao Evangelho. Isto pode ser visto pelos resultados que o capitalismo traz ao Brasil, ou seja, em que situação a classe social dominante deixa o nosso país. (...) este mesmo pequeno grupo de pessoas tem em suas mãos a maior parte da renda (...) o trabalhador é mal pago e não se leva em conta seus problemas (...) um outro grande resultado negativo do capitalismo é a má distribuição de terras (diocese de Novo Hamburgo. 1ª Assembléia Diocesana de Pastoral apud, Castro, 2000, p.87)”.

Encontramos também, ainda antes da primeira metade dos anos 90, alguns textos da PJ que mostram claramente um ténue distanciamento da orientação popular para uma linha mais conservadora, não representa ainda a ruptura definitiva, mas nos dá pistas para se observar tal mudança. Em 1987, por exemplo, o Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ) publica um texto onde assim orienta os jovens:

“Há cristãos que olham a situação apenas do ponto de vista da fé e afirma que as coisas chegaram a este ponto porque quase ninguém mais liga para religião. Para sair dessa situação é preciso ajudar na conversão individual das pessoas e na recuperação dos valores religiosos (...) e superar esta mania de misturar religião e política. Outros cristãos olham a realidade da América Latina a partir do ponto de vista social e afirmas que as coisas chegaram a esse ponto por causa das estruturas políticas e econômicas (...) sair desta situação é preciso lutar pela mudança dessas estruturas (...) libertar-nos da exploração, da não- participação e da injustiça. Isoladamente, nenhuma dessas duas saídas serve para a América Latina. As duas juntas são a única saída possível (...) libertar-nos da dominação das estruturas e converter-nos para saber viver novas relações sociais. (IPJ,1987, p.6 e 7)”

Já da segunda metade dos anos 90 em diante a orientação da PJ gaúcha começa a mudar profundamente, assim como toda a orientação diocesana, na que tange as questões sócio-econômicas e política. Portanto se verifica que algo de novo estava acontecendo, que alguma nova orientação estava se construindo. Qual seria? Seria nova PJ, ou ela estava acompanhando as mudanças sociais?

6. O MOJOG E A ATUAL SOCIABILIDADE JUVENIL

6.1. PASTORAL DA JUVENTUDE (PJ): OLHARES CONTEMPORÂNEOS

Dentro do “caminhar” da pastoral da juventude, se observa que hoje, paulatinamente, a participação dos jovens católicos de Parobé, nas romarias (da terra, do trabalhador), nos encontrões temáticos (relacionados com os jovens e a questão política) ou ainda em seminários onde se discutia fé e política, diminuiu consideravelmente, principalmente em quantidade. Isso é intrigante por que até o momento da história brasileira aqueles temas políticos e sociais que mobilizavam a um grande setor de jovens não desapareceram, isto é, permanecem latentes, porém a participação destes não está acompanhando. Cito como exemplo a questão da terra (massacre no Carajás, caso Chico Mendes, as grandes ocupações, entre outros) e a disseminação da desnutrição no Nordeste (a partir daí surge a Pastoral da Criança como ator fundamental para a erradicação desta).

Observando debates de militantes da pastoral juvenil (muitos são meus alunos de ensino médio) são meus alunos de ensino médio e de padres, verificam-se mudanças significativas no que tange à visão de metodologia de ação social e de concepções sobre, principalmente, fé e política e sobre a prática de sua religiosidade. Observa-se também que o material trazido para o debate entre os jovens que atualmente participam dos grupos ligados a pastoral da juventude, mostram diferenças significativas com relação aos que a linha pastoral anteriormente designava.

O período contemporâneo da Pastoral da Juventude apresenta algumas definições que dão mais ênfase apenas na sua missão profética, isso reforça ainda mais o que tenho observado. Ela traz como proposta a seguinte diretriz:

“Pastoral da juventude é a ação organizada dos jovens, vivendo sua missão de ser igreja. (...) É uma pastoral da igreja católica, tendo os jovens como protagonistas, vivendo sua missão em espírito eclesial, de forma orgânica, junto com todos os adultos que queiram caminhar com eles. A pastoral da Juventude tem uma proposta pedagógica de educação na fé assumida pela igreja (PJ SUL3, 2001, p.11)”.

Percebe-se neste documento elaborado pela secretaria regional da PJ do Rio Grande do Sul, que sua intenção é definir esta pastoral como um movimento juvenil que possui uma missão educacional, pautado no espírito eclesial e conduzido pela igreja. Sua diretriz de ação e de formação ideológica está intimamente ligada às orientações da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM). Os documentos do período mais atual (2001 - 2004) fortalecem uma orientação preocupada com a questão da vivência juvenil e sua relação com a doutrina católica.

Do ponto de vista histórico, a segunda metade da década de 90 até hoje forçosamente induz a PJ a produzir olhares mais específicos sobre o cotidiano dos jovens. Os aspectos culturais econômicos, sociais e políticos se modificam em uma velocidade tão grande que os agentes pastorais se debatem para produzir subsídios capazes de orientar os grupos da PJ para uma maior coesão doutrinária. Entre estes subsídios faço referência ao *Plano Trienal* para Pastoral da Juventude do Brasil onde se construiu uma espécie de pano de fundo para a ação da pastoral nos anos 2002 a 2004. Ele propõe que a missão da pastoral é: jovem evangelizador de jovens; integrar fé e vida; fortalecer a igreja “libertadora”; maior aprofundamento da fé; acompanhar o projeto de vida dos jovens; garantir os espaços de vivências em pequenos grupos; reafirmar a opção profética e transformadora; criar espaços de ação dentro da igreja e ajudar os jovens a serem protagonistas na construção da civilização do amor. Neste plano trienal está muito presente a busca por uma visão evangelizadora e profética; não se encontra uma maior ênfase na questão sócio-política, o que nos documentos iniciais da PJ sempre se salientava. Cabe ressaltar que se encontra neste documento uma orientação para a defesa dos direitos da pessoa humana em todas as dimensões e se ressalta a questão de gênero.

A partir deste novo milênio, a Pastoral da Juventude levanta uma pauta que tenta atingir o jovem na sua especificidade, respeitando a diversidade da juventude e tendo um maior cuidado com relação aqueles que estão fora da caminhada pastoral, especialmente aqueles em situação de risco, em suas diferentes realidades e meios específicos, como escola, centros urbanos, meio rural ou áreas indígenas. Internamente, ela tenta preparar os jovens para irem ao encontro dos outros jovens, tendo como visão os princípios religiosos cristãos. Nesta observação se constata uma característica muito marcante dos novos movimentos sociais e que a PJ passa a incorporar. Isso é observável porque na constante metamorfose que vive os

movimentos sociais eles influenciam a estrutura de um movimento específico que está inserido no contexto atual da igreja católica no Brasil. Se antes as pautas destes eram mais abrangentes no que tange os temas de ação, agora se torna mais específico e pontuais. No caso da PJ, quando ela propõe uma ação mais específica demonstra a sua clara inserção na realidade própria dos novos movimentos sociais.

Segundo Balardini (2005, p. 104) “os novos movimentos sociais seguem uma tendência que é própria da juventude atual, ou seja, preferem ações diretas, imediatas e pontuais, sem canalizarem-se para as organizações mais tradicionais.”

De 1997 até o ano de 2001, sob a orientação da coordenação regional, a PJ organizou várias concentrações juvenis em todas as dioceses do Rio Grande do Sul, mas a ação mais significativa foi a criação da Escola da Juventude que tinha como objetivo formar lideranças juvenis e fortalecerem os grupos paroquiais. Além desta escola outra atividade que veio fortalecer a pastoral foram os cursos de assessores de jovens culminando com o curso de pós-graduação com especialização em juventude, fruto do convênio do IPJ e a Universidade do Vale dos Rios dos Sinos (UNISINOS).

Juntamente com a missão definida para a pastoral da juventude alguns princípios norteadores foram elaborados para colaborar com o trabalho dos jovens e seus grupos neste último triênio: Princípio Metodológico - afirmar a importância fundamental do protagonismo juvenil na roça, na escola e na cidade; inculturar-se para viver o melhor conceito social pregado por Jesus de Nazaré. Princípio Organizativo - necessário optar pelos empobrecidos e excluídos, ser originário respeitando as diversidades e se organizar em todos os níveis das dioceses. Princípios Eclesiais - reger o caminho da pastoral conforme a proposta cristã; aprofundar a relação de Deus pai com a natureza num sentido ecológico relacionando fé e vida e construir solidariamente o reino de Deus. Princípios Formativos - promover um importante processo de formação integral e sistemático de seus membros sustentando na dimensão teológica a capacitação técnica.

A preocupação inicial da Pastoral da Juventude neste período é propor um trabalho de evangelização das juventudes, para isso constrói estratégias e propõem atitudes como instrumentos de ação:

“É indispensável que a escolha de instrumentos, bem como das atitudes e das estratégias sejam coerentes com a pedagogia pastoral e esteja de acordo com a realidade do jovem gaúcho. A Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul propõem como escolhas: o grupo ou a comunidade juvenil, o processo de educação na fé, os meios específicos e as pastorais específicas da juventude, a organização e o acompanhamento (Marco Referencial da PJ do RS, 2003, p. 38)”.

É notório que as características da atual Pastoral da Juventude possuem uma diferença da que iniciou em 70, mas o que chama mais a atenção é que na PJ contemporânea a preocupação é manter os grupos coesos e ligados ao espírito missionário cristão, em quanto que na época do seu surgimento a preocupação era com questões sociais coletivas, no entanto hoje, é dado mais ênfase nas questões pessoais e imediatas. Aqui se fortalece a observação levantada anteriormente que é a de que a atual Pastoral da Juventude apresenta uma característica muito clara de um novo movimento social, ou seja, a busca por questões mais próximas do indivíduo e que possam ser resolvidas o mais rápido possível. Nos textos lidos da PJ da década de 70 e 80 havia uma grande preocupação com o futuro, ou seja, criar uma nova sociedade onde o pobre oprimido terá melhor condição de vida: “um novo céu, uma nova terra, um novo mar” como bem salientava um canto da época. Os grupos deveriam ser uma espécie de micro sociedade, uma célula social. Daí decorre a necessidade de discussão de problemas mais amplos e coletivos, projetos novos para uma sociedade futura. Atualmente os grupos de jovens ligados a Pastoral da Juventude são dispares e não especificamente se reúnem apenas na paróquia. Sobre esse assunto o documento Marco Referencial da PJ do RS (2003), propõe que, grupos de jovens devem ser visto como uma reunião de jovens interessados em compartilhar interesses, sonhos ou, simplesmente, estar junto como jovens e que a ação pastoral precisa estar atenta aos grupos que não estão próximos da igreja para ir a seu encontro, não significa cooptá-los e nem trazê-los para dentro desta, como se fazia antes. Sua função por tanto é de se aproximar destes respeitando sua diversidade e seus interesses.

De acordo com o Marco Referencial da PJ do RS (2003, p. 38):

A força e o sentido do trabalho de evangelização que a Pastoral da Juventude realiza faz sentido e ganha força quando é capaz de levar outros jovens a se organizarem em grupos, levando em conta a

diversidade de experiências de trabalho: nas paróquias, nas escolas, nas comunidades rurais e urbanas, nos meios populares.

Um dos grandes desafios da Pastoral da Juventude hoje é construir a unidade na diversidade em vista da sua missão profética e eclesial tendo uma atitude aberta ao diálogo e assumindo a interlocução com toda a sociedade. No Plano Trienal elaborado pela 13ª assembléia da Pastoral da Juventude do Brasil (Goiana, GO - 2003) afirma que a tarefa da PJ do novo milênio é construir a sua identidade conhecendo as diversas experiências de trabalho com os jovens e realizando a partir de projetos comuns a utopia das primeiras comunidades cristãs, tendo em vista uma vivência comunitária e participativa junto com uma espiritualidade encarnada e libertadora. Esta vivência comunitária não quer especificar apenas à comunidade católica, mas o contexto social em que ele está inserido, como na escola, no campo, na vila ou no centro.

Quanto à dimensão sócio-política, o documento extraído da 13ª assembléia acima citada, salienta que a dimensão de socialização ou de inserção do jovem na sociedade, trata da convivência do jovem com seu meio social e sua relação com a justiça e a solidariedade. Afirma que o papel do jovem “pejoteiro” é ser pressionador dos governos para que criem mais políticas públicas à juventude, deve ser um cidadão consciente, posicionando-se em favor da justiça e da vida digna para todos.

Conforme o Marco Referencial da PJ do RS (2003, p. 48):

A promoção do bem comum e a construção de uma ordem social, política e econômica, justa, humana e solidária torna-se um compromisso de fé. A educação à fé é concebida como ação transformadora da complexa realidade sócio-econômica e cultural.

Percebe-se claramente que este documento faz uma ligação das questões sociais a ação juvenil embasada na fé, não faz nenhuma discussão sobre as grandes questões ideológicas administrativas com socialismo, capitalismo, marxismo ou liberalismo, muito trabalhado no início da Pastoral da Juventude.

Dentro da missão da Pastoral da Juventude há um marco destacado atualmente que é o novo modo celebrativo. Propõem que a forma de rezar deva ser embasado dentro de um todo, ou seja, cantar, encenar, vivenciar, ampliando a

mística lúdica, menos catedrática e mais solta. Isso significa dizer que a PJ contemporânea busca fazer com que suas celebrações sejam mais festivas e contemplativas. Por muito tempo se trabalhou dentro da Pastoral de Juventude este tipo de mística, mas atualmente ela se faz mais necessário porque os jovens de hoje, de uma forma ou de outra, são mais atraídos pelo belo, pelo livre e pelo lúdico. Conforme documentos estudados sobre a PJ as formas celebrativas iniciais tinham como propósito mostrar aos jovens que a fé sem uma ação social prática era vã, portanto os ritos buscavam aproximá-los da realidade cotidiana e interpretar as passagens bíblicas conforme a conjuntura do momento, falava-se, portanto de um Deus operário, de um Cristo libertador e de um povo escravizado pelo sistema. Atualmente este tipo de espiritualidade perdeu força e cedeu lugar a uma mística pouco terrena e coletiva, tornando-se fundamentalmente contemplativa e individual. Logicamente que os atuais documentos desta Pastoral tentam buscar não perder uma lógica pastoral cristã que outrora se tinha, mas, na prática se observa que nos grupos de jovens da PJ a influência de ritos litúrgicos ou de músicas cristãs se aproximam muito aos *movimentos ou encontros de jovens*, como por exemplo, os da renovação carismática ou do Curso de Liderança Juvenil (CLJ) e EMAÚS respectivamente. Não pretendo aqui fazer um juízo de valor, mas buscar definir os dois momentos e tipos de místicas em que a Pastoral da Juventude trabalhou e/ ou trabalha.

Por muitos anos a articulação entre os *movimentos e encontros juvenis* com os grupos da Pastoral da Juventude enfrentou grandes obstáculos, mas atualmente isso não tem tanta força. Conforme as primeiras visões dos movimentos, os grupos “pejoteiros” eram mais uma extensão de partidos políticos de esquerda do que propriamente grupos religiosos, viam nesses grupos pouca expressão da fé; por outro lado, os grupos da pastoral criticavam os *movimentos* por serem contemplativos demais e de obstruírem o protagonismo juvenil, pois eram comandados por adultos, os chamados “tios”. Para a igreja este distanciamento pouco favorecia, pois eram constantes os atritos de religiosos e de leigos que tomavam posições de um lado ou de outro, e nas dioceses os bispos auxiliavam mais uns que outros segundo um critério muito pessoal, ou seja, segundo as suas convicções. Na diocese de Novo Hamburgo, por exemplo, isso ficou nítido quando se trocou o bispo D. Sinésio Bohn (pró-pejoteiros) por D. Boaventura Kloppenburg (pró-movimentos). Nas coordenações diocesanas de juventude e nas liberações de

jovens assessores as disputas por espaços entre estes segmentos eram constantes que culminavam, em muitas dioceses, a se organizarem duas coordenações de jovens.

Esta situação começa a ser mais tênue nos últimos anos onde tanto a Pastoral da Juventude quanto os *movimentos* começam a se aproximar e construir uma pauta de ação muito parecida ao ponto de algumas agendas serem articuladas conjuntamente juntas. O que antes era proposto pela PJ, ou seja, de se distanciar dos *movimentos*, pois foi devido a eles que ela surgiu e se tornou contraponto, agora se propõem a uma aproximação.

Conforme o Marco Referencial da PJ do RS (2003, p. 56,57):

A Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul procurará sempre se preocupar em manter a aproximação dos movimentos juvenis apostólicos, na intenção de somar forças para uma melhor atuação missionária junto à juventude. O grande desafio que deverá motivar o diálogo da Pastoral e dos *Movimentos* deverá ser a imensa massa de jovens a evangelizar. (...) A urgência do anúncio de Jesus e do Reino de Deus deveria ser tal que Pastoral e *Movimentos* deveriam deixar de lado desconfianças, divergências, visões menores e secundárias possibilitando cursos, planejamento de atividades comuns, debates em torno desse interesse fundamental.

Este recorte mostra que o olhar contemporâneo da Pastoral da Juventude sofreu profunda modificação, e solidifica cada vez mais a tese de que algo de novo passa a surgir a partir da segunda metade da década de noventa e mais profundamente nos últimos anos. Os pontos de maior observação disso estão na questão da forma de expressar a espiritualidade e na visão sócio-política dos jovens ligados a Pastoral da Juventude, os chamados “pejoteiros”.

Como novidade encontrada nos documentos mais recentes da Pastoral da Juventude é a sua preocupação com a dimensão vocacional dos jovens. Não que anteriormente ela não discutia tal assunto, mas não havia tanta ênfase neste tema, o que hoje, pelo observado, tornou-se um ponto de pauta significativo. As razões não são tão visíveis, mas pode se pressupor que a grande falta de religiosos e religiosas instigou a própria organização juvenil a trazer para o debate tal situação. No documento da secretaria regional da PJ do RS (2001, p.61)

Sugere que a Pastoral da Juventude e a Pastoral Vocacional devam “caminhar” juntas ou ainda tornarem-se apenas uma. Salienta ainda que a Pastoral Vocacional deva ter uma dimensão juvenil, pois se isso não ocorrer se tornará incompleta. Vai ainda mais além e propõem que “a pastoral Vocacional está dentro, não junto ou muito menos fora da Pastoral da Juventude”.

Ainda no tema da Pastoral da Juventude e as vocações cabe salientar que a visão construída por ela não é a de forçar os jovens a seguir a vocação religiosa, mas de maneira pedagógica auxiliar estes a percorrer caminhos de amadurecimento da fé e que, como conseqüência, possa despertá-los para tal vocação. Salienta que o jovem que percorrer todas as dimensões do processo da formação integral na fé, sente-se capacitados a assumir o compromisso de testemunhar sua fé como também de anunciar a boa nova de Jesus; torna-se um agente preparado para assumir a militância política na fé e militância catequética. Assume o compromisso cristão firme e conseqüente, vivenciando como uma opção pessoal, expresso na participação comunitária e na ação transformadora, segundo seu projeto de vida.

A atual visão da Pastoral da Juventude procura ampliar o leque de observações a respeito da juventude e colaborar com a igreja na aproximação, capacitação e cooptação destes para a comunidade da qual ela organiza. Imagina-se que isso se deva a grande dificuldade atual dela agregar mais povo para a sua missão evangelizadora. A Pastoral da Juventude contemporânea soma-se a várias pastorais da igreja que se propuseram a ampliar o número de fiéis católicos no Brasil onde se sabe que atualmente as igrejas pentecostais e evangélicas crescem diariamente, tanto em números de seguidores como em unidades pelo país todo e até fora dele.

6.2. A PASTORAL DA JUVENTUDE E SUA ATUAL ORGANIZAÇÃO

Como já relatado anteriormente a Pastoral da Juventude passa hoje por grande dificuldade de se “descobrir” como missão, visto que a atual conjuntura exige um repensar de prática metodológica e de objetivos para a atração dos jovens.

Conforme entrevista com lideranças da PJ, ela possui hoje uma coordenação regional (Rio Grande do Sul) dividida em três outras: uma ligada a Pastoral da Juventude Rural (PJR); outra formada por jovens da Pastoral Estudantil (PJE) e uma terceira, que possui fraca ou mínima articulação, que é a Pastoral de Jovens do Meio Popular (PJMP). Todas estas coordenações estão de certa forma desconectada da Pastoral Geral, a qual anteriormente, através de um jovem “liberado” e de um assessor religioso (designado pela igreja) coordenavam tudo e acompanhavam as várias coordenações diocesanas na aplicação de diretrizes de ação tiradas na assembléia regional de jovens.

Mesmo sendo pastorais específicas a PJR, PJE e PJMP, anteriormente elas sempre estavam ligadas à coordenação geral, mas devido ao enfraquecimento da própria Pastoral da Juventude estas específicas se desconectaram e em muitos casos nem se articulam mais entre si.

Os grupos de jovens que se definem como “pejoteiros” se encontram em mais ou menos 17 dioceses, onde procuram organizar coordenações e conseguem a liberação de um jovem para fazer os trabalhos de articulação e de acompanhamento das paróquias, além de fomentar a existência de novos grupos. Pelo relatado nas entrevistas, atualmente há uma grande dificuldade de se formar coordenações e muito mais de conseguir um liberado visto que, as dioceses em muitos casos, não vêm com muito otimismo o pagamento de alguém que não seja religioso ou religiosa para fazer um trabalho desses. Em várias dioceses a cada ano que passa diminui um liberado, a principal perda atual para a PJ foi a extinção da liberação na Arquidiocese de Porto Alegre. Também as atuais assessorias religiosas em muitas dioceses inexistem ou estão amorfas e não prestam muita atenção a atual situação da pastoral. No âmbito regional os assessores religiosos da PJ não são liberados especificamente para tal, muitas vezes tem de conciliar vários trabalhos com a assessoria, o que dificulta ainda mais a grande tarefa de ajudar a manter esta pastoral mais sólida. No conjunto das dioceses merece destaque o papel do bispo D. Sinésio Bonh, que sempre se põem em defesa da Pastoral da Juventude, tanto em sua diocese de Santa Cruz do Sul como em âmbito regional.

Com relação à situação atual da Pastoral da Juventude na diocese de Novo Hamburgo não é diferente das outras. Segundo membros da coordenação diocesana a maior dificuldade é relação desta com o último bispo D. Osvino Both, de tendência espiritualista e que não deu continuidade as liberações juvenis. Outra

dificuldade é a articulação dos grupos com a coordenação diocesana, que por estar enfraquecida e sem alguém para ser o elo de ligação, com um liberado por exemplo, não consegue alcançar os pontos mais distantes da diocese, ficam pois, os grupos, desarticulados e sem um acompanhamento mais capacitado, trazendo como consequência a sua extinção.

Segundo documentos pesquisados na diocese de Novo Hamburgo a última liberação foi a da jovem Cíntia Paloma Martins da paróquia de Parobé em 2005, que diferentemente das anteriores não teve uma escolha feita em assembléia, foi uma indicação da Mitra Diocesana porque ninguém se dispôs a concorrer. Seu mandato não durou muito tempo pois, segundo membros da coordenação, ela foi logo “saída” por falta de afinidade com a proposta da direção da diocese, no caso o bispo. Atualmente por definição de própria Pastoral da Juventude de Novo Hamburgo, não foi mais pedido a liberação jovem por exaurir todas as propostas de aproximação da coordenação com a Mitra.

Quanto ao número de grupos de jovens existentes e em plena atividade na diocese de Novo Hamburgo, não pode ser muito preciso porque não há uma maior integração destes com a coordenação. Segundo a atual representante desta coordenação Joice Rossato Lima, na maioria das paróquias existem grupos, no entanto sem muita mística “pejoteira”, ou em processo de extinção, pois em cada caso mesmo havendo um porque específico por grupo, no geral é a falta de motivação da própria igreja, principalmente na figura do bispo ou de muitos religiosos, que tal situação acontece. Ela salienta ainda que como não têm um religioso destinado para a assessoria e como não há liberado, a tendência é de que as coisas piorem, ou na melhor das hipóteses, continue na mesma por muito tempo.

Na paróquia de Parobé, de onde saíram muitas lideranças para a PJ diocesana (já teve três jovens liberados), a situação também não difere do restante. No auge da força (década de 90) a Pastoral da Juventude paroquial contava com mais de dez grupos de jovens e possuía uma coordenação forte e vibrante, onde todo mês tinha uma atividade que reunia estes grupos e promovia um intercâmbio inter-grupo, no entanto hoje, mesmo com o apoio do atual pároco, praticamente, ainda que esporádico, só o MOJOG se reúne, principalmente para participar da via-sacra, tido por muitos deles como o ponto alto da ação do grupo.

Enfim esta situação atual da Pastoral da Juventude e seus olhares para o mundo transparecem a realidade dos novos movimentos sociais, que se não tiverem

uma pauta muito bem definida acabam sendo sufocados por uma sociedade mais imediatista, consumista e individualista. Caberá aos próprios jovens perceberem isso, ou é papel da igreja despertar para tal realidade? Será que a falta de participação de jovens nos grupos católicos ligados a Pastoral da Juventude é reflexo da conjuntura atual ou a própria pastoral não está preparada para refletir sobre o seu cotidiano e a partir daí criar mecanismos de superação e de sobrevivência?

6.3. ANÁLISES DAS EXPRESSÕES DOS JOVENS ATUALMENTE NO MOJOG

Com as anotações de minhas visitas de campo e com as respostas das entrevistas recolhidas, vou procurar descrever neste capítulo observações e análises que consegui retirar das expressões dos jovens que atualmente freqüentam o grupo de jovens MOJOG e através delas fazer ponderações que penso ser pertinente neste trabalho.

O ambiente onde se reúne os jovens do MOJOG é repleto de manifestações místicas que penso ser salutar descrever. Na entrada da sala há uma mesa onde estão colocados vários objetos que simbolizam o seu apego ao religioso e ao cultural, como por exemplo, uma bíblia, textos litúrgicos e também fotografias de um passeio do grupo à um santuário em Novo Hamburgo. Porém ao lado destes objetos estão troféus conquistados em atividades esportivas e adornos típicos da cultura gaúcha como um porta chimarrão e um objeto de pôr erva mate. Nas paredes estão colocados cartazes sobre as festas de juventude, sobre o dia nacional de juventude (DNJ) e também uma foto de Cristo, além da bandeira do grupo. O início da reunião é feito com uma oração. Todos cruzam os braços e se dão as mãos formando uma espécie de corrente. Segundo relatos dos membros do grupo esta corrente deve ser com o braço esquerdo sobre o direito para que se receba a energia de um colega da esquerda e se retransmita para outro da direita uma energia maior. Depois de feito isso se faz uma técnica de integração, muitas vezes

lúdica e em seguida uma apresentação individual. A explicação para a recreação lúdica antes da apresentação é que ela é uma espécie de “quebra gelo”, pois muitos não se sentem à vontade quando tem alguém novo no seu meio.

Conforme observado nas literaturas atuais sobre juventude e visto “em loco” durante a pesquisa de campo, o estar junto de hoje vai muito além do estar no mesmo grupo, parece que há uma maior necessidade do toque, do sentir-se ligado fisicamente com o outro, sem preconceito e sem maldade. Observei que entre os jovens entrevistados havia uma maior complementaridade pessoal, ninguém era estranho, não havia o medo de ser estereotipado, todos que estavam ali e participavam da referida técnica de integração desenvolviam a chamada dimensão de pertença e de doação que Dick (2001) se refere em uma de suas obras.

Ainda sobre o ambiente uma coisa que me chamou a atenção, havia um incenso queimando em um canto da sala, minha estranheza é porque geralmente em ritos católicos isso não ocorre. O incenso é mais para o meio espiritualista, como o budismo, por exemplo. Questionando sobre o mesmo me disseram que é para ficar mais “zen”. Outra coisa que foi observado é que não havia nenhum indicativo de manifestação política no ambiente, o que antigamente era fácil de encontrar algum símbolo partidário em qualquer sala que fosse própria da PJ, como boton, estrela, bandeira, boné, etc. A sala que me refiro faz parte do subsolo da igreja e segundo os jovens, ela foi construída com o dinheiro do próprio grupo, adquirido através de promoções e atividades de campanhas financeiras como as rifas, por exemplo.

As questões utilizadas para descobrir as expressões dos jovens atuais do MOJOG tentaram não ser inibidoras, mas auxiliares nas manifestações de cada um. Inicialmente foi questionado sobre o que eles definem o ser jovem. Aí após um bom diálogo, surgiram algumas expressões como:

“Ser participativo, ter compromisso, assumir seus atos, estar disposto para várias ações, ter muitas idéias positivas”.

As observações dos jovens acima expressam um posicionamento muito positivo em relação a própria juventude, visto que são nítidas nas colocações deles que não aceitam a pecha de irresponsáveis ou de desleixados. A noção de ser participativo ou mesmo estar disposto a ação nos dá a impressão que eles possuem um sonho de ver um mundo melhor, de construir uma nova sociedade. Libânio (2004, p.22,23):

Esclarece que devido ao seu dinamismo exploratório o jovem busca a identidade de si, a autodefinição, e que mesmo temendo, se joga no desconhecido, no a de vir. Eles passam por uma fase projetiva, uma fase de explorar o mundo por meio de uma construção de um projeto de vida.

O caráter “positivo” das idéias depende do ponto de vista, pois em muitos momentos o positivo para um jovem pode interferir em muitos critérios de sociabilidade e que já está previamente definido pela sociedade, ou seja, quando os jovens do MOJOG dizem que ser jovem é ter quase sempre muitas idéias positivas, para a sociedade não é bem assim. Um bom exemplo disso é a forma liberal e conflituosa de manifestarem seu inconformismo com certas leis que regulam a sociedade, como a lei que cria critérios para a utilização de aparelhos sonoros em ambientes públicos, a questão do álcool e a adolescência ou ainda, as leis que proíbem o uso de drogas. Muitos jovens buscam idéias e maneiras de burlarem esses critérios achando uma brecha em leis ou ainda se refugiando em conceitos próprios de liberdade e o pior negando a verdade.

Há um conjunto de expressões dos jovens do MOJOG que merecem um olhar mais apurado sobre o ser jovem, que é:

“Tem uma visão aleatória, atualmente são muito parados, são conformados com o mundo”.

Da mesma forma que se posicionam favoráveis as ações positivas dos jovens, se observa, nas entrevistas, uma linha que reconhece certas limitações e apatia destes. Quando afirmam que os jovens possuem uma visão aleatória querem dizer que isso é resultado do conformismo com a situação em que vivem. Melucci (1996), através de suas pesquisas indica que a juventude atual, mesmo trazendo certas características da modernidade, sente-se imobilizadas devido à falta de definições claras para onde irem. Diante dos caminhos que se apresenta, a tônica é o imobilismo, por medo, dissolução de perspectivas (devido a pouca experiência) e a incapacidade de produzir sentido às suas próprias ações. Exatamente em um período onde a abundância, a plenitude e a capacidade de realização parecem reinar, o jovem se depara com o vazio do desconhecido. Aqui merece esclarecer que o autor faz uma descrição dos jovens europeus, onde se sabe que as

oportunidades de acesso ao mercado de trabalho são melhores do que em países periféricos, como o Brasil; mesmo assim penso que sua observação é importante porque de certa maneira nossos jovens também se sentem despreparados para uma clara tomada de posição frente à realidade que a eles se apresenta. Mesmo possuindo um vigor físico e uma grande capacidade de criação o que mais lhe assusta é a dúvida e o medo de ser cobrado e aí são tachados de conformados com o mundo.

Penso que quando não aprofundamos o conhecimento sobre este momento na vida do jovem, se cria uma pecha a ele de despreocupado, conformado ou inerte. Na verdade o que fala mais alto neste momento é o chamado senso comum. A fundamentação de certos conceitos não deveria se basear no fato da repetição do próprio conceito, mas sim em observações lúcidas e concretas, os “achismos”, que comumente se observa, passam a constituir uma força teórica que nos incapacita e nos ilude no momento de fundamentarmos certas opiniões. A possível inércia, o conformismo e a visão aleatória dos jovens, que foi dita por eles mesmos, me parece ser um discurso vindo dos adultos e que ao passo que assimilam isso passa a ser para eles uma verdade.

Se nos anos 60 e 70 à vontade de melhorar o mundo, a busca por liberdade sai do âmbito familiar e ganhava as ruas, hoje não é bem assim. As vontades individuais em muitos momentos superam as coletivas, tornando as manifestações menos explícitas. Interpretar essas novas manifestações exige um acompanhamento das mudanças de visão de mundo que o próprio homem contemporâneo passa a construir. Em Balardini (2005), há uma indicação de que hoje as manifestações saem do público e voltam-se ao doméstico, seria o inverso dos anos anteriormente citados. Portanto é desnecessário querer que nossos jovens sejam mais ativos, militantes e explícitos em suas manifestações, eles são o contemporâneo social. O autor contesta a tese da apatia juvenil, e afirma que há uma nova forma de ação juvenil, alegre, desideologizada, ética e estética e que luta por uma qualidade de vida individual e coletiva.

Um terceiro conjunto de expressões observadas nas entrevistas sobre o ser jovem, que penso ser interessante descrever, segue uma linha mais psicossocial, ou seja, refere-se à formação da personalidade do jovem.

“Querer ser independente, mudança da fase infantil para a adulta, fase complicada, fase instigante, período de formação da personalidade, cria batalha consigo mesmo”.

O ser jovem visto pelo lado da formação psicobiológica é um período onde o corpo se modifica, onde as emoções estão a flor da pele ou ainda onde, conforme Dick (2003), “surgem os conflitos da vida: vê a si mesmo com a vida nas mãos, mas sem o devido reconhecimento ou a devida capacidade”. Atualmente se encontram vários trabalhos sobre juventude com a intenção de se construir conceitos explicativos sobre estes momentos da vida do homem, mas apesar de várias divergências, todos chegam a uma idéia semelhante, este período é único e profundamente inquietante.

Quando os participantes do MOJOG afirmam que ser jovem é um período contraditório (fase complicada/fase instigante) nada mais dizem que está no íntimo da juventude esse dualismo, ou seja, para este indivíduo tudo é “oito ou oitenta”, tudo é pacifismo ou radicalidade, tudo é amorfo ou definido. Não se percebe na atitude do jovem a tranqüilidade do meio termo, ou a medida do ponderado. Os jovens de hoje querem uma ação mais imediata com muitas ações pontuais, reclamam e agem sem canalizar suas ações para organizações mais tradicionais. Vivem a necessidade de estarem no limite, o que para eles esta é uma condição de sobrevivência do sentido. Para esses jovens o tempo necessariamente deve ser desafiador e desafiado e, uma forma de fazer isso, é contestar as variáveis dominantes de organização do tempo na sociedade, ou seja, se para um adulto o tempo possui uma construção linear, ao jovem ele pode ser alternado, como por exemplo, estático, rápido ou simplesmente mais longo. Um bom exemplo disso é a motivação de fazer algo sem pressa, o hoje pode ser visto como um amanhã. É aqui que se vislumbra o ponto de conflito entre o adulto que tem pressa e o jovem que é moroso.

A personalidade juvenil traz consigo a necessidade de ser independente, principalmente das amarras conjunturais criadas pela sociedade e que segundo eles são feitas para beneficiarem apenas os adultos. A independência relatada pelos jovens do MOJOG, quando da entrevista aqui referida, penso que não é mais a dos laços familiares, como visto nos anos 60 e 70, mas de regras sociais impostas pela sociedade, e que para eles é inibidora do seu agir social. Em muitas sociedades os motivadores da mobilização juvenil são os desafios da superação de limites (leia-se

aqui regras sociais), impostas pelas instituições que regulam a vida comunitária. A formação da personalidade e a capacidade de se definir como jovem ocorre quando, na sua luta pela superação de limites, consegue saber o início do seu período, ou seja, o fim da infância e o período inicial da fase adulta, isto é, o seu fim.

O querer ser adulto para o jovem não significa passar para um estrato social ascendente ou mais importante que o dele, isso ocorre porque segundo a própria juventude, como a sociedade criou regras que facilita a vida do adulto e “prejudica os jovens” , é preferível então não ser mais jovem e passar logo a outra fase, onde as cobranças são menores e os limites diminuídos.

Logicamente que esta observação é uma falácia, algo utópico, uma quimera. Sabe-se claramente que ao “ser” adulto o indivíduo é “encaixado” em um nível social muito mais complicado do ponto de vista das relações e dos compromissos sociais. Parece-me que pelos relatos dos jovens entrevistados, a busca pela independência soa como uma maior liberdade individual, e se manifesta quando ele é proibido de fazer algo que é permitido apenas aos adultos como, por exemplo, dirigir automóveis, ficar altas horas da noite fora da casa ou ainda decidir se quer ou não estudar. No entanto esta “independência/liberdade” tanto almejada e desejada pelo jovem, quando for adulto esbarrará nas exigências que a sociedade faz ao homem contemporâneo, como a formação e o respeito as regras de convivência. Conforme Valéria Silva (2006) o maior desafio do jovem ocorre quando ele busca o “seu” lugar como adulto, “... depara-se com um mundo onde os adultos se movem em torno de uma perspectiva construída de vida ideal”, no entanto nem sempre é a real.

Dentro do material recolhido das entrevistas faço referência às respostas dos jovens sobre as suas motivações para terem participado ou participarem de um grupo de jovens da igreja católica e em especial o MOJOG. Cito aqui um primeiro conjunto delas:

“Aprendizado para a vida, pedir seus direitos, vontade de mudar, vontade de protestar”.

As expressões expostas acima mostram um aspecto um tanto distante da maioria dos posicionamentos dos jovens que participaram das entrevistas e que deixaram suas manifestações. Porém penso que é muito importante analisá-los e, na medida do possível, esclarecer a origem destas idéias, visto que se destoaram das outras respostas.

Quando os jovens afirmam que foram ao encontro do grupo para buscar um “aprendizado para a vida” e se envolver com a sociedade para “pedir seus direitos”, possuem um discurso mais próximo das diretrizes da Pastoral da Juventude, portanto essa afirmação está carregada de conceitos aprendidos durante cursos da PJ ou em seminários da formação que o próprio grupo organizava. Sobre a vontade de mudar me pareceu uma resposta um pouca vaga, pois não esclarece se são as suas personalidades ou a sociedade. Quanto à “vontade de protestar”, também não citam sobre qual razão é o protesto. No entanto somente as manifestações de querer uma mudança e de protestar já demonstram que a intenção inicial de participar do grupo vinha de querer algo novo, algo diferente e, ali naquele grupo, possivelmente este “novo” encontrariam. Na obra de Libânio (2004, p. 32):

Há uma afirmação de que para o jovem o grupo é o local onde ele é alguém, diferentemente da família onde ele é um filho dependente, ou da sociedade onde é alguém que ainda não participa de seus direitos civis é, de menor. A vida em grupo seduz os jovens uma vez que propicia um estatuto autônomo simbólico. É isso que os leva a preferir passar mais tempo nos grupos do que na própria casa, ou em outro espaço afetivo. A visão de que o grupo auxilia no aprendizado para vida é válida porque nele se exerce um papel formador, construtivo ou desastrado, conforme a plataforma ética e ideológica que tiver.

Com relação a vontade de mudar, mesmo não observando o que propriamente eles querem, pode-se conjecturar que deve ser a respeito da sociedade porque nas manifestações paralelas eles sinalizam sobre injustiça e direitos humanos, no entanto há a manifestação de uma jovem que fala em vontade de mudar de relacionamento e de grupo de amigos: “depois que a gente entra (no grupo) sente falta de ir novamente”, ela afirma que sua iniciação no grupo ocorreu pela amizade que possuía com outros jovens que dele já participavam, portanto o termo mudar, neste caso não tem relação a conceitos sociológicos mais amplos, mas sim a conceitos psicosociais.

Os relacionamentos afetivos construídos nos grupos são acima de tudo um amadurecimento humano de indivíduos que, antes participantes de apenas um grupo familiar (onde a consangüinidade e o parentesco são amarras), no novo grupo, as relações interpessoais é que fundamentam o reconhecimento do sujeito,

portanto, é plausível que manifestações como as relatadas anteriormente apareçam quando se entrevistam jovens pertencentes há um tipo de grupo como o MOJOG.

A idéia de mudar o mundo foi defendida por um jovem que, conforme informações do próprio grupo milita em instâncias mais superiores da PJ, e que já participou de vários seminários de formação. O uso do termo “mudar o mundo” logicamente que não seria uma construção apenas sua, mas ele a incorporou e o faz uso para se referir a seu mundo, o qual seria um espaço onde ele se relaciona e consegue atingir, se não de forma prática, de forma teórica. Ainda em Libânio (2004) encontramos a idéia de que a medida em que o jovem amadurece, torna-se capaz de associar-se a grandes causas humanitária, como a ecologia, o pacifismo e o feminismo ou ainda na luta contra a exclusão racial. No caso desse jovem a sua caminhada na Pastoral da Juventude alicerçou a sua formação a qual consegue construir e defender uma idéia como essa.

No meu trabalho de campo percebi que havia em alguns jovens uma espécie de sentimento de inferioridade com relação aos muitos outros que os sucederam no grupo. Termos como, *“antes eram mais maduros, mais responsáveis e mais dedicados a fé”*, constantemente apareciam, no entanto, quando se questionava sobre a alienação juvenil dos atuais jovens “pejoteiros”, essa insinuação era logo refutada. Afirmam que mesmo havendo mudanças o jovem conserva a sua vontade, basta apenas dar um “empurrãozinho”, um incentivo. Esta motivação que é salientado pelos jovens é relacionada ao papel da Pastoral da Juventude junto aos vários grupos que existem, mas estão desarticulados com as coordenações, tanto paroquiais como diocesanas.

Quando questionados sobre o que pensavam dos antigos jovens do MOJOG, afirmavam que eles tinham um pensamento da época, faziam muitas coisas pela comunidade, tinham um maior convívio extra grupo e assumiam mais aquilo que se propunham. Notadamente que as opções de lazer para a juventude de vinte e cinco anos a traz em Parobé eram muito inferiores que as de hoje, isso é tido como um dos motivos que mais aproximavam os jovens das comunidades aos grupos da PJ. As maiores sociabilidades que existiam entre membros do grupo e entre os grupos paroquiais serviam de sustentação para a existência da própria pastoral. Além da pouca opção de lazer da época, também a pauta social levavam os jovens a participarem dos grupos religiosos, visto que a sociedade recém saída de uma ditadura tinha receio de se organizar longe do “manto protetor da igreja”.

Se as observações dos jovens de hoje sobre os que iniciaram o MOJOG são quase todos positivos, corro o risco em afirmar que, isso se dá muito porque eles os vêem hoje mais maduros e responsáveis pela própria comunidade onde o grupo se reúne. Os relatos contidos nas atas iniciais do MOJOG, apontam que também naquela época os jovens enfrentavam muitas dificuldades em assumirem compromissos, participarem das celebrações e serem “pejoteiros” de verdade. Portanto os pontos negativos, dos antes jovens do MOJOG, se sucumbem diante de adultos atuais que se mostram mais responsáveis, pais de famílias, militantes sociais e até religiosos (da nossa paróquia ordenou-se um padre, oriundo do MOJOG e outros dois diáconos “pejoteiros”).

O segundo conjunto de manifestações dos jovens a respeito de suas motivações para participarem do MOJOG são:

“Busca por amizade, festa e diversão, por curiosidade, por interesse nas meninas e meninos que deles participavam”.

Nestas manifestações surgem conceitos mais próximos dos jovens contemporâneos, como já descrito anteriormente. Os jovens de hoje são mais apegados ao lúdico, ao emotivo e ao imediato. A maioria dos jovens que participam das entrevistas relacionaram este conjunto de razões para participarem de um grupo, porque segundo eles era isso que os atraía muito no MOJOG. Quando o jovem busca se aproximar do grupo, as motivações primárias estão quase sempre relacionadas a questão das necessidades de se sentirem sujeitos e de serem reconhecidos, portanto, as relações sociais onde se dá ênfase ao existir como indivíduo são as mais procuradas. Sendo assim, ir ao encontro de um grupo de jovens onde existem pessoas de sua faixa etária, que sabem interpretar seus códigos de comunicação e que os reconheçam como sujeito, torna-se algo prazeroso e motivador.

A busca por amizade e o interesse pelos jovens do sexo oposto que participam de um grupo são os responsáveis pela formação de grupos juvenis de vários tipos, não necessariamente ligados a Pastoral da Juventude. Segundo Libânio (2004, p.23):

Na idade da juventude valorizam-se as relações sociais com iguais sobre forma de amizade, num primeiro momento, dos rapazes entre si e em seguida, já mostrando interesses pelas meninas. Estas em geral, abrem-se mais cedo para amizade com rapazes. A preferência pela amizade é algo permanente na juventude.

A festa e a diversão que é algo latente na juventude fazem ressaltar nela uma dimensão humana, que Dick (2001, p. 23), chama de “dimensão festiva”. Ele salienta que a festa compreende ao jovem três elementos: a valorização de determinados acontecimentos (aniversários, formaturas); a expressão significativa, bonita e bem preparada; e a intercomunhão solidária (a festa é o espaço da gratuidade). A vida para o jovem é primeiramente uma festa, isto é, tudo que faz é buscar uma preparação para “se dar bem” na festa, ou seja, na vida. Voltamos assim a idéia inicial onde ser jovem é ter um espírito aberto para a festa, para a alegria e ao prazer. Na festa ele expressa quem ele é, celebra o seu corpo, dança a felicidade e vivencia a partilha. Seguindo o que o autor acima citado salienta, percebe-se o jovem como um sujeito que exprime a máxima da sociabilidade ao estar em festa. O sujeito da festa é alguém que está sendo valorizado, aceito e reconhecido como tal, por tanto “a festa é essencialmente um fenômeno de participação, um lugar de partilha e de acolhida a todos, mesmo que essa acolhida se encarne num /a outro/ a que significa tudo isso. Na festa o grupo encontra sua identidade, encontra legitimação para a sua práxis e se reorganiza socialmente (Dick, 2001. p. 25)”.

Neste campo “festivo” do jovem ou “dimensão festiva” aparece a questão da afetividade e da sexualidade. No momento em que suas relações sociais se ampliam e seu corpo amadurece brota no jovem uma vontade de se aproximar de um outro, seja pela vontade natural de estar com alguém de seu grupo, seja pela indução social que o aproxima por um explícito juízo de valor social. No grupo, o jovem, como não tem medo do novo, busca incessantemente descobrir o que significa este sentimento de aproximação afetiva e joga-se então ao não visto, ao não experimentado. Não significa que tudo é levado a uma satisfação sexual, mas é fundamentalmente instigado a uma satisfação afetiva, uma solução natural para a lógica da descoberta. Com relação a este tema Libânio (2004, p.105):

Descreve que a juventude atual goza o presente, permitem-se enorme liberdade diante das tradições e que para eles estas são tabus a serem rompidos, portanto interpretar o que significa a festa, os interesses sexuais (principalmente como os expressam) e suas curiosidades é um bom exercício para estudiosos deste tema.

Temos muitas dificuldades de estudar a questão da sexualidade juvenil, pois como um fato comum não parece ser motivador de pesquisas, mas conforme o Instituto de Cidadania (Projeto Juventude, 2004 p. 43), tal fato tem dificultado a implantação de programas de educação sexual e de serviços de saúde reprodutiva para esse público, ficam apenas as ações preventivas e paliativas que anulam as iniciativas educacionais. Quando jovens, como os aqui entrevistados, entram neste tema aparecem muitas dúvidas, no entanto mesmo com estas dúvidas buscam o culto do prazer, como bem diz Líbano (2004) "... a um prazer a curto prazo, imediato e presente".

Ainda com relação ao recolhido das entrevistas merece apontamento o tema que questiona sobre a ação do MOJOG hoje, e sua relação com a própria comunidade. Em todos os relatos ficou evidente que o grupo estava profundamente ligado a questão religiosa, tanto que o ponto alto das suas ações era a encenação da via-sacra, momento em que era exposta a sua intensidade religiosa. Relatam que em muitos momentos o grupo estava desmotivado, vários membros do grupo pouco participava das reuniões, ou ainda que, não haviam nem assuntos para serem trabalhados, no entanto quando se aproximava o período da páscoa, onde em Parobé se faz uma grande encenação da Paixão e morte de Cristo, o grupo era tomado por um vigor religioso que era preciso em muitos momentos evitar o seu "inchaço", pois motivados pelo momento, todos queriam participar dele. Relatam também que a própria PJ municipal se revigorava porque instigava outros grupos a se reunirem e conseqüentemente os membros da coordenação a se articularem, levando a paróquia a um desabrochar de novos grupos e líderes. Afirmavam também que após a via-sacra o MOJOG renascia vários outros jovens se agregavam e davam mais ânimo aos que já militavam. Além da via-sacra, algumas outras atividades que o grupo fazia foram relacionadas como, campanhas do agasalho e de alimentos, festas (da padroeira e da criança) e preparação das missas. Há ainda um evento que se tornou tradição na comunidade e que foi sempre puxada pelo grupo que é o baile à gaúcho. Neste evento, que iniciou a mais de dez anos, os jovens se articulam outras comunidades e grupos católicos, além de entidades tradicionalistas para que se aproximem do grupo e participem desta atividade. Geralmente isso teve êxito, pois tornou o MOJOG mais conhecido e ficando este evento como uma de suas marcas.

Apesar de várias entrevistas, em nenhum momento se fez menção ao tema sobre ação política, o que, pelo observado na trajetória do MOJOG geralmente algo sobre esse assunto constantemente estava na sua pauta. Aqui é nítido o distanciamento do grupo aos temas sempre instigados pela Pastoral da Juventude, também se percebe que a pauta criada pela Teologia da Libertação e que outrora era muito defendida pela igreja, passa longe dos trabalhos e das ações atuais deste grupo de jovens. Ao serem questionados sobre a teologia em questão criada por Leonardo Boff, e amplamente divulgado na América Latina, apenas um jovem já tinha ouvido falar, no entanto não sabia como ela se definia, os outros, nunca ouviram falar.

Pode-se observar que atualmente, quanto maior for o aprofundamento na espiritualidade e no místico, maior é a distância dos temas defendidos pela Teologia da Libertação, isso, penso eu, que se deve principalmente pela mudança conjuntural da sociedade, da igreja e conseqüentemente da própria Pastoral da Juventude, com mais ênfase nos últimos anos. O que descrevo é sustentado por declarações de muitos bispos brasileiros e pelo próprio papa Bento XVI, recém empossado.

Nos últimos documentos elaborados pela igreja e que dão orientação a seus religiosos para o trabalho com a juventude, ficam bem nítidas as observações que aqui faço. A própria Pastoral da Juventude está ciente desta situação e assim descreve: “Vivemos em um tempo de profundas crises. A pós-modernidade está aí e com ela aparecem as conseqüências do descrédito nas organizações. Não se acredita mais na política como via principal do bem comum e sustentação da vida. A igreja vem perdendo o encanto de ser a grande congregação das experiências de fé do povo, passando a ser um local onde se busca a fé, sem partilhá-la”.

Para tanto ela propõem: “A juventude não pode ser indiferente a tamanhas barbaridades. A libertação do povo, dos jovens, está intimamente ligada com a inculturação do evangelho nesse meio. (...) O Grupo é a essência de toda a ação da Pastoral da Juventude e como tal precisa ser valorizado e garantido” (Informativo da PJ/RS, ano 1, nº01, nov/2006).

Estes recortes retirados de materiais informativos da PJ, sinalizam que há dentro desta Pastoral uma incessante luta para manter nos jovens “pejoteiros” algumas marcas que eram símbolos da sua ação como *o protagonismo juvenil, educação continuada e a militância consciente das causas sociais (daí brotava a ação política)*. Em um recente material da PJ (nov./2006) que traz informações para

os jovens de seus grupos, há um texto de Bianca e Ricardo Mattia da diocese de Passo Fundo que tenta trazer à juventude uma reflexão sobre problemas sociais brasileiros e a necessidade desta se engajar na causa:

Conforme o Informativo da PJ/RS, ano 1, nº 01, nov./2006:

O povo brasileiro, e principalmente a juventude brasileira, não pode continuar a aceitar passivamente essa falta de atitude do governo nacional! O exercício da soberania popular não se resume ao simples momento do voto, mas é estendido ao dia-a-dia da administração pública, fiscalizando os representantes, propondo alternativas que ajudem na melhoria da vida em sociedade (...) Só a luta pode transformar a realidade. A mobilização dos jovens é parte fundamental para a garantia dos Direitos Sociais! Nossa atuação deve começar agora.

Pelo que se percebeu através da pesquisa de campo pode se sintetizar que as ações praticadas atualmente pelo MOJOG estão brotando de uma vontade própria do grupo e de sua comunidade, não se encontra muita força da organização diocesana de jovens sobre as atividades realizadas e muito menos sobre a pauta de assuntos debatidos dentro do grupo. Em muitos relatos dos jovens pesquisados a afirmação era a de que não havia uma aproximação da coordenação da Pastoral da Juventude e a sua base. Um dos motivos que mais ampliava a lacuna entre ambos era que os temas “trazidos da PJ” não eram muito entendidos pela maioria dos jovens e que ficavam, na gíria dele, “boiando” no assunto.

Nesta observação se encontra uma realidade típica dos novos movimentos sociais, ou seja, não vêem com bons olhos um direcionamento “extragrupo”. Penso que até de forma inconsciente estes jovens rejeitam um processo de indução vertical, não que rejeitem profundamente algo que venha de outra instância da PJ, buscam sim uma maior autonomia de ação para o seu grupo. Segundo Leslie Serna (1998, *apud*, Balardini, 2005. p. 101) destaca:

Há hoje uma ênfase em estruturas horizontais (organização de movimentos sociais) onde os trabalhos respeitam a autonomia e a descentralização. Há uma grande desconfiança nas instituições verticalizadas e que possuem uma “centralização democrática”.

Se para muitos os assuntos não tinha “nada a ver” com sua realidade era que isso não estava concatenado com o dia-a-dia do grupo. A intenção de muitos era de ter uma pauta que fosse construída por eles mesmos, que trouxesse junto com ela um sentimento de participação e de partilha, que produzisse no grupo uma dimensão específica e particular sem os “ditames” da instituição.

A relação do MOJOG com as coordenações da PJ sempre foram boas, pois muitos dos seus líderes, participaram assiduamente das suas várias instâncias, tanto paroquial, diocesana ou regional, mas atualmente, mesmo tendo representantes nestas coordenações, há uma constante queixa de que a articulação não ocorre, e que a maioria dos jovens que vão para estas, “deixam o MOJOG de lado”. Além disso não conseguem assumir de forma satisfatória a representatividade que lhes é atribuída. Segundo um desses jovens, e que participou das entrevistas, o maior problema dos que assumiam as coordenações era a falta de experiência como “pejoteiro”, muitos, como ele, eram jogados para dentro das instâncias representativas da PJ sem muita formação e pior, sem o devido apoio da própria igreja, onde não raras vezes muitos bispos e padres os desconsideravam como lideranças. Se por outro lado a saída de muitos jovens do MOJOG, para as coordenações da Pastoral da Juventude, enfraquecia o grupo, por outro o mesmo não acontecia com a PJ que tomava, mesmo que momentâneo, um novo fôlego. Atualmente a representante dos jovens na diocese de Novo Hamburgo e na PJ regional é uma militante vinda do MOJOG e segundo ela, não consegue mais se articular com o grupo e que, apesar de tanto trabalho junto a Pastoral, se sente com pouca experiência para tal representatividade.

A realidade observada no MOJOG e na Pastoral da Juventude reflete muito bem a grande dificuldade de sobrevivência de muitos movimentos sociais que outrora surgiram dentro de uma conjuntura de embate social, onde se disputavam “conceitos ideológicos” e se lutava por liberdade de expressão, mas como hoje não há mais essa necessidade, ficaram órfãos de suas utopias. Como já descrito anteriormente neste trabalho, há atualmente um aflorar de outros tipos de grupos, no entanto com temas mais bem definidos (pacifismo, ecologia, feminismo, etc.), mas que muitos não conseguem sobreviver por muito tempo, cito o caso das ONGs, que como alternativas de sobrevivência se articulam em espécies de redes, um tipo de neo-comunitarismo. No exemplo de PJ e, em especial dos grupos de jovens das

mais variadas comunidades somente uma boa articulação entre eles e as suas instâncias representativas dará mais sustentação ao projeto e a seus objetivos existenciais.

Um outro campo pesquisado junto aos atuais jovens do MOJOG diz respeito a sua manifestação de fé. Por muito tempo a mística da Pastoral da Juventude fazia referência a um tipo de ritual que fosse aproximar os jovens “pejoteiros” de sua realidade vivenciada no dia-a-dia. Não raras vezes se encontravam grupos de jovens vivendo por um período de tempo no meio de favelas, áreas ocupadas ou em territórios indígenas, cujo propósito destes era evangelizar as pessoas que ali moravam sob a ótica de Cristo libertador, trabalhador e socialista (no sentido de socializador e comunitário).

Conforme Castro (2002, p. 92):

Despertar a consciência crítica dos jovens do meio popular, a partir do meio em que eles vivem e atuam anunciando a pessoa e o projeto de Jesus Cristo Libertador, realizando uma prática transformadora na igreja, no trabalho, na escola, no sindicato, no partido político, na família.

Este recorte, extraído das conclusões do 2º encontro regional da Pastoral da Juventude do meio popular do Rio Grande do Sul em 1989 e que se encontra na obra de Castro (2002), quer reforçar a idéia de que os conceitos de fé e de espiritualidade defendidos pela PJ propõem uma igreja inserida no mundo, uma Igreja-no-mundo que se considere pronta à construção terrena e, portanto constituindo-se da fé com o povo, interagindo no mundo, como parte dele e não como se tivesse aparte dele.

Todas as discussões sobre manifestações de fé na Pastoral da Juventude até então se distanciavam do conceito mais espiritualista, proposto por alguns setores da igreja e incessantemente praticado pelos chamados *Movimentos Juvenis* (destes mais tarde se originou aos grupos adultos de católicos mais espiritualistas como os Carismáticos). Atualmente percebe-se uma inflexão da própria PJ em relação a este tema.

Ainda dentro do tema manifestação de fé, foi relatado pelo grupo que ela se baseava na via-sacra (já descrito como ponto alto para o grupo), nas missas e nos

retiros espirituais, que eram feitos para manter o “espírito religioso” dos jovens do grupo. A questão das missas segundo alguns jovens, mesmo sendo preparada pelo próprio grupo, não tinha participação maciça de todos. Conforme me foi relatado muitos sempre inventavam alguma coisa para fazer e deixavam a missa de lado. Sobre a missa e a baixa participação dos jovens, saliento que pelo observado ela não se tornava prazerosa no momento que praticamente “obrigava” os jovens do MOJOG a estarem presentes, e sabe-se que para o jovem tudo o que se torna uma tarefa obrigatória se distancia do prazer, logo tal evento será refutado. Interessante expor que conforme lideranças do grupo os jovens gostavam de estarem ali com eles até a hora da missa, mas de uma hora para outra surgiam para muitas tarefas inadiáveis. Libânio (2004, p.22):

Nos lembra que os jovens vivem em um dinamismo exploratório, onde procuram a sua autodefinição, onde preferem ficar explorando novas experiências e rejeitando as obrigações e os compromissos; “refugiam-se as autoridades que lhes são evocações da disciplina, de um pensar organizado, de um agir responsável”. Se estar no grupo é mais prazeroso e menos obrigatório, é ali então o seu lugar de explorar o novo e o desconhecido, mas, se a vivência no grupo inverter estes conceitos certamente ele vai achar outro lugar para exercitar uma livre sociabilidade.

Aqui, pois se justifica a grande dificuldade atual da PJ em ter mais lideranças juvenis, pois a função necessariamente implicará em assumir compromissos, deixar de lado muitas coisas prazerosas e se tornar responsável por conduzir uma instituição com pauta a ser cumprida e tarefas a serem realizadas e por cima de tudo ainda não ser omissos em caso de falha, para muitos jovens contemporâneos isso é um fardo muito pesado.

Sobre os retiros espirituais foi relatado que houve uma mescla entre o trabalho religioso católico com um outro de cunho parapsicológico. Observei no relato dos jovens certo estranhamento sobre as técnicas de hipnose e regressão de idade usadas no último encontro espiritual que participaram, os quais os chamaram de “retiro”. Segundo eles estas técnicas foram utilizadas como forma de mostrar aos jovens presentes as suas fraquezas emocionais e desvelar em cada um alguns traumas que os afligiam. O interessante aqui não é a forma do retiro, mas é saber que quem organizou e articulou junto aos grupos de jovens foi coordenação Pastoral

da Juventude, esta que por muito tempo foi a principal crítica dos *Movimentos Juvenis* que comumente utilizaram e utilizam técnicas desse tipo. Quero salientar que não estou fazendo um juízo de valor, mas buscando mostrar a significativa mudança de metodologia e de prática de ação da PJ nestes últimos anos em relação a sua concepção inicial.

Foi perguntado para o grupo sobre os temas mais debatidos e que constantemente faziam parte da pauta do grupo. Entre eles sobressaíram a amizade, a união, o amor (das mais variadas formas) e a religiosidade, em especial temas bíblicos. Foi salientado que, em algumas vezes nos encontros do grupo foram trabalhados assuntos sobre a realidade juvenil e sobre políticas públicas para a juventude. Observando os últimos documentos e informativos da PJ pode-se concluir que ela ainda tenta manter uma histórica linha temática, mas é enfrentada não apenas pela igreja mas também pela conjuntura social vigente que tenta introduzir aos movimentos sociais uma pauta mais light, ou seja, de menos confronto (característica da linha mais conservadora da igreja e como já relatado praticado pelos Movimentos Carismáticos). Com relação aos temas sobre políticas públicas para a juventude, foi relatado que ele somente entrou em pauta na reunião do grupo por insistência de “um jovem que veio da Pastoral” e ficou responsável pelo encontro naquele dia. Dois pontos merecem destaque nesta resposta, primeiro é a questão do termo “insistência” e o segundo é a questão do “jovem da PJ”. O assunto em debate da ação da Pastoral da Juventude com relação a tipos de políticas praticadas pelos governos destinados a este grupo de pessoas. No documento Marco Referencial da PJ do Rio Grande do Sul (2003) o tema é tratado como uma das linhas de atuação desta pastoral junto a sociedade, ela propõe que “os jovens devem ser motivados a lutar, em âmbito público, pelo atendimento de suas demandas. Isso deve significar uma mobilização de todas as juventudes para projetos constituídos a partir de ampla participação juvenil”.

Certamente que em um grupo de jovens desarticulados da coordenação diocesana, com um número de jovens relativamente pequeno e com grande rotatividade de participantes, um tema desses não se tornará atrativo e muito menos atingirá seu objetivo, que é, a informação e a formação dos jovens para uma ação mais eficaz junto aos gestores públicos. A ênfase na idéia de insistência explicita muito bem o distanciamento dos jovens atuais do MOJOG com temas de cunho mais sociais e políticos. Isso ocorre porque a realidade em que eles estão inseridos não

os instiga a quererem estar envolvidos em temas tão amplos. A atual juventude quer se comprometer com algo que traga resultado a curto prazo e que seja satisfatório naquele momento, se antes era uma política de movimento hoje ela é mais de campanha. Bem como diz Balardini (2005, p. 104):

Os jovens buscam estar em instâncias de relação cara a cara, concreta e próxima, em um vínculo de eficácia com o esforço que se realiza (...) com ações pontuais, com reclamação e denúncias concretas relacionadas a sua vida por certa proximidade.

A questão da expressão “o jovem da PJ” reforça a atual distância da coordenação da Pastoral da Juventude e os grupos de base, bem como a falta de observação dos que participam dos grupos sobre o que realmente a pastoral é. Mesmo vivenciando a realidade de um grupo ligado as linhas pastorais e sendo um “pejotreiro” muitos jovens não conseguem perceber que a PJ são eles e que sua existência se materializa neles e em suas ações, independentemente das instâncias que dela participam. Se conforme documentos da secretaria regional da PJ (2001, p.10) ela é “a ação organizada dos jovens, vivendo sua missão de ser igreja e tendo os jovens como protagonistas”, estes jovens que atualmente participam do MOJOG são a representação material dela, no entanto sem a noção disso. Portanto se eles não percebem essa representatividade não é por incapacidade de percepção, mas é porque tanto o MOJOG como a Pastoral de Juventude estão inclusos em um momento histórico onde os novos movimentos sociais trazem como característica a busca por autonomia em relação as tradicionais formas de institucionalidades. Quando os membros dos grupos se referem ao “jovem da PJ” estão demonstrando que o grupo possui um sistema de articulação e de reconhecimento que difere dos padrões clássicos dos movimentos sociais. Não é perceptível no atual MOJOG um “respeito” aos conceitos de organização clássica defendido por muito tempo pela PJ. Os jovens se identificam como “pejoteiros”, mas ao mesmo tempo defendem uma autonomia na sua forma de articulação. Segundo Scherer-Warren (1996, p.58), “a questão da autonomia é um aspecto recorrente nos debates dos novos movimentos sociais. Esta assume diferentes formas e parece-me que é uma questão não resolvida”. Em Reichmann e Buey (1994, p.58) se sustenta que as aspirações dos

indivíduos e das comunidades contemporâneas buscam recuperar uma soberania existencial e poder autodeterminar sua vida, tanto individual como grupal. Portanto quando falam o “jovem da PJ” estão querendo se referir a alguém que não possui o mesmo reconhecimento de pertença que os outros possuem, mesmo sendo um “pejoteiro” como eles.

Um último questionamento feito aos jovens atuais do MOJOG é sobre a visão destes a respeito dos conceitos fé e política. Apesar da vontade em responder tal questionamento, observei que estavam muito distantes do conhecimento claro do significado dos conceitos e sua relação histórica com a igreja brasileira. As respostas foram vagas, confusas e pouco relacionais, mesmo assim é cabível de uma apreciação científica.

Por muito tempo, tanto a igreja como suas pastorais sociais, aproximaram seus devotos a ação social prática, era a época em que se preconizava que a fé sem obras (materiais) não se sustentava, era vã. Para tanto ela propunha que: “todo cristão deve se aproximar da política e sob a luz do evangelho torná-la mais humana”. Sendo assim a Pastoral de Juventude foi a precursora na formação de lideranças políticas que atualmente comandam prefeituras, estados, ministérios, assembleias legislativas e câmaras de vereadores. No trabalho de Castro (2002), sobre o engajamento político dos militantes da Pastoral da Juventude, é sustentado que a existência de muitos militantes e lideranças políticas de esquerda hoje e que outrora estavam ligados a PJ, é reflexo da indução desta e das várias literaturas produzidas, que formava a consciência de cristãos engajados. O binômio fé e política tiveram respaldo da própria igreja e da CNBB, visto que a sociedade exigia dela uma postura assim. Os jovens militantes da PJ tinham consigo o desejo de constituírem uma “nova sociedade” onde esta seria fundamentada através da conquista do poder político e sobre a base da filosofia cristã.

Atualmente com uma conjuntura social e política mais democrática e onde a igreja se distancia da temática fé e política é nítido que os chamados jovens “pejoteiros” não tenham o mesmo ímpeto das jovens anteriores, pelo menos é o que se observa na base. Se o sonho da nova sociedade passava pela conscientização juvenil e que o caminho de formação era a Pastoral da Juventude, atualmente isso na prática não ocorre com a mesma pujança que se fazia antigamente. Os relatos observados atualmente dos jovens entrevistados sobre a política distanciam-se muito do que era pregado pela PJ quando ela foi estruturada.

Algumas citações que os jovens entrevistados fizeram sobre o binômio fé e política e que merecem destaque são:

“A fé é a certeza que pode fazer, política é a maneira de fazer; (fé e política) é uma relação humanitária e necessária na vida de cada um de nós, mas muitas vezes não procedem da mesma maneira; para o MOJOG a fé sempre foi à essência, acreditando sempre na palavra de Deus e a política defendendo os objetivos do grupo de da sociedade, sempre defendendo o que era melhor para o grupo e a sociedade”.

Percebe-se nas expressões acima que é ressaltada a fé como mais verdadeira do que a política, ou seja, onde é mais certo as coisas melhorarem através da fé do que da própria política.

Quando questionado sobre a política, uma das entrevistadas se referiu a ela como a luta que tiveram com a diretoria da comunidade para terem sua própria sala de reuniões e que, mais do que uma “boa politicada”, o fundamental foi a “fé que tiveram em conquistar seus objetivos desejados”. Se observa que a maneira de eles verem a política tem como base a praticidade dela, querem que esta traga uma eficácia mais rápida. A forma de eles exercitarem a atividade política é participando de ações práticas, como aqui já relatado, de campanha; como por exemplo: limpezas de rios, feiras ecológicas, campanhas do agasalho ou de alimentos. Comparando com a maneira de como ela era vista, nota-se que se antes o resultado era desejado a longo prazo, hoje se quer mais imediato.

A atual visão destes jovens sobre a política é reforçada pelas más experiências vivenciadas pela sociedade brasileira neste momento. Quando afirmam que a política não procede de maneira humanitária como deveria, e tanto quanto eles esperam, estão se referindo as práticas desabonadas socialmente e aos escândalos de corrupção proporcionada por agentes políticos e por líderes partidários que diariamente são manchetes nos noticiários de nosso país.

Mesmo tentando permanecer na ênfase da fé com ação política e na formação consciente do jovem, a Pastoral da Juventude não consegue diminuir a distância que os jovens “pejoteiros” possuem da política e principalmente dos partidos políticos. Entre os entrevistados do MOJOG nenhum está filiado a partido político e muitos nem pensam em se aproximar deles, visto como algo contagioso e pecaminoso. As principais razões disso são sustentadas pelas afirmações anteriores.

Além da rejeição destes jovens a políticas e a partidos, isso se estende também a certos movimentos sociais reivindicatórios como Movimento Sem Terra, sindicatos, Movimento dos Sem Teto, entre outro, que segundo eles são muito baderneiros e formado por pessoas que só querem se aproveitar da situação. Diferentemente do ponto de vista destes entrevistados, sobre política e partido, a Pastoral da Juventude defende que sua função é ajudar os jovens a se definirem socialmente através de partidos políticos ou organizações sociais; e ainda que o jovem opte pela entidade partidária com a qual se identifica mais em seus princípios de vida. Sobre os movimentos sociais, ela sugere que haja uma relação de aproximação, mais através de seus militantes “pejoteiros” do que da própria estrutura como tal, em consequência da visão de mundo e em consequência da concepção que se tem deles (secretaria da PJ/RS, 2001, p.56 e 64).

As razões para este distanciamento da proposta da Pastoral da Juventude e as opiniões dos jovens do MOJOG podem ter como fundamento a falta de articulação da PJ com os grupos de base, a falta de percepção desta pastoral com os novos olhares e desejos dos atuais jovens e também pela posição da grande mídia, que sem muito princípio ético toma lado nas discussões sociais e políticas. Guareschi (2002) afirma que diariamente a mídia “bombardeia” os ouvintes com informações distorcidas ou editadas, sempre conforme seu interesse e cuja finalidade é obscurecer a verdade dos fatos. A respeito disso Guareschi (2002 -ed. 51ª, p.146 e 149) relata:

As notícias são a parte mais importante na formação, tanto da opinião pública, como na formação da ideologia das pessoas. (...) é preciso ter um cuidado enorme, e um espírito crítico muito aguçado, para não se deixar envolver e não deixar que as notícias façam a cabeça da gente. (...) os que selecionam e reescrevem as notícias vão pintando as pessoas conforme eles querem ou precisam.

A própria Pastoral da Juventude esclarece em seu Marco Referencial (2003, p.20) que a mídia quer cada vez mais que os assuntos tratados sejam exclusivamente aqueles “propostos” pelos detentores dos meios de comunicação e que, por si mesmo, acabam por oferecer tudo o que qualquer pessoa precisa, seja emotivamente, ideologicamente ou jornalisticamente. No entanto não observei um

reconhecimento quanto a sua falha a respeito das interpretações sobre a “nova” face da atual juventude.

Portanto após análises das entrevistas consegue-se observar que os jovens atuais do MOJOG estão órfãos da PJ, desarticulados localmente, desconsiderados pela estrutura da igreja e muitos também de sua própria comunidade. Pode-se com certeza fazer algumas ilações de que é devido a isso que a visão dos jovens “pejoteiros” sobre o mundo e sobre seus interesses são os mais variados possíveis e distanciados da orientação da sua pastoral. Se o mundo muda, se a sociedade se renova, faz-se necessário que os atuais movimentos sociais como a Pastoral da Juventude construam novos mecanismos de interpretação sobre a visão de mundo dos atuais jovens “pejoteiros”, o que parece não haver, pelo menos de imediato, tal preocupação.

7. O MOJOG: VISÕES DE JUVENTUDE DE UM MOVIMENTO LATENTE

7.1. ANÁLISES DAS EXPRESSÕES E VALORAÇÕES DOS EX - JOVENS DO MOJOG - ANOS 80

No presente capítulo, e utilizando as entrevistas dos ex-jovens “pejoterios” do MOJOG, primeiramente se buscará analisar suas expressões e valorações a respeito das suas vivências no grupo, sobre a juventude de antes e a atual, e também sobre as ações do MOJOG hoje. Além disso, se procederá a uma observação sobre conceitos sociológicos contidos em suas expressões, tentando traçar um parâmetro com as dos jovens de hoje, cujas manifestações foram trabalhadas no capítulo anterior.

Estes ex-jovens do MOJOG (que responderam o questionário) atualmente têm uma média de idade entre 30 a 40 anos, vivem próximos da comunidade católica onde o grupo se reúne, possuem residência fixa, têm um bom padrão de vida em comparação com a sociedade parobeense, são profissionais de várias áreas, desde aquelas ligadas ao setor do calçado até funcionário público, alguns são catequistas, muitos estão filiados a um partido político e constantemente se

relacionam, tanto afetivo como comunitariamente. Quanto à escolaridade dos entrevistados variam entre o médio e o superior, todos já concluíram o ensino médio, alguns estão cursando a universidade e uma das entrevistadas é formada em assistente social. Uma característica marcante destes ex-jovens do MOJOG é que, mesmo não sendo parentes, muitos são compadres entre si e em vários períodos do ano promovem reuniões e jantares festivos para conversarem sobre suas vidas. Nestas reuniões o tema MOJOG/PJ é uma pauta quase que obrigatória.

As questões utilizadas nas entrevistas foram anteriormente preparadas e segue a mesma lógica que as utilizadas com os atuais jovens do MOJOG, ou seja, dão liberdade às respostas, questionam sobre juventude, religiosidade e sobre as ações sociais, bem como procura “retirar” dos entrevistados seus olhares a respeito do período em que militavam no grupo e do período contemporâneo. As respostas foram feitas individuais e respondidas seguindo um questionário padrão, e apenas uma foi gravada e as outras escritas sem a presença do pesquisador. Pode-se antecipar que as expressões iniciais mostram um relativo grau de saudosismo, onde constantemente se observa um posicionamento que desqualifica certas atitudes dos jovens atuais e enaltece os de outrora.

Com relação ao tema ser jovem, os entrevistados fazem referência à busca por algo futuro e que diariamente são instigados a conhecerem novidades. Se compararmos suas observações sobre os jovens que antes participavam do MOJOG com os de hoje se vê duas definições bem diferentes. Cito:

“Éramos jovens que queríamos uma mudança social; abraçávamos a causa; quebrávamos regras com responsabilidades; me sentia uma revolucionária; levávamos algo iniciado até o fim; tínhamos ideais de mudança”.

Nas expressões acima é dado mais ênfase nas “coisas” mais valorativas, em nenhum momento se observa algo que desqualifica o jovem que iniciou o grupo. Sobressai um conceito muito próprio da época (década de 80) que era o desejo de mudança política e social. Se sentir revolucionário naquele período histórico era a tônica. No Brasil, segundo Mainwaring (1989, p. 169 e 170) ressalta:

A chamada Igreja popular ganha força e incentiva suas pastorais a difundirem os princípios da teologia da libertação; “(...) a igreja popular se preocupa com a justiça social e com a comunidade, mas postula que a verdadeira justiça exige uma mudança política radical. (...) O laicato tem uma participação mais efetiva e significativa. (...) está mais apta a criar estruturas eclesiais que dêem apoio aos movimentos populares”.

Neste recorte do texto do autor acima citado, se observa que a influência da Igreja na formação ideológica de seus seguidores era muito forte e, portanto é plausível que os jovens do recém fundado MOJOG tivessem desejos de mudanças sociais e sonhos revolucionários como relatados nas entrevistas.

A expressão “*quebrar regras com responsabilidades*”, pelo que se percebe estava mais ligado a questão social do que familiar ou mesmo comunitária. O que pode se tirar mais desta expressão é que os entrevistados querem dizer que os jovens de hoje também quebram barreiras, mas não possuem a mesma responsabilidade pelos seus atos que os jovens de outrora tinham. Sem fazer um juízo de valor, esta afirmação não parece muito clara, já que mesmo reconhecendo que os ex-jovens do MOJOG cometiam erros, afirmam que eles eram responsáveis por tais falhas. Sabemos que quando se responde um questionário a respeito de si mesmo, dificilmente se encontrará isenção, portanto a expressão acima citada carregada de parcialidade e tenta proteger certas observações que podem questionar a validade desta.

Com relação da visão dos entrevistados sobre os jovens de hoje e principalmente aqueles que participam do MOJOG não se encontra muita expressão valorativa. Sobre isso eles afirmam:

“Os jovens não querem compromissos; a juventude está um pouco apagada; não interagem com a comunidade da mesma maneira que os jovens de antes; querem logo chegar aos 18 anos para terem sua moto, carro e tênis de marca; o grupo de jovens está desarticulado por não ter mais líderes”.

Os olhares dos ex-jovens do MOJOG sobre os jovens atuais buscam enquadrá-los em um estereotipo juvenil de décadas atrás, salvo algumas exceções, as expressões deixam transparecer um desejo de que o melhor modelo para o jovem atual é aquele de antes, ou seja, que tinham sonhos, eram comprometidos com as causas sociais e acima de tudo conscientes da realidade em que viviam. Em apenas uma das respostas há um comentário querendo justificar a ação dos jovens atuais, assim cita: *“Entendo que atualmente o jovem não tem mais a necessidade e expectativa que tínhamos em relação à vida”.* Esta ponderação reforça uma observação que já foi pontuada anteriormente a qual afirma que os desejos, as necessidades e as expectativas mudam conforme as épocas históricas, portanto é salutar dizer que o perfil dos jovens hoje se diferencia dos de décadas passadas

porque a sociedade mudou. Não se quer dizer com isso que as expressões dos ex-jovens do MOJOG estão erradas, elas na verdade expressam desejos de verem nos jovens atuais traços que eram próprios de sua época e que hoje não se vê mais, como por exemplo, a militância política clássica. No entanto se observa que mesmo não exercendo uma militância política como as de antes é presente nos atuais jovens do MOJOG ações sociais muito parecidos com as feitas no início da formação do grupo, como por exemplo, as campanhas assistenciais, do agasalho e de alimentos, festas para crianças carentes e teatros educativos para as famílias da comunidade, o que não deixam de ser ações políticas, no entanto, mais de campanha do que política de movimento.

Quanto às questões ligadas a religião ainda ficou presente no grupo hoje a ajuda na catequese e nas celebrações que outrora tinha, logicamente sem a mesma maciça participação que de tinha anteriormente, mas ainda se observa jovens atuando na liturgia e nos cantos celebrativos.

Em relação aos temas debatidos e seu vínculo com a PJ, foi relatado que na maioria das vezes os assuntos vinham das coordenações e que buscavam aproximar muito o jovem do projeto defendido pela pastoral. Muitos jovens do MOJOG participavam de encontros diocesanos e cursos (chamados de retiros) onde era detalhado como proceder junto aos grupos para formar “verdadeiros pejeiteiros”. Consegue-se retirar das respostas colhidas junto aos ex-jovens do MOJOG expressões como:

“Nos tínhamos uma orientação diocesana e paroquial muito forte; os temas eram para ajudar os jovens a usar métodos para ver toda uma sociedade; traziam (da PJ) subsídios para uma ação e apoio aos grupos; tinha um jovem liberado para fazer a articulação do grupo com a PJ”.

Entre vários assuntos debatidos no então MOJOG se destacavam aqueles de certa maneira buscavam formar os jovens dentro dos princípios defendidos pela pastoral. Os entrevistados citam que eles eram:

“Em geral temas do momento com o perfil de conscientização com a realidade; como fazer mais jovens participarem do MOJOG; como estava o jovem na sociedade; a manipulação dos meios de comunicação que incentivava o consumismo; temas sobre política, família, drogas, problemas sociais, desemprego”.

Se analisarmos os documentos de orientação para a ação da PJ junto aos grupos de jovens, se observa que os temas relatados anteriormente pelos

entrevistados possuem estreita relação com aqueles que as coordenações definiam. Logicamente que em muitos encontros desses jovens alguns temas mais específicos eram debatidos como, por exemplo, a festa da padroeira ou a catequese local, pelo menos foi isso que os “ex-pejoteiros” afirmaram.

Há uma manifestação em uma das entrevistas de que era muito forte a utilização de princípios da teologia da libertação e do método ver-julgar e agir. Tal observação vem salientar aquilo que já foi descrito inicialmente, que no período em que o MOJOG foi criado havia uma forte influência na igreja católica latino-americana da linha mais progressista, entre elas a teologia da libertação e o método acima citado. Logicamente que tal ênfase ocorria porque tanto a Pastoral da Juventude como outras pastorais sociais, como a da terra, por exemplo, tinham o respaldo da própria igreja e também porque a conjuntura nacional daquele período exigia tal ação. Observa-se que atualmente tal situação não ocorre pelo simples fato de que não há mais necessidade para tal e também que, como a sociedade mudou, a igreja procura de certa maneira acompanhá-la.

Com relação ao ponto alto da manifestação de fé do MOJOG inicial, se destaca a caminhada jovem. Em quase todas as expressões recolhidas das entrevistas se salienta que os grupos da diocese tinham como algo muito importante a participação na caminhada jovem esta que ocorria a cada ano para celebrar o dia nacional da juventude (DNJ). Afirmam que da paróquia de Parobé geralmente se lotava de jovens dois ou três ônibus para irem até a localidade onde se realizaria o evento. Ela não tinha um local definido, isso se definia nas assembléias diocesanas de jovens e, geralmente após uma grande disputa, porque muitos queriam mostrar às outras paróquias a sua organização.

Um ponto que merece uma observação mais consistente diz respeito a questão fé e política. Em todas as respostas recolhidas das entrevistas é muito saliente expressões reforçando a tese de que no período inicial do grupo este binômio era muito forte. Alguns entrevistados citam:

“Espelhados no projeto de Cristo buscávamos conhecer os projetos dos partidos para ver qual se aproximava deste projeto; A participação acontecia pelo incentivo que se tinha em participar de partidos pelas coordenações; A relação fé e política era muito forte; havia muito divergência de idéias principalmente na política e sindicato; era uma relação muito forte e não raras vezes aparecia algum político em nossas reuniões; em época de eleição fazíamos discussões para analisar o melhor

candidato para votarmos; muitos de nós saíamos para fazer campanhas, entregando santinhos e colando cartazes de políticos; nos ajudamos a fundar o PT em Parobé”.

Nos materiais da PJ da década de 80 sobressaiam redações que buscavam dar uma orientação para a aproximação do jovem com a política. O subsídio, Jovens construtores da Nova Sociedade (1985, p. 25) afirma que “só teremos uma sociedade nova, se tivermos uma inserção concreta nas lutas do povo. Isso significa ter uma opção clara e definida por uma classe, os pobres no meio de nós”. Sem discutir o conceito de classe social, fica clara a proposta de levar os jovens da PJ por uma linha de ação muito próxima da política, pelo menos é o que se observa neste recorte trazido por Castro (2002) em seu trabalho de análise da Pastoral da Juventude de Novo Hamburgo. Tanto este material citado como vários outros, trazem indicações de que à vontade de aproximar os jovens das ações políticas partidárias era uma constante nas produções gráficas da PJ. Era uma época onde se via a política como a grande ferramenta que temos para construir a sociedade justa e fraterna como Deus quer. Com o aval dos assessores religiosos vários retiros de formação foram organizados cuja temática era a questão do jovem e seu engajamento na política. Tudo o que foi descrito até agora neste parágrafo nos dá um bom embasamento para justificar as respostas dos ex-jovens do MOJOG, ou seja, que havia uma estreita relação, tanto de discurso como de prática, entre o binômio fé e política e que, de uma forma bem explícita a própria igreja respaldava tal atitude.

Em uma resposta se salienta que mesmo havendo uma boa discussão sobre política não eram unânimes as defesas sobre a inclusão deste tema no meio de um grupo de jovens, tanto que, segundo os jovens entrevistados, em algumas reuniões muitos não aceitavam que se incluísse na pauta do grupo a visita de um político ou a definição sobre a quem dariam apoio e voto. Devido a essas divergências muitos jovens saíam do grupo, uns por acharem que o mesmo estava mais para um partido político e outros porque os jovens não queriam saber da política e, portanto não passavam de *“um bando de alienados que só queriam festa e reza”*. Uma entrevistada afirmou que desejou sair do grupo porque percebeu que este não abrangia todo seu desejo de mudança social, ela, portanto optou em procurar um partido político. Segundo esta mais tarde levou boa parte dos membros do MOJOG a se filiar neste partido.

Aprofundando mais análise sobre esta resposta consegue-se perceber a forte influência que o subsidio produzido pela PJ exerceu sobre os jovens “pejoteiros” na época inicial do MOJOG. Muitos avaliam como positivo a formação política e ideológica que receberam durante os anos em que estiveram participando do referido grupo de jovens, sem, no entanto perceberem que tal influência era uma estratégia da própria pastoral influenciada pela conjuntura social a qual exigia da igreja tal posicionamento. Portanto quando afirmam que os jovens “pejoteiros” de hoje são despolitizados estão fazendo um juízo de valor embasado no modelo de alguns jovens da década de 80, onde estar envolvido com alguma ação política era uma espécie de “estar na moda”. Se a justificativa para ser politizado é estar filiado ou envolvido com ação política de movimento, corre-se o risco de ignorar muitos indivíduos que, mesmo fazendo ações de campanha distante de partidos e da própria ação política institucional, contribuem para transformações sociais, tanto no espaço local com mundial; cito como exemplo as ONGs, em especial o Greenpeace. Por fim será que contribuindo para uma discussão sobre ecologia não é fazer política? Krischke (2000, p.85) afirma que “a crescente preocupação com balanço ecológico revela uma mudança das preferências desenvolvimentistas das sociedades (...) uma manifestação (dentre várias) de uma alteração mais profunda nos valores dos indivíduos”. O que ele quer dizer é que fazer política hoje vai além da institucionalidade, ser politizado, portanto é estar envolvido com qualquer ação que busque uma melhoria na qualidade de vida, seja ela explícita ou não. Isso me leva, portanto a constatar que estamos perante uma nova espécie de politização do social, enquanto temas e estratégias políticas parecem estar mudando progressivamente.

Outro ponto que gostaria de analisar sobre o binômio fé e política diz respeito a questão da busca pelo “projeto de sociedade pregado no evangelho de Cristo” e que, segundo eles, deveriam descobrir em qual partido esse projeto estava inserido.

Esse discurso possui um peso ideológico muito grande porque se por um lado afirma-se haver um projeto de sociedade baseado no ensinamento cristão, por outro se subentende que há entre os partidos existentes um que se aproxime deste projeto. Esse caráter indutório desvela a intenção de levar os jovens mais próximos de um partido político, tanto que muitos dos “pejoteiros” foram assíduos participantes de partidos e outros atualmente são líderes partidários de várias agremiações. Quando um jovem coloca que não raras vezes apareciam em suas reuniões um

“político”, logicamente que isso ocorria porque estavam em um momento histórico onde muitos líderes sociais, não só da igreja, buscavam nos grupos de jovens, não apenas o voto, mas principalmente militantes para aumentar o poder de ação entre os cidadãos. Esses jovens que se engajavam nas campanhas políticas tornavam-se o elo entre os partidos e os grupos, muitas vezes eram eles que montavam pautas de debates políticos e “abriam” o grupo para agentes políticos que, como já referido queriam a aproximação com a Pastoral de Juventude e seus jovens.

7.2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS JOVENS DO MOJOG “DE ANTES” E O “DE HOJE”

Observando as expressões recolhidas dos atuais jovens do MOJOG e fazendo uma espécie de comparação com as respostas obtidas durante as pesquisas entre os ex-jovens do grupo, se constata alguns pontos que permaneceram quase inalterados no transcorrer destes mais de vinte anos, e outros que se alteraram consideravelmente.

Inicialmente vou procurar salientar os pontos que permaneceram semelhantes, entre eles está a questão da vontade de valorizar os pontos considerados positivos e obscurecer a observação dos pontos eventualmente negativos. Penso que isso é mais uma questão de sobrevivência do que propriamente de ser uma falsidade. Todos nós de uma forma ou de outra somos levados a enaltecer nossos feitos e minimizar nossas falhas, logicamente que estes entrevistados seguiram este mesmo princípio. O melhor exemplo disso é a questão da visão de serem “*persistentes até o fim*”, ou seja, “*estarem dispostos a enfrentar dificuldades, não esmorecerem e se for preciso quebrar barreiras*”. Outro ponto que penso ser semelhante é a questão da busca por novas amizades, que segundo Dick (2001, p. 20) nesse período o jovem vai aprender essa amizade como jovem e não mais como tida durante sua infância: “é uma maneira mais terna de sairmos de nós mesmos e deixar que o outro penetre em nossos porões”. Tanto os jovens de hoje como os de antes do MOJOG citam que o ser jovem é uma passagem física e que buscam a festa e o prazer como algo alcançável e que justifica a sua existência.

Entre tantas coisas que permaneceram inalteradas as questões das campanhas assistenciais são as mais salientes. Tanto o MOJOG de antes como o de hoje tem nestas campanhas algo que serve de motivação para sua articulação e sua importância. Vários entrevistados citaram que o grupo é reconhecido na comunidade por puxar a frente de ações assistenciais como em prol das famílias carentes, da criança ou de alguns enfermos. Foi comentado que os jovens do grupo utilizaram e utilizam o teatro como forma de angariar fundos para ajudar as crianças: *“além de deixar elas alegres pela nossa apresentação conseguimos arrecadar alimentos e roupas as quais distribuimos entre os carentes daqui dos arredores”*. Além do teatro ficou marcante na história do grupo o tal baile em estilo gauchesco, o qual foi comentado anteriormente: *“Nesta atividade se envolve além do grupo, a comunidade e a sua diretoria por que se lida com dinheiro e a responsabilidade pelas dívidas é dela”*. Os dois comentários citados sinalizam que há um reconhecimento que ficou permanente na história do grupo, ou seja, que os eventos (teatro e baile) iniciados pelo grupo na década de 80 são atualmente revividos e se percebe que a comunidade participa assiduamente e solidariamente.

Com relação aos pontos divergentes merece destaque a visão do jovem e o futuro, a relação do grupo com a Pastoral de Juventude, o ponto alto de manifestação de fé e a visão sobre fé e política. O quadro abaixo tem a função de tornar mais clara essa divergência.

O MOJOG	DE “ANTES”	DE “HOJE”
O jovem e o futuro	O hoje era uma preparação para o amanhã. As várias manifestações sempre salientavam o jovem como algo que deveria ser preparado para quando fosse adulto, ou seja, para o futuro.	Não se encontra nas entrevistas nenhuma manifestação sobre o jovem no futuro, mas é muito salientado a sua ação hoje, o que são e o que fazem, gostam de pensar o seu momento, “o jovem é o agora”.

O MOJOG e a PJ	Tinha uma relação muito forte e havia um “liberado” que os acompanhavam. Os temas eram definidos nas assembléias diocesanas e repassados pelas coordenações aos grupos. A articulação com outros grupos e com a igreja era muito próxima. Tinha um assessor religioso específico. Os jovens se intitulavam “pejoteiros”.	Atualmente quase inexistente articulação entre eles e não há “liberado” diocesano. Os temas são muito particulares e definidos pelo próprio grupo. A diocese não definiu um assessor religioso para acompanhá-los. Não se reconhecem como “pejoteiros”, mas sim como “mojogueiros”.
Ponto alto de manifestação de fé	Caminhada jovem= tinha um caráter de manifestação política, articulada com outras paróquias e grupos, definidas pelas coordenações e ocorria em uma comunidade específica a cada ano.	Via - sacra = Muito particular da paróquia de Parobé e do grupo, possui um caráter religioso e articula alguns jovens de grupos diferentes, mas sem a orientação da coordenação da PJ diocesana ou paroquial.
Visão sobre fé e política	Muito forte, com caráter ideológico e partidário, ligado à teologia da libertação. Buscava-se através desse binômio uma futura mudança na estrutura social. Ação de movimento.	Não se observa muita ênfase neste binômio, há uma visão mais prática da política, sem definição ideológica ou partidária. Não reconhecem a articulação destes conceitos, desconhecem as linhas teológicas. Buscam nelas mudanças para o seu cotidiano.

Se colocarmos as expressões dos ex-jovens do MOJG e dos atuais frente a alguns conceitos sociológicos vamos perceber que existe hoje um novo olhar da juventude sobre o seu cotidiano e sobre a sociedade em geral. Por exemplo, na questão do coletivo é perceptível que hoje os jovens pensam em algo muito mais próximo, ao alcance de suas relações, serem “mojogueiros” é mais importante que ser “pejoteiro”, ou ainda estar concatenado com grandes movimentos sociais.

Diferentemente destes, os ex-jovens do MOJOG sonhavam com uma mudança estrutural mais ampla, o que mais valia era a existência e o fortalecimento de uma grande estrutura articulada e saliente, neste caso a Pastoral da Juventude. Portanto, primeiro era importante solidificar a PJ a qual dava direcionamento e sustentação aos grupos, para depois pensar no próprio grupo, sendo assim para muitos serem da PJ vinha antes do “ser do MOJOG”. Percebe-se que há uma clara distinção sobre o coletivo, aos primeiros é uma espécie macro-mundo e aos atuais um conceito mais micro. Vivia-se no grupo com a consciência da existência de algo superior, ou seja, que este seu MOJOG estava articulado com uma coordenação diocesana a qual se ligava a uma coordenação regional, que era monitorada pela igreja. Hoje muitos jovens pouco sabem dessa estrutura organizacional e os que sabem pouco valor dão a ela. Não se quer dizer com isso que essa é uma atitude “inferior” as anteriores, mas quer se reconhecer que é isso que tais manifestações expressam.

As articulações entre grupo paroquiais praticamente perde a importância quando o conceito de coletividade esta representado apenas nas relações intragrupo.

A atual sociabilidade juvenil demonstra que as relações grupais não são tão amplas, nota-se uma pulverização de grupos, no entanto são pequenas e as relações aparentemente são mais intensas, há, portanto maior complementaridade e comprometimento pela manutenção de laços afetivos. Não podemos ver essa “nova” sociabilidade como algo isolado e momentâneo, mas sim algo como valor cultural. Salles e Bega (2006, p.54) consideram que “pensar numa cultura juvenil significa levar em conta, de imediato, a multiplicidade de formas de sociabilidade existentes para a vida cotidiana dos jovens, marcada por relações grupais”. Não significam apenas as relações manifestadas nas instituições socializadoras tradicionais como a família, igreja e escola, mas também em agrupamentos como dos jovens de torcidas organizadas, grupos de *punks*, *darks*, *hip - hop* ou de grupos religiosos como o MOJOG.

No conceito convívio atualmente se nutre a vontade da convivência festiva, ou seja, geralmente quase toda atividade que propõe uma proximidade física e que necessita de uma maior permanência de indivíduos jovens em um determinado local, o elo que os mantém é o lúdico, como por exemplo, a festa. Se observarmos as ações dos ex-jovens do MOJOG em relação às atividades de massa, se constatava uma rigidez ideológica na qual tudo estava ligado ao motivador dela,

tanto que as manifestações individuais (portar bandeira, repetir palavras de ordem, levar cartazes) ou as coletivas (cantar, caminhar, protestar) seguiam um padrão quase que militar onde qualquer atitude que se desvirtua a cena era logo desqualificada. A festa deveria ser em um momento apropriado, sempre após se encerrarem todas as atividades programadas que geralmente eram longas palestras, discursos ou missas. Atualmente tudo começa a partir da festa, as ações individuais e coletivas estão umbilicalmente articuladas com a necessidade de festejar. Até os projetos são feitos de maneira alegre, são menos sisudos e catedráticos. Essa “nova” maneira de se manifestar apresenta uma espécie de inversão na metodologia que se tinha nas décadas passadas. A respeito dessa realidade Balardini (2005, p.106) cita que “somam-se jovens dispostos a participar de ações embasadas nos aspectos lúdicos, com um componente expressivo - comunicativo que indica a presença inovadora da cultura juvenil”.

As motivações para debates e atividades do MOJOG antigo diferem muito do atual, pelo menos é o que se consegue retirar das entrevistas e das observações feitas. Segundo análises nos relatos dos ex-jovens do grupo as ações tinham uma intenção de responder ao apelo feito pela própria Pastoral de Juventude que articulada com outros movimentos sociais questionava a conjuntura da época. Os temas tratados no grupo tinham um caráter mais global e tanto a política como a religiosidade se ampliava para um projeto além fronteiras do próprio grupo. Um bom exemplo disso eram os temas ligados a caminhada jovem que seguia uma “tendência” da época, ou seja, de contestação, onde eram constantes as manifestações de massa e onde o individual se “perdia” no coletivo, não havia uma preocupação com os problemas mais pessoais ou de cada grupo, a tônica era o global, o externo. Estes conceitos eram os que dariam a base para a propaganda “nova” sociedade. Observando os cantos da época inicial do MOJOG, que eram utilizados nas Caminhadas de Jovens, percebe-se a nítida idéia de trabalhar para uma mudança social.

Corroboro com PJ em Canto (anos 90, p.14):

Somos gente nova, vivendo a união/ somos povo semente da nova nação (...) somos comunidade povo do senhor/ (...) vou convidar a criançada e a juventude (...) desempregados, pescadores, desprezados e os marginalizados/ venham todos se ajuntar/ a nossa marcha para uma nova sociedade/ quem nos ama de verdade pode vir que tem lugar.

Percebe-se neste exemplo que a intenção é envolver o jovem “pejoteiro” com problemas muito mais amplos do que o seu dia-a-dia e despertá-lo para uma ação de movimento, muitas vezes sem este ser questionando ou mesmo sem saber se ele quer que seja este mesmo seu problema. No canto a baixo se propõe:

De acordo com PJ em Canto (anos 90, p. 23):

Tudo muda se a gente batalhar/ se a gente não lutar nada vai mudar/
é preciso estar unido pra acabar com a opressão/ só assim é que a
gente viverá um mundo irmão/ (...) neste mundo o desmando ocupou
o seu lugar/ e deixou a nossa gente sem ter como se virar/ e se a
gente não batalha, tudo vai continuar.

Penso que neste canto a comunicação com a juventude busca ser mais incisiva, formando uma onda de ação cuja finalidade é a união e conseqüentemente a transformação social, levando assim a já referida “nova sociedade”.

Na observação dos cantos atuais apresentados aos jovens, se constata que eles não possuem a mesma estrutura e nem a mesma forma de indução de outrora para uma ação política de movimento. Nos dois exemplos a seguir se observa apenas uma tênue manifestação de mudança e uma clara intenção de despertar no jovem uma esperança pessoal para que se construa uma sociedade de paz.

*“Um novo céu e uma nova terra/ é o que ousamos sonhar/ regar a vida de fina
esperança/ é o que ousamos buscar/ (...) mover montanhas através do amor/ na
ousadia do nosso cantar/ ousamos sonhar (boletim do 5º encontro estadual de
jovens, 2006)”.*

*“É bonita de mais, é bonita de mais/ a mão de quem conduz a bandeira da
paz/ é a paz verdadeira que vem da justiça irmão/ é a paz da esperança que nasce
dentro do coração/ é a paz da verdade, da pura irmandade do amor/ paz da
comunidade que busca igualdade (boletim do 5º encontro estadual de jovens,
2006)”.*

Além dos cantos, também a questão da visão dos jovens sobre o binômio fé e política, demonstram uma clara distinção entre os dois momentos do MOJOG, ou seja, do que iniciou e o atual. Nas expressões recolhidas entre os entrevistados se observa que há uma dupla interpretação sobre este binômio, pois aos primeiros jovens, fundadores do grupo, se enquadram um tipo de ação política de movimento

e aos atuais é mais uma ação política de campanha. A maioria dos ex-jovens do MOJOG entrevistados citou que conheciam as linhas partidárias da época, pois era um período onde se debatia muito dentro do grupo a questão da política de direita e de esquerda, capitalismo e socialismo e até práticas de políticos da região e do país. Citam também que muitos materiais de partidos e de candidatos circulavam entre eles em algumas reuniões, principalmente em épocas próximas às eleições. Entre os atuais jovens do grupo isso não foi mencionado, possivelmente por que isso não ocorra e era bem provável que não teria a mesma aceitação dado as ponderações anteriormente mencionadas destes sobre a política.

Constatou-se também que pelas suas expressões sabiam perceber a relação bem articulada entre a fé daquele período com a política, ou seja, tinham a consciência de que participavam de um momento histórico em que a igreja buscava em certas circunstâncias fazer o papel de muitos movimentos sociais. Cabe salientar que esta observação é direcionada aos jovens do MOJOG, pois não se está afirmando que é característica de toda juventude da época, no entanto tal observação pode servir de parâmetro para muitas análises pertinentes a esta juventude.

As relações políticas da década de 80 direcionavam seus agentes a buscarem a democratização dos meios institucionais, pois por muito tempo isso não acontecia devido ao longo período da ditadura militar em nosso país. A Pastoral da Juventude, tal quais as outras pastorais sociais da igreja, se inserem neste cenário promovendo uma formação continuada aos seus líderes para propagarem entre os jovens e a comunidade a busca por uma abertura democrática e por um governo popular. Constantemente se encontrava em subsídios da PJ textos criticando o regime militar e defendendo a democracia, pois além de indicar a seus jovens, maneiras de se organizarem, ela dava pistas de como resistir ao regime e lutar pelo seu fim. De uma maneira muito subliminar este sentimento se observa nas expressões dos ex-jovens do MOJOG, os quais vivenciaram o final deste período.

Os atuais participantes do MOJOG possuem uma visão bem mais prática da política o que os distancia dos ex-jovens. Logicamente que isso ocorre porque a conjuntura é outra e os jovens também são outros, no entanto gostaria de salientar que neste trabalho se busca saber qual ou quais pontos se destacam nesta diferenciação e não se quer dar um grau maior de importância a uma ou a outra visão. Foi constatado que esta maior visão de praticidade sobre a política deve-se a

idéia de que ela não é tão poderosa, mas é algo capaz de trazer benefícios mais imediatos, no entanto necessita de uma vontade pessoal caso contrário isso não ocorreria. Eles acreditam que há na sociedade mecanismos com maior capacidade de alterar a realidade do que a política e também com maior credibilidade, citam como exemplo a educação e sua religiosidade. Em algumas expressões dos atuais jovens se percebe que em se tratando de movimentos sociais dão mais importância as organizações não governamentais do que as clássicas organizações como sindicato ou partido político. Relacionando esta idéia com a dos ex-jovens do grupo se tem a clara diferença de que se para os anteriores a participação política era um estágio superior ao grupo, aos de hoje o grupo é um segmento da sociedade e da sua própria vida com mais validade do que muitas instituições sociais, entre elas a própria política. Outro ponto divergente é que a visão atual sobre política é mais ligada a campanhas assistenciais (os de antes eram de grandes movimentos) onde vale muito mais uma campanha do agasalho, uma ação de cunho ecológico do que uma manifestação política. Não é a toa que estamos passando por um período onde diariamente se observa o surgimento de várias ONGs, que em muitos momentos substituíam partidos políticos e órgãos governamentais em ações de maior eficácia social. Portanto se antes ser politizado era estar próximo de um partido ou participar de manifestações políticas clássicas, atualmente é estar envolvido com ações de campanhas, sendo voluntário ou associar-se a uma Organização Não Governamental.

Uma observação final se faz necessária para desmistificar o peso valorativo das duas formas de manifestação política. Penso que tanto as formas de manifestação política dos ex-jovens como dos atuais tem sua importância quando colocadas dentro de uma conjuntura específica. Se antes se dava maior importância aos partidos políticos hoje ela recai sobre as ONGs; se para os jovens que iniciaram o MOJOG ser politizado era ser filiado a um partido político ou se definir ideologicamente, hoje isso está direcionado a outro viés, que é a dos novos movimentos sociais, cujo conceito foi anteriormente descrito. Se as manifestações juvenis eram mais sérias e articuladas verticalmente, atualmente elas são mais livres, horizontais e lúdicas, no entanto sem perder sua seriedade, sua importância e a sua validade.

7.3. O QUE HÁ DE NOVO, VELHO? O MOJOG NA PERSPECTIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Após ter debatido acerca das abordagens teóricas sobre os movimentos sociais clássicos e sobre os novos movimentos sociais, se tentará ver se é possível ou não afirmar que o grupo MOJOG e, conseqüentemente, a Pastoral da Juventude do final da década de 80 e de hoje, se enquadram nas características dos movimentos sociais acima referidos. Portanto se buscará neste índice observar as características do MOJOG e da PJ de antes e de hoje e compará-las com aquelas contidas nos movimentos sociais clássicos e contemporâneos.

As teorias que buscavam explicar os movimentos sociais clássicos afirmavam que eles surgiam devido a insatisfação com a realidade social, portanto vinham de movimentos reivindicatórios que questionavam as diferenças sociais existentes nas décadas de 40 e 50. Alguns teóricos como Gohn (1997) chegam a relatar que os indivíduos tinham uma adesão quase cega e irracional aos movimentos sociais porque a situação os impulsionava a tomarem tal atitude. Como se vivia em uma realidade de constantes tensões sociais, cujo produto era o comportamento coletivo anteriormente mencionado, pode-se afirmar que os indivíduos agiam coletivamente porque a necessidade de se unirem era uma premissa fundamental. O que realmente buscavam era a quebra e a transformação da ordem social vigente. Percebe-se que neste momento os movimentos sociais tinham uma "missão" mais ampla do que solucionar apenas alguns problemas localizados e locais, pois eram possuidores de um aparente vigor ideológico que os tornava homogenizadores de vontades individuais.

Todas as características apresentadas e as argumentações feitas até aqui sobre os movimentos sociais clássicos, me ajudam a ponderar que em muitos aspectos o MOJOG e a pastoral da juventude da década de 80 apresentam pontos que justificam a argumentação de que possuem conceitos de organização e de estratégia de ação típicos destes movimentos. Nas observações e análises sobre este grupo consegue-se ver uma clara estratégia de ação quando, por exemplo, é salientado que a rigor suas atitudes enquanto grupo "pejoteiro" deveria buscar definir-se dentro dos conceitos estabelecidos por uma instância "superior", como as coordenações e assembléias tanto diocesanas como regionais. Há uma

manifestação de um ex-jovem do MOJOG salientando que *“a orientação para uma construção de pauta ou de manifestação do grupo seguia um plano definido em uma reunião mais ampla da PJ”*.

Os trabalhos feitos pelo grupo tinham uma conotação de insatisfação com a realidade, trazendo em seu bojo uma linha ideológica de racionalização muito maior do que o próprio grupo podia abarcar. Um bom exemplo disso é o envolvimento de seus membros com as lutas sindicais e de classes que levava meio de a reboque todo o grupo. Percebe-se que aparentemente havia naquele período uma militância política muito forte e de grande embasamento ideológico. Tal característica é segundo Balardini (2005) uma das premissas que cotidianamente fazia parte dos movimentos sociais clássicos, um período de grandes embates sociais e de manifestações populares. Assim como os movimentos sociais clássicos, os jovens do referido grupo da década de 80 faziam discussões acerca do cotidiano político do período e da linha marxista que estava muito em voga naquele momento. Muito das manifestações colhidas nas entrevistas sustentam esta observação e reforçam a tese de que eles estavam em consonância com os discursos dos movimentos desse período. Fazer passeata, caminhadas ou seminários de formação, onde a orientação política tinha sempre uma seqüência, nos instiga a afirmar que são nestas manifestações que se pode sustentar o MOJOG inicial e a PJ como um grupo de características muito próximas daquelas contidas nos movimentos sociais clássicos e muito bem embasadas pelos autores acima mencionados.

Vários pontos observados tanto no MOJOG como na Pastoral de Juventude da década de 80 os aproximam dos movimentos sociais clássicos, entre eles pode ser salientados, por exemplo, a ação concatenada com os outros grupos, como a caminhada jovem e os retiros de formação cujo referencial era a temática da organização da sociedade para uma transformação social. Tinham muita ênfase na capacitação constante de novas lideranças para que não se correr o risco de haver uma diminuição destes e um possível enfraquecimento do próprio movimento. Esta formação e capacitação de líderes fazia parte de uma estratégia de luta tanto interna como externa para uma inserção destes no espaço específico de convivência, tendo como norte um objetivo final que era a tomada de poder estatal. Conforme bem salienta Gohn (1997) os movimentos sociais clássicos tinham como meta a conquista do poder estatal, cuja intenção era melhorar a vida dos excluídos do sistema vigente.

O discurso dos jovens que iniciaram o grupo tinha uma consonância com o discurso proferido pela maioria dos militantes dos movimentos sociais da época, como luta social, exploração capitalista, busca por uma sociedade socialista, por um governo popular, etc. O ideário político do MOJOG era, fundamentalmente, o de buscar conscientizar os jovens de que estar naquele grupo era se colocar no primeiro degrau de uma escala militante, onde o passo seguinte seria a militância política através da participação efetiva em um partido político de esquerda, em especial o PT. A luta social deveria fazer parte de seu dia-a-dia; esta, no entanto, não deveria ficar apenas na teoria, deveria ser ampliada para uma prática consciente onde o norte seria a luta pelo poder do Estado. Este discurso era constantemente proferido para que se solidificasse o ideário ideológico existente na Pastoral da Juventude e provocasse nos jovens do grupo um despertar para a vida militante.

Seguindo minhas argumentações saliento que a PJ e o MOJOG dos anos 80 tinham, por exemplo, um discurso para as “massas”, isto é, uma preocupação com a conscientização política de seus militantes, uma busca incessante por ampliar o número de indivíduos conscientes de sua realidade e acima de tudo sabedores de que era possível reverter tal situação. Este discurso tinha um estreito vínculo com uma estrutura maior, cito aqui as coordenações paroquiais e diocesanas onde respaldavam as ações com subsídios e materiais didáticos previamente preparados. Havia assim uma definição programática e ideológica para uma estratégia de ação, tinha também uma presença forte de um líder engajado na luta social, cujo papel era dar sustentação ao discurso e a prática definida. Buscava-se com isso criar uma consciência de grupo e de pertencimento a ele e a sua estrutura, além de construir um desejo de mudança resultante da inquietação e da insatisfação com a realidade social. Estas características auxiliam o presente trabalho na formatação de uma justificativa teórica consistente de que a Pastoral da Juventude e o grupo de jovens do Guarujá (MOJOG) podem ser considerados em alguns pontos herdeiros do discurso e da prática estratégica de ação dos movimentos sociais clássicos, visto que se encontravam solidificados tanto em seus documentos como nas expressões obtidas durante o trabalho de pesquisa e de decodificação dos dados recolhidos, os traços peculiares dos movimentos acima descritos. Mesmo havendo alguns pontos que destoam do geral, há um considerável número de observações, tanto teórica

como empírica que justificam afirmação que se faz neste trabalho e que foram exaustivamente esplanadas durante toda a sua construção.

No entanto, afirmar que o MOJOG e a PJ dos anos 80, são fundamentalmente, movimentos sociais clássicos, poderia correr o risco de obscurecer certos pontos que destoam da classificação teóricas destes movimentos como, por exemplo, a grande rotatividade de jovens internamente no grupo, que por um motivo ou outro desistiam de participar dele, a constante criação e “morte” de grupos de “pejoteiros”, sem um período considerável de existência, além da interferência inibidora da Igreja quando o assunto era a política partidária, isto é, não dando a abertura de que o movimento necessitava. Estes exemplos acima aproximam a PJ e o MOJOG dos anos 80 de um viés mais contemporâneo, ou seja, a dos novos movimentos sociais, distanciando-os da caracterização de movimentos sociais clássicos.

Com relação aos novos movimentos sociais pode-se salientar que apresentam hoje alterações profundas no que tange a sua forma de estruturação, articulação e estratégia de ação. No final da década de 80 e mais profundamente na de 90 se passou a observar que os movimentos sociais recém surgidos apresentavam novas linhas de ação e um novo jeito de “ser”, além disso, os temas que entravam na pauta são novos e de interesse mais focado como, por exemplo, ecologia, feminismo, paz, direitos humanos, racismo, etc.

Por falar em novos movimentos sociais é necessário esclarecer o que seria este “novo”. Conforme Riechman & Buey (1994) os novos movimentos sociais não são mais que movimentos antigos em situações novas, mas penso que esta “nova situação” é o principal foco de análise para uma madura interpretação destes movimentos. Esta redefinição temática de ação resulta em movimentos sociais independentes, autogestionáveis e possuindo um menor número de participantes. Um exemplo mais claro destes são as organizações não governamentais (ONGs) e os mecanismos institucionais de democracia participativa, como por exemplo o Orçamento Participativo e os Conselhos Populares (da Criança, do Idoso, de Saúde, de Assistência Social, etc.).

Se antes as ações sociais eram mais homogêneas, atualmente são múltiplas e se constroem de forma momentânea, ou seja, começam a participar dos movimentos devido a busca por uma satisfação pessoal onde o norte é a solidificação completa da cidadania. No plano de sua orientação se definem como

tendo um ideário emancipatório onde a novidade é não seguir fielmente uma das grandes correntes ideológicas, muito visíveis nos movimentos clássicos; buscam uma linha mais aberta com pluralidade de ideários e de concepções do mundo. Estes novos movimentos buscam uma nova agenda social onde não desejam a tomada do poder, mas uma aproximação com ele, para que, através dos mecanismos institucionais do Estado, mesmo pensando globalmente, possam agir localmente, ou seja, buscar solucionar problemas mais próximos e mais imediatos. Com relação aos temas e as articulações pode-se observar que os Novos Movimentos Sociais (NMS) se desligaram de temas mais globais e buscam trazer ao debate aquele mais particular criando assim uma forma de resistência local contra um discurso globalizante, querem com isso buscar formas emancipatórias em relação ao pensamento único. Os NMS criam lutas articuladas com movimentos distintos, em uma espécie de rede, mas que reconhecem a sua especificidade. Em Scherer-Warren (1996) se salienta que as articulações destes Novos Movimentos Sociais não são apenas pontuais, elas possuem uma aproximação programática e faz desta uma forma de aumentar seu poder de pressão e de soluções mais rápidas as suas necessidades individuais, ou seja, mesmo a luta sendo coletiva se busca resolver problemas específicos. Em seu plano político em relação ao Estado, querem estabelecer um equilíbrio entre a força deste e a sociedade civil apontando modelos alternativos de prática administrativa e de distribuição de recursos versus as realidades administrativas existentes. Querem que o poder político se renove e seja mais atuante nas políticas públicas e sociais. Como formas de buscar isso do Estado investem contra a alienação do povo e tentam aproximá-los de sua estrutura onde sejam conhecidos como um movimento social prático e de resultado.

Observando as características dos novos movimentos sociais, seus objetivos e sua prática de ação pode-se apontar que em alguns aspectos o atual MOJOG e atual Pastoral da Juventude apresentam uma aproximação com eles, no entanto, da mesma forma como foi salientado sobre a comparação anterior, ou seja, entre os movimentos sociais clássicos e o MOJOG e a PJ dos anos 80, não se pode afirmar categoricamente que os atuais estão totalmente inseridos dentro de um cenário dos novos movimentos sociais, pois há elementos que não se enquadram e que inibem uma sólida afirmação.

Entre os aspectos que o MOJOG e a pastoral da juventude apresentam e que pode ser considerado novos movimentos sociais podemos descrever a sua

preocupação com temas específicos do cotidiano e que de certa maneira estão desconectados de estruturas mais amplas, como por exemplo, resolver com maior praticidade a situação de exclusão das famílias de sua comunidade. Um bom exemplo disso são as discussões acerca do jovem e a sua rejeição as estruturas totalizadoras como vistas nas expressões recolhidas das entrevistas com os atuais jovens do MOJOG, pode ser usado como exemplo a visão de que avia *“o jovem da PJ vinha trazer temas para ser trabalhado”*, neste contexto este jovem era alguém de uma estrutura superior, portanto não era um “mojogueiro”. Esta tendência emancipatória foi observada no material recolhido da pesquisa de campo e sob um olhar mais apurado pode-se afirmar que esta tendência está presente no grupo e que o classifica dentro do aspecto dos novos movimentos sociais. Também se observa como característica dos novos movimentos sociais uma visão mais prática da política e não tanto ideológica, como já citado, tem-se nela um mecanismo para soluções imediatas, mas com pouca crença na efetividade dos pedidos. Se observa ainda que existe no MOJOG uma grande rotatividade de membros e um apego maior ao seu grupo local e menos à estrutura da pastoral. Eles, em muitos casos, não demonstram concordância com as direções dos movimentos e possuem rejeição, há qualquer tipo de aproximação com mecanismos institucionais do Estado.

Ainda há outro elemento no atual grupo MOJOG e na PJ contemporâneo que pode ser considerado característica dos novos movimentos sociais que é a questão lúdica. Nas visitas feitas ao grupo e na participação de suas reuniões constatou-se que o lúdico era uma tendência forte entre os jovens, além disso, observa-se que os atuais encontros temáticos que ocorrem com outros grupos, sempre há uma busca por uma atividade com este perfil, senão há uma música, um teatro ou mesmo uma recreação, não se observa a mesma participação que anteriormente existia isso não significa um demérito, mas apenas uma constatação. Quando os jovens do atual grupo se expressam sobre este viés pode-se observar que há um maior interesse sobre a forma que vai ocorrer o encontro e se ficar nítido que haverá apresentação de uma banda, a vontade de participar é outra. Acompanhando algumas atividades de manifestação da Pastoral da Juventude nos últimos anos verifiquei que mesmo sendo uma atividade de caráter contestatório e reivindicativo se fazia com muita alegria e barulho, eram cartazes coloridos e músicas animadas, típico da atual juventude, portanto concatenada com os NMS.

Uma outra constatação que fiz ao pesquisar o MOJG e conseqüentemente a Pastoral da Juventude foi o número relativamente maior de meninas em relação aos meninos e, além disso, as coordenações apresentam fortes lideranças femininas. Como já sustentada por muitos autores, alguns aqui citados como Scherer-Warren, Reichmann e Buev, Gadea ou Krischke este aumento da participação feminina, em especial mais jovem, não só nos movimentos, mas também nas direções deste é uma nova característica dos movimentos sociais contemporâneos.

No campo das articulações entre grupos de movimentos distintos pode-se constatar que atualmente o MOJOG se aproxima da associação de moradores onde ativamente participa das promoções planejadas por ela e também em muitos casos tudo ocorre com o incentivo de alguns jovens membros da PJ. No campo do discurso é nítido que tentam buscar aproximação entre o que falam e o que fazem, não são tão sonhadores, mas percebi que tentam dar maior praticidade aos seus projetos.

Observei também que outra característica presente no MOJOG é a busca por uma autonomia financeira, ou seja, eles não têm a intenção de manterem-se organizados dependendo de uma ajuda financeira da comunidade ou da paróquia, como eles salientam: *"nós vamos a luta, mesmo que quebramos a cara, mas corremos atrás de grana para nossas atividades"*. Esta autonomia de corte financeiro pode se converter em um elemento importante no exercício de autonomia organizacional e das diferentes estratégias de ação tomadas, o que leva a compreender que, de certa forma, apresenta um traço mais característico dos chamados novos movimentos sociais.

Quanto aos pontos que podem destoar dos novos movimentos sociais e que estão presentes no MOJOG e na PJ, penso que se sobressaem ainda o saudosismo e a falta de preparo de muitas lideranças. Como bem salientado anteriormente por um jovem "pejoteiro" os líderes vão mais pela força ou a vontade do que pela sua anterior preparação. Quanto ao saudosismo faço referência na postura que tomam diante da avaliação dos jovens do passado em relação a eles, sem se desmerecerem colocam os ex-jovens como indivíduos mais firmes em seus propósitos, mais politizados e mais compromissados com as mudanças sociais.

O cotidiano atual do MOJOG é recheado de alternância valorativa na sua prática de ação, ou seja, para eles algumas coisas possuem hora, um bom peso valorativo hora, a mesma coisa não é tão valiosa assim. Isso percebi quando

questionei sobre sua manifestação de fé e também sobre sua participação política. Em ambos os conceitos ficaram claro que tinham importância maior dependendo da conjuntura, isto é, se ela fosse favorável, caso contrário não se atribuía tanto significado.

Também se observa que os passos do grupo são mais individuais, ou seja, não seguem um ordenamento de esfera superior. Não quero dizer que são individualistas, mas sim que procuram construir uma pauta sua ou que parta de alguém muito próximo do grupo. Os interesses atuais do grupo estão baseados muito na necessidade coletiva local, não são amplos e não muito raro se repete pautas porque alguns temas não ficaram bem solucionados. Nota-se que o sujeito social participante do grupo tem como objeto de interação a necessidade de ser reconhecido quanto tal, não participa do grupo porque tem um "sonho revolucionário", que ser mais sujeito da história do que um simples ator. É concreto no grupo o espírito de companheirismo e comprometimento coletivo, não percebi manifestações individualistas ou narcisistas. Mesmo sabendo que todo ser humano têm em si tais manifestações, na atual MOJOG tais intenções não são bem aceitas. Também é concreto que o atual grupo trouxe heranças dos principais fundadores e que bem ou mal avaliadas são nítidas, como por exemplo, o apego à comunidade, um vínculo forte com a catequese (mesmo que não há atualmente muitos catequistas), a forte organização e participação em campanhas do agasalho e de alimentos, além de um gosto pelo teatro.

CONCLUSÃO

Propusemos discutir neste trabalho o tema da juventude e os movimentos sociais. A grande questão inicial diz respeito aos olhares dos jovens, que atualmente participam de um grupo de jovens da Igreja católica vinculada a uma organização interna chamada de Pastoral de Juventude, sobre temas como ação social, fé e política, identidade juvenil, religiosidade e perspectiva de vida. Buscou-se construir uma análise destes utilizando como parâmetro os jovens que iniciaram o grupo na década de 80 e que atualmente adultos mantem um vínculo muito próximo da comunidade e conseqüentemente ao referido grupo de jovens, o MOJOG. Uma segunda questão proposta foi verificar se há dentro das manifestações e das ações dos membros do grupo características que possam ser definidas como dos movimentos sociais clássicos ou mesmo dos “novos” movimentos sociais.

Após muitas análises teórica e empíricas pode-se fazer algumas ponderações que tem um caráter afirmativo e conclusivo a respeito das questões acima citadas. Com a construção deste trabalho ficou perceptível que os movimentos sociais clássicos possuíam um viés teórico e de ação mais amplo do que os atuais, não necessariamente que isso os tornava mais importante, mas com certeza tinham um embotamento ideológico mais forte o que influenciava de maneira contundente as suas manifestações tanto coletivas como individuais. Outra constatação é que os militantes desses movimentos sociais tinham uma expressão mais “agressiva” no que tange sua manifestação ideológica e não admitiam que houvesse dentro destes movimentos atitudes individualistas e momentâneas, o que deveria permear era sempre o coletivo. Internamente desejavam a formação ideológica de seus membros e externamente suas ações tinham como objetivo a mudança conjuntural e a diminuição das diferenças sociais. Esses movimentos clássicos tinham uma orientação teórica muito próxima ao marxismo e viam na luta de classes uma motivação para a produção de embates sociais, não necessariamente seus membros vinham todos de uma mesma classe social, mas seus posicionamentos e suas ações saiam em defesa das classes menos favorecidas pelo sistema capitalista.

Quanto aos “novos” movimentos sociais por sua vez pode-se concluir que são mais autônomos quanto a grandes linhas ideológicas, ou seja, não necessariamente

“serram fila” ao lado de grandes correntes de pensamento como marxismo, liberalismo, capitalismo, neoliberalismo, etc. Verifica-se que buscam objetivos muito específicos e com uma ação mais focada sem grandes alianças verticais. Pode concluir-se também que a existência destes novos “tipos” de movimentos sociais deve-se a fragmentação da luta social e a crise dos grandes modelos ideológicos, que até o presente momento não mostraram convincentes transformações que a maior parte da população deseja. Penso também que há existência de um novo cenário social, como por exemplo, o neo-comunitarismo, o resgate as culturas locais e a multiplicidade de identidades individuais, favoreceu a proliferação destes vários movimentos sociais específicos, não menos combatentes, mas com um sistema de ação diferente dos clássicos como o investimento na profissionalização de seus quadros e aproximação com os mecanismos institucionais do Estado.

Pode-se concluir que atualmente os “novos” movimentos sociais consolidam a defesa dos direitos humanos, das minorias étnicas, das categorias de gênero e do meio ambiente, o qual, diga-se de passagem, um elemento que atualmente possui um forte apelo social e que é promotor do surgimento de várias ONGs ligadas a este tema.

Com relação à juventude que participava da PJ e sua visão de mundo de antes e de hoje pode se concluir que na década de 80 os jovens tinham uma visão de mundo em consonância com as ideologias presentes nos movimentos sociais clássicos, isto ficou evidente após as análises feita nas manifestações recolhidas na pesquisa de campo entre os ex-jovens do MOJOG. É necessário salientar que mesmo hoje eles sendo adultos se percebem que ainda permaneceu um peso ideológico em suas expressões. Tinham também presente que havia uma articulação interregional e uma estrutura organizativa que de certa forma direcionava os temas para debate e as manifestações de caráter reivindicatório. Estes jovens que fundaram o MOJOG se articulavam dentro de um espaço comunitário, no entanto possuíam uma visão de transformação social que transcendia este território, cito como exemplo às várias expressões anteriormente relatadas neste trabalho onde é perceptível a preocupação destes com as articulações políticas nacionais, com os descasos dos governos regionais em relação a políticas públicas para a juventude ou mesmo a questão da igreja e a sua relação com as linhas teológicas mais a esquerda. Por essa razão estes jovens eram facilmente cooptados por partidos de tendências socialistas, como por exemplo, o Partido dos Trabalhadores

ou mesmo o Partido Comunista do Brasil. Outra conclusão que se tira deste trabalho é que apesar desta cooptação parecer uma via de mão única, ou seja, a Pastoral da Juventude uma fornecedora de futuros líderes políticos, da mesma forma acontecia o inverso pois vários líderes que assumiam a PJ vinham das bases de partidos políticos, mesmo sendo em um número infinitamente menor isso certamente ocorreu.

Atualmente o que pode ser sustentado sobre a juventude “pejoteira” é a idéia de que as manifestações públicas a respeito da conjuntura social é mais contida e mais lúdica, contudo possui o mesmo vigor juvenil e o sonho de uma sociedade mais igualitária, mesmo não tendo o socialismo como proposta de administração para o país. Com relação aos temas se conclui que os jovens do MOJOG procuram hoje criar pautas específicas mais focadas em problemas do cotidiano comunitário onde que em vários momentos parecem desconectados das pautas trazidas por jovens das coordenações regionais da PJ. Os novos “mojogueiros” possuem um descrédito com relação a política partidária mas no entanto, pode-se concluir que sem a clara percepção da ação política fazem ela na prática quando tentam resolver problemas mas imediatos e mais visíveis para eles como por exemplo as já referidas campanhas solidárias de alimento ou de roupas.

Ficou nítido no final deste trabalho que os jovens que atualmente militam na Pastoral da Juventude continuam ainda próximos das lutas sociais, mas logicamente sem o mesmo embotamento ideológico de outrora o que se pode concluir com isso é que se antes as formas de ação estavam mais na linha de grandes movimentos atualmente está mais na trajetória das campanhas assistenciais, não menos valiosas mais certamente com resultado prático mais acentuado. Além deste item pode-se sustentar também que um ponto forte dos atuais jovens do MOJOG é sua manifestação religiosa ligada à teatralidade onde o ponto alto é a via-sacra, tido por eles como elemento de solidez para a existência do próprio grupo.

Entre os motivos para entrar no grupo cabe ressaltar que não destoa muito do que foi manifestado pelos ex-jovens do MOJOG, ou seja, apesar de haver algumas manifestações diferentes os interesses são muito parecidos, como a busca por amizade, conhecer algo novo ou mesmo por indução da família. Este último motivo é percebível quando nas entrevistas foi citada a íntima relação da família e a comunidade católica local.

Com um levantamento sobre a história da igreja católica brasileira desde os anos 60 para cá se conclui que ela posicionou-se entre dois caminhos, ou seja, de um lado seguindo a orientação da cúpula que tentava permanecer neutra aos problemas “mundanos” e de outro a orientação da base, lideradas por padres e religiosas, que tinham uma prática muito próxima aos movimentos sociais e defendiam a sua maior inserção na sociedade. Cabe ressaltar que durante os chamados anos de chumbo a Igreja como um todo foi forçada a defender a democracia e a proteger os seus religiosos e seus leigos que diariamente eram perseguidos pela ditadura. Nestes últimos anos com a abertura democrática a igreja, sob a orientação da linha mais conservadora a qual possui o cardeal Ratzinger hoje papa, seu principal defensor, se distancia das linhas progressistas e propõem um olhar mais contemplativo tendo como maior expressão no Brasil o movimento carismático. Como fazendo parte da estrutura interna da Igreja a Pastoral da Juventude também seguiu o mesmo processo de caminhada dela, isto é, se constata um abrandamento de temas que dizem respeito a análises sociais e um sólido aprofundamento em questões de cunho mais espiritual, buscando ser um conciliador de divergências do que um tencionador, o que anteriormente a tática era bem inversa. Lendo as matérias mais recentes desenvolvidos pela Pastoral da Juventude e analisando os seus cantos encontra-se um leque de temas que direcionam o debate interno dos grupos “pejoteiros” para uma linha mais intimista e, portanto com menos ênfase no social.

Sobre o MOJOG de antes cabe ressaltar que como outros grupos ligados a Pastoral da Juventude, possuía um vínculo muito estreito com as estruturas orgânicas desta pastoral, ao ponto de que sua forma de identificação tinha como visão o seu “encaixe” nesta estrutura onde que como relatado, em muitas vezes quase se anulava o conceito de grupo local para ser um apêndice do organograma montado pela PJ. Nas manifestações dos ex - jovens do MOJOG que foram entrevistados, não raras vezes se constatou que eles eram acima de tudo “pejoteiros” e que faziam questão de ter entre as coordenações, tanto paroquial como diocesana, alguém que fosse oriundo de seu meio, como atualmente isso não se observa mais, eles julgam tal constatação como negativo e estão sempre cobrando dos novos jovens a mesma atitude que outrora tinham. Pode se afirmar também que era um grupo mais familiar e tinha como princípio fundador a integração

dos jovens na comunidade, além de que buscavam a formação de seus membros tanto no campo da religiosidade como da política.

Ficou muito nítido também nas expressões dos fundadores do grupo o sentimento de saudosismo, cujo resultado aparece nas avaliações destes sobre o novo MOJOG e principalmente na sua forma de atuação que segundo eles, perdeu o sentido de regionalidade e se tornou apenas um grupo comunitário. Aqui reside outra constatação observada durante o trabalho que é a de que o grupo tinha uma aproximação muito grande com os movimentos sociais da época, tanto ligados a religião como aqueles mais distantes dela, cito como exemplo as caminhadas feitas junto com os Sem Terras, que por um período estiveram acampados em Parobé, e que causou furor na comunidade ver muitos de seus jovens erguendo bandeiras em prol da causa destes manifestantes que na época eram muito mais vistos como marginais do que um movimento social legítimo. Conforme relatos dos ex - jovens do MOJOG foram ativos também nas greves dos sapateiros do município e muitos sofreram sanções por parte de líderes da igreja, mas nitidamente não surtiram muito efeito.

Como já assinalado anteriormente as manifestações eram mais de grandes movimentos onde o ponto alto eram a busca por uma mudança social mais substancial do que propriamente local. Tratava o embate social como um passo no processo de caminhada para a “nova sociedade”, não se esquecia da formação ideológica e da sua aversão de temas considerados contrários aos seus.

Com relação ao MOJOG de hoje e os movimentos sociais podemos perceber que está de certa forma acompanhando a realidade conjuntural, ou seja, vive-se um novo período onde os grupos estão mais isolados em seus objetivos fins e só se articulam quando há um interesse maior o qual perpassa os vários desejos. A realidade dos novos movimentos sociais é uma articulação horizontal em forma de rede coletiva cuja intenção é tencionar os órgãos gestores do Estado para solucionar problemas mais amplos, mas que de uma forma ou outra atinge a todos em particular, com melhor exemplo disso é a questão ambiental. O grupo MOJOG apresenta uma conotação um tanto particular quanto a questão de sua relação com a institucionalidade, ou seja, há um desconhecimento quanto o seu papel na sociedade e uma aversão em se aproximar de instituições do Estado como, por exemplo, a política partidária. Penso que isso não o desqualifica como movimento social, mas de certa maneira o distancia das linhas defendidas pela PJ, ou pode ser

ainda considerado possuidor de uma nova roupagem dos movimentos sociais mais contemporâneos.

Um ponto que foi buscado pesquisar durante todo o trabalho e que podem se fazer algumas constatações é sobre atual juventude. É nítido seu caráter mais lúdico, não em um sentido de sua desconstituição, mas penso ser como forma de estratégia e metodologia de ação; que são mais predeterminados e menos românticos, tem intrinsecamente uma maior ansiedade, a qual pode ser em muitos casos motivador para confrontos com seus semelhantes mais adultos; são mais tribalistas do que mundializados, ou seja, preferem estar com alguém que se assemelha muito com si e que deseja o mesmo que ele é o espírito individualista de grupo; são mais urbanos e acha o centro das cidades o local preferido para sua manifestação social. Quanto a valores causa certa estranheza, mas ao contrário das divagações que se fazem, eles atualmente dão um considerável valor à família e à educação, vêem o trabalho como afirmação pessoal.

Finalmente o que é correto afirmar sobre o MOJOG atual é que está mais lúdico, cuja característica foi definido anteriormente, apegado a temas mais comunitários e que ativamente é participante de grandes campanhas solidárias de cunho assistencial, não necessariamente esquecendo de seu caráter juvenil e religioso. Fica, portanto claro que o MOJOG de antes estava inserido nos grandes movimentos sociais históricos de transformação global típico dos grandes movimentos de massa, que buscava nos jovens indivíduos cheios de vitalidade para os embates sociais típicos daquele período. Já o MOJOG atual vivencia temas e tensões sociais construídos na especificidade, trazendo preocupações mais locais inserindo no seu agir político a espontaneidade própria de um processo de redefinição da política como exercício do agir coletivo.

REFERÊNCIAS

ARGYLE, Michael. **A Interação Social. Relações interpessoais e Comportamento Social**, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BALARDINI, Sergio. **Qué hay de nuevo, viejo? Los câmbios y su contexto**. Chile: Revista Cepal, 2000.

BAUER, Martin e GAKEL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som; um manual prático. **Petrópolis: Vozes, 2002**.

BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em ciência sociais. São Paulo: Hucitec, 1998.

BIZ, Osvaldo. Participação Política: limites e avanços / Osvaldo Biz, Elizabeth Maria Kieling Pedroso. Porto Alegre: Evangraf, 1992.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. Como Fazer teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTRO, Clomar Júlio Dias de. **O engajamento político dos militantes da PJ da Diocese de Novo Hamburgo**. Tese de Dissertação. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

COLOMBO, Olírio Plínio. **Pistas para filosofar (I)**. Porto Alegre: Evangraf, 1992.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **O divino no Jovem - Reflexões sobre a teologia do jovem**. Porto Alegre: Evangraf, 2001.

_____. **Juventude Faz História. História da Pastoral da Juventude no RS (1983 – 1003) IPJ – Porto Alegre: Evangraf, 1995**.

DOMINGUES, José Mauricio. **Teorias Sociológicas no Século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EVERS, Tilman. **Identidade - A face oculta dos novos movimentos sociais**. São Paulo: Novos Estudos – CEBRAP, 1984.

FOLMANN, José Ivo. **Igreja, ideologia e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GADEA, Carlos A. **O ideal comunitário como resistência à modernidade global. Um estudo do movimento neo-zapatista de Chiapas**. Dissertação de mestrado em sociologia política, UFSC, Florianópolis, 1999.

_____ Acciones Colectivas & Modernidad Global. El Movimiento Neozapatista. Ed. Cigome, Toluca (México), 2004.

GAIGER, Luiz Inácio. **Por uma Sociologia Dialógica**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.

GONZALES FAUS, José Ignácio. **Desafio da Pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia Crítica: Alternativas de Mudanças**. Mundo Jovem. Porto Alegre. 51ª. EDIPUCRS. 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: Breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

INFORMATIVO DA PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. Porto Alegre, Nº 01. Novembro 2006.

INSTITUTO DE CIDADANIA - Documento de Conclusão. Projeto Juventude. São Paulo. SP, 2004.

KRISCHKE, Paulo J. **Aprendendo a democracia na América Latina: Atores sociais e mudança cultural.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____ **Ecologia, juventude e cultura política: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países de Cone Sul.** Florianópolis: UFSC, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. **Jovem em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e Pastorais.** São Paulo: Loyola, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: A tribalização do mundo/Michel Maffesoli; Tradução de Juremir Machado da Silva.** Porto Alegre: Sulinas, 1997.

MAINWARING, Scott. **A igreja católica e a política no Brasil (1916 - 1985).** São Paulo: Brasiliense, 1989.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sócias.** Universidade degli Studi di Milano. Revista Young: v. 4, n 2, p. 3-14. 1996.

_____ **A invenção do presente; Movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Vozes, 2001.

PASTORAL DA JUVENTUDE. **Alguns aspectos que todo pastoralista deseja saber.** PJ – Sul .3. Porto Alegre: EVANGRAF, 2001.

PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS - Marco Referencial. CNBB. Porto Alegre: Evangraf, 2003.

PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL - Plano Bienal: 2002 - 2003 - 20 anos de garra e ousadia. CNBB. CCJ. Brasília - DF, 2002.

PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL - Plano Trienal: 2002 - 2004 - Ousamos olhar para frente. CNBB. Brasília - DF, 2002.

PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL - Juventude e conflitos sociais: O ensino social da igreja apresentado aos jovens. IPJ. POA, 1987.

PJ EM CANTO - As canções dos grupos de Jovens do Rio Grande do Sul. PJ – Sul 3. Passo Fundo: Gráfica Pe. Berthier, 1995.

POLÍTICA & SOCIEDADE: Revista de sociologia política - Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em sociologia política. Florianópolis: V. 5 Nº 8. Ed. Cidade Futura. 2006.

PEIXOTO, Angelita Vargas. **Parobé seu povo sua história**. Porto Alegre: Posenato Arte& Cultura, 1990.

PETRY, Almiro. **Os movimentos sociais e a sociologia: Os estudos sobre os movimentos sociais nos anos 90 e perspectivas para o século XXI**. Revista do PPG em Ciências Sociais da UNISINOS. São Leopoldo : Vol. 158. UNISINOS, 2001.

SALEM, Tânia. **A aventura sociológica** - Texto: Entrevistando Famílias – Notas sobre o trabalho de campo. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

SCHERER - WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. São Paulo. Loyola, 1993.

RIECHAMANN, Jorge; BUEY, Francisco Fernandes. **Redes que dan libertad - Introducción a los nuevos movimientos sociales**. Buenos Aires. Paidós, 1994.

TOURAINÉ, Alain. **Um nuevo Paradigma para comprender el mundo**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

WINKIN, Yves. **Descer ao Campo in: A nova comunicação**. Campinas: Papyrus, 1999.

ANEXO

Questionário para a pesquisa de campo:

Aos que iniciaram o grupo MOJOG:

- 1- O que é para você ser jovem?
- 2- Quais eram os motivos que os levavam a participarem de um grupo juvenil religioso como o MOJOG?
- 3- Quais eram as ações sociais que o MOJOG mais participava e por que eram essas?
- 4- A Pastoral da Juventude definia plano e metas ao grupo? (em caso de afirmativo quais eram?).
- 5- Quais eram as manifestações de fé mais praticada pelo grupo MOJOG quando você participava?
- 6- Quais eram os temas mais debatidos no grupo?
- 7- O que você pensa da ação do MOJOG atualmente?
- 8- Qual era a relação fé e política (partidos, sindicalismo, educação) no MOJOG quando você participava dele?

Aos jovens que hoje participam do MOJOG:

- 1 – O que você pensa sobre ser jovem?
- 2 – Quais são os motivos que os levam a participarem do grupo MOJOG?
- 3 – Quais são as ações sociais que o MOJOG participa atualmente?
- 4 – Qual a relação do MOJOG com a pastoral da juventude?
- 5 – Quais são as manifestações de fé mais praticada pelos membros do MOJOG?
- 6 – Quais são os temas mais debatidos no grupo MOJOG atualmente?
- 7 – O que você pensa da ação do MOJOG na época em que ele iniciou?
- 8 – Qual a relação que o grupo ou você, faz dos conceitos fé e política?

Questionário e suas respostas compiladas, trazidas pelos jovens que iniciaram o grupo MOJOG.

1. O que para você ser jovem?

O jovem é o futuro; transforma seu tempo em aprendizagem; quer curtir a vida; ter ideais de mudanças; é quebrar regras com responsabilidade; período que se busca autoafirmação; é curioso em relação a vida; é não olhar a idade, mas sim o estado de vida e a vontade de fazer algo novo; período de participar das festas, excursões, jogos esportivos, onde se cria motivos para se encontrar; abraçar uma causa; levar algo iniciado até o fim.

2. Quais eram os motivos que os levavam a participarem de um grupo juvenil religioso como o MOJOG?

Para conhecer mais as pessoas, porem mais tarde foi tomando outros rumos; por convite de alguns amigos, diziam que era legal; para aumentar o circulo de amigos; uma ocupação para o fim de semana; para ajudar a comunidade e a igreja junto as pastorais; devido a um ideal de ajuda; desafio de mudar as coisas; porque fui criado dentro de uma família que participava da comunidade, fazíamos isso em nossa cidade natal.

3. Quais eram as ações sociais que o MOJOG mais participava e por que eram essas?

Campanhas do quilo e do agasalho; visita as famílias carentes do bairro, participação na catequese, campanha da fraternidade e auxilio nas missas; festas para as crianças (todo ano); mutirão para a construção da igreja; participação em manifestações de jovens e de trabalhadores, também em romarias como a da terra e do trabalhador.

4. A Pastoral da Juventude definia plano e metas ao grupo? (em caso de afirmativo quais eram?).

Na maioria das vezes sim; muitos faziam relação à vida do jovem; a liberação de alguém para nos orientar e fazer uma articulação entre os grupos; definia-se que deveríamos participar da caminhada jovem e de cursos de formação; tínhamos uma orientação paroquial e diocesana muito forte; vinham subsídios para uma ação articulada e de apoio aos grupos.

5. Quais eram as manifestações de fé mais praticada pelo grupo MOJOG quando você participava?

Além das tradicionais, como as missas e retiros, a caminhada jovem, que era realizada no Dia Nacional da Juventude (DNJ), era o nosso ponto alto. Preparávamos também teatros sobre temas bíblicos e sociais, passeatas e catequese.

6. Quais eram os temas mais debatidos no grupo?

Em geral temas do momento com um perfil de conscientização com a realidade; como fazer mais jovens participar do grupo; como estava o jovem na sociedade; problemas da família, da política, da sociedade (desemprego, religião, exclusão social); A manipulação dos meios de comunicação que incentivava os jovens ao consumismo.

7. O que você pensa da ação do MOJOG atualmente?

Não vejo alguma; atualmente não existe; os jovens não querem compromissos; a juventude está um pouco apagada; não interagem com a comunidade da mesma forma que os jovens de antes; quase não existe mais, atualmente está desorientada, talvez porque ela não tenha a mesma expectativa e necessidade que tínhamos em relação a vida; parece que os jovens querem chegar logo aos 18 anos, ter sua moto, seu carro e um tênis de marca; o grupo ficou sem líderes e com poucos jovens atuantes.

8. Qual era a relação fé e política (partidos, sindicalismo, educação) no MOJOG quando você participava dele?

Espelhados no projeto de Cristo buscávamos conhecer os projetos dos partidos para ver qual se aproximava deste; A participação acontecia pelo incentivo que se tinha em participar de partidos, coordenações paroquiais, diretorias de comunidades, como forma de contribuir para uma sociedade melhor; a relação fé e política era muito forte, para nós era muito séria estas questões, havia muita divergência de idéias principalmente na política e sindicato; nos identificávamos muito com o partido dos trabalhadores, mesmo que isso nos levasse a brigar com nossos “patrões” ou até mesmo perder o emprego, pois tínhamos um ideal; queríamos uma mudança social e pensávamos que isso viria através de um movimento de jovens de certa forma hoje conseguimos; era uma relação muito forte e não raras vezes aparecia algum político em nossas reuniões; muitos de nós saíamos para fazer campanhas políticas e sindical, distribuíamos “santinhos” e colávamos cartazes de nossos candidatos, alguns do nosso grupo ajudaram a fundar em Parobé o PT em 1985; fazíamos greves e manifestações de rua; se discutia muito assuntos em torno da teologia da libertação a qual nos influenciou e também ao pároco da época; os jovens participavam massivamente da Romaria da Terra; tínhamos vontade de mudar o mundo, sede de justiça, me sentia uma revolucionária dos anos 70; este sentimento me afastou um pouco do grupo MOJOG pois tinha um desejo que estava além do que ele podia me dar passando a ser muito radical; em época de eleição fazíamos discussões para analisar o melhor candidato para votarmos.

Questionário e suas respostas compiladas, trazidas pelos atuais jovens do grupo MOJOG.

1. O que você pensa sobre ser jovem?

Ser participativo; é ter compromisso; assumir seus atos; ter uma visão aleatória; disposições para várias ações; muitas idéias positivas; ter força para mudar o mundo; atualmente são muito “parados”; conformados com o mundo; querer ser independente; é a mudança da infância para a fase adulta; uma fase mais complicada e mais instigante; cria sua própria personalidade; cria uma batalha consigo mesmo.

2. Quais são os motivos que os levam a participarem do grupo MOJOG?

Amizade, festa, diversão; aprendizado para a vida; curiosidade (querer saber o que acontece dentro de um grupo destes); por causa dos outros participantes (interesse pelas meninas ou meninos do grupo); para mostrar a cara; pedir seus direitos; vontade de mudar; vontade de protestar.

3. Quais são as ações sociais que o MOJOG participa atualmente?

Via-sacra (ponto forte que mostra nossa religiosidade na prática); campanha do agasalho; festas no dia da criança; preparação de missas, participação em liturgias; baile tradicionalista (típico à gaúcho); palestras.

4. Qual a relação do MOJOG com a pastoral da juventude?

Muito ampla; vários participantes estão ou estavam nas coordenações dela; inicialmente boa, mas depois a base se distanciou dela; a saída de muitos jovens para a PJ enfraqueceu o grupo.

5. Quais são as manifestações de fé mais praticada pelos membros do MOJOG?

Via-sacra; retiros espirituais; missa; na catequese.

6. Quais são os temas mais debatidos no grupo MOJOG atualmente?

Amizade; união; políticas públicas; temas da atualidade; festas; amor (em vários sentidos); torneios esportivos e temas bíblicos.

7. O que você pensa da ação do MOJOG na época em que ele iniciou?

Tínhamos um pensamento da época; Tínhamos um pensamento da época; idade; amigos que se reuniam; jovens com boas intenções; fortalecia o

vínculo do jovem com sua comunidade e com a sociedade em geral; jovens com boa vontade de fazer um mundo melhor.

8. Qual a relação que o grupo ou você, faz dos conceitos fé e política?

A juventude continua vivendo muita a fé e a política; fé é a certeza que pode fazer, a política é a maneira de fazer; é uma relação humanitária e necessária na vida de cada um de nós, mas muitas vezes não procede dessa maneira; para o MOJOG a fé sempre foi o essencial, acreditando sempre na palavra de Deus e a política defendendo os objetivos do grupo e de sociedade, ou seja, sempre defendendo o que era melhor para o grupo e a sociedade.